

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

MARCELO LIMA MELNITZKI

*As regras espirituais são tão exatas e positivas  
como as das ciências materiais.*

As representações sobre a ciência no *Jornal Espírita*.

Porto Alegre, década de 1930

Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Helder Gordim da Silveira

Orientador

Porto Alegre

2010

MARCELO LIMA MELNITZKI

*As regras espirituais são tão exatas e positivas  
como as das ciências materiais:*  
As representações sobre a ciência no *Jornal Espírita*.  
Porto Alegre, década de 1930

Dissertação apresentada como requisito parcial à  
obtenção do grau de Mestre em História junto ao  
curso de Pós-Graduação em História da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador Prof. Dr. Helder Gordim da Silveira.

Porto Alegre, junho de 2010

MARCELO LIMA MELNITZKI

*As regras espirituais são tão exatas e positivas  
como as das ciências materiais:*  
As representações sobre a ciência no *Jornal Espírita*.  
Porto Alegre, década de 1930

Dissertação apresentada como requisito parcial à  
obtenção do grau de Mestre em História junto ao  
curso de Pós-Graduação em História da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

APROVADO em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Lubisco Brancato

Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> René Gertz

Prof. Dr. Helder Gordim da Silveira - Orientador

## Catlogação na Fonte

M527r Melnitzki, Marcelo Lima

As regras espirituais são tão exatas e positivas como as das ciências materiais : as representações sobre a ciência no Jornal Espírita : Porto Alegre, década de 1930 / Marcelo Lima Melnitzki. – Porto Alegre, 2012.

160 f.

Diss. (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-Graduação em História, PUCRS.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao final desta longa caminhada impõem-se um dever de memória e de gratidão, um desafio que procurei responder recuperando o papel das diversas pessoas e instituições que tornaram possível concretizar esta dissertação.

Agradeço inicialmente, à atenção e presteza da direção da Sociedade Espírita Allan Kardec (SEAK), principalmente, a Silvia Raim, funcionária da biblioteca, que abriram as portas da instituição para que eu pudesse elaborar o primeiro esboço do projeto.

A Paulo Hecker Filho (in memoriam) pela confiança em disponibilizar parte do acervo de seu pai para um desconhecido que apareceu em sua casa interessado em pesquisar sobre a imprensa espírita. Os primeiros exemplares do *Jornal Espírita* emprestados por ele são o marco inicial deste trabalho.

A Presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul (Fergs), Gládis Pedersen, pela acolhida e incentivo, durante os muitos meses de pesquisa na biblioteca da instituição. Tempo no qual gozei de ampla liberdade de consulta junto aos diversos conjuntos de documentos.

Aos trabalhadores voluntários da Fergs ligados as atividades de organização do seu acervo e preocupados com sua preservação, Gioconda, Marli Bastos Estima, Marilene Huff, João Muller, e especialmente, Celina Cordova pelas inesquecíveis tardes de discussões sobre a história do Espiritismo. A generosidade e apoio deles foram fundamentais para que eu tivesse acesso aos diversos exemplares do jornal de Paulo Hecker e incorporasse novos elementos de análise nesta dissertação.

Aos amigos e companheiros envolvidos na pesquisa sobre a história do Espiritismo no Estado, José Roberto Dias e Sinuê Neckel Miguel, exemplos de competência acadêmica, e que permitiram por suas lúcidas colocações a ampliação da visão sobre a temática.

Aos amigos do mestrado, especialmente, a Mônica Karawejczyk, Bianca Costa e Ione Castilho, pelo constante incentivo e carinho, e pela fundamental troca de idéias. Sem este trio, com suas recomendações sempre pertinentes, as coisas seriam bem mais difíceis.

Aos funcionários do PPGH, especialmente, a Carla, pela incansável atenção, segurança e competência.

As minhas amigas de quase toda uma vida, Silvana da Cunha Soares e Noris Mara Leal, não tenho palavras para descrever o quanto foram e são fundamentais em todos os meus projetos.

Aos professores do PPGH, especialmente a Profa. Dra. Sandra Brancato, minha orientadora na primeira fase desta pesquisa. As aulas da disciplina História e Imprensa abriram novas perspectivas metodológicas, que se tornaram fundamentais nesta pesquisa.

Ao meu orientador, na fase final do mestrado, Prof. Dr. Helder Gordim da Silveira, pela orientação competente e segura, e por ter aceitado o desafio de me acompanhar num momento difícil e fundamental da minha vida acadêmica.

Ao curso de Pós-graduação em História da PUCRS pela estrutura oferecida para realização desta dissertação e a Capes pelo suporte financeiro que permitiu a execução da pesquisa.

Aos meus pais Estevão Melnitzki e Celicia Lima Melnitzki, aos meus irmãos Marcio L. Melnitzki e Márcia L. Melnitzki, pela compreensão, incentivo, amor e apoio em todos os sentidos. Sem vocês esta caminhada seria literalmente impossível.

E acima de tudo agradeço a Deus, inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas.

## RESUMO

Nesta dissertação procuramos analisar as representações sobre a ciência nos artigos e editoriais do *Jornal Espírita*, em Porto Alegre, na década de 1930. A partir da metodologia da Análise de Conteúdo (AC) buscamos identificar os argumentos utilizados pelos articulistas do jornal para (re)afirmar a cientificidade do Espiritismo, estreitamente ligados a forma como procuravam fazer representar a sua doutrina, como um conhecimento científico a semelhança das ciências exatas. Através desta abordagem conseguimos perceber que este enfoque sobre a doutrina espírita guardava relações com contexto histórico marcado por um forte viés racionalista, e que transpareceu na leitura intensiva dos argumentos dos colaboradores do jornal de Paulo Hecker. Tomado como fonte/objeto deste estudo o *Jornal Espírita* nos permitiu, também, uma melhor compreensão da repercussão a nível local de uma discussão mais ampla, ligada a história do Espiritismo no país, marcada pela divisão entre científicos e místicos.

**Palavras-chave:** Espiritismo. Imprensa. História. Ciência. Representações.

## **ABSTRACT**

In this thesis we tried to analyze the representations of science articles and editorials in the Journal Spiritist in Porto Alegre, in the 1930s. From the methodology of content analysis (CA) seek to identify the arguments used by newspaper writers to (re) asserting the scientific spiritism, closely linked to how sought to represent his doctrine as a scientific knowledge of the similarity of Sciences accurate. Through this approach we can see that this focus on the spiritual doctrine kept relations with the historical context marked by a strong rationalist bias, and what transpired in the intensive reading of the arguments of members of the newspaper Paul Hecker. Taken as a source / object of study in the Journal Spiritist also allowed a better understanding of the local impact of a broader discussion, linked to the history of Spiritualism in the country, marked by division between scientists and mystics.

**Keywords:** Spiritualism. Press. History. Science. Representations.

## LISTA DE GRÁFICOS E ILUSTRAÇÕES

<b>Gráfico 1</b> – Distribuição dos artigos e editoriais nas duas categorias “O Espiritismo como crítica a ciência” e “ O Espiritismo identificado com a ciência” .....	58
<b>Gráfico 2</b> – Distribuição de artigos e editoriais nas categorias “ Crítica ao materialismo” e “Ataque aos cientistas” .....	58
<b>Gráfico 3</b> – Distribuição dos artigos e editoriais na categoria “O Espiritismo identificado com a ciência” .....	59
<b>Ilustração 1</b> – Experiência de materialização feita por Crookes.....	99
<b>Ilustração 2</b> – Fotografia materialização parcial.....	100
<b>Ilustração 3</b> – Título de matéria sobre materialização .....	101
<b>Ilustração 4</b> – Paulo Hecker, em 1957.....	158
<b>Ilustração 5</b> – Paulo Hecker, em 1951 .....	159
<b>Ilustração 6</b> – Fac-símile do <i>Jornal Espírita</i> , 1935.....	160

## **LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1</b> – Listagem dos jornais espíritas em Porto Alegre .....	31
<b>Tabela 2</b> – Quantidade de jornais consultados e nº de artigos e editoriais com o tema ciência e Espiritismo .....	55

# SUMÁRIO

Lista de Gráficos e Ilustrações .....	8
Lista de Tabelas .....	9
INTRODUÇÃO .....	11
<b>CAPÍTULO I - O <i>Jornal Espírita</i>: a imprensa e o jornal</b>	
1.1 Esboço da trajetória da imprensa gaúcha e a inserção da imprensa espírita .....	26
1.2 O <i>Jornal Espírita</i> : um perfil .....	33
1.3 A abordagem do <i>Jornal Espírita</i>	
1.3.1 Considerações sobre a Análise de Conteúdo (AC) .....	50
1.3.2 A análise do <i>Jornal Espírita</i> .....	52
<b>CAPÍTULO II - O Espiritismo como crítica à ciência</b>	
2.1 Entre diferenças e semelhanças: um rápido panorama .....	63
2.1.1 Neo-Espiritualismo ou Moderno Espiritualismo .....	64
2.1.2 O Espiritismo .....	70
2.1.3 O Espiritismo no Brasil.....	74
2.2 O Espiritismo e o materialismo .....	81
2.3 O Espiritismo e o ataque aos cientistas .....	89
<b>CAPÍTULO III - O Espiritismo identificado com a ciência</b>	
3.1 O Espiritismo, metapsíquica e a parapsicologia .....	103
3.2 O Espiritismo como uma ciência singular .....	115
3.3 O Espiritismo como herdeiro da tradição científica.....	128
CONCLUSÃO .....	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	143
ANEXOS.....	152

## INTRODUÇÃO

Acreditamos que nos dias de hoje, de grande pluralidade das formas religiosas, não seria estranho falar de uma religião “científica”. Mesmo que esta associação entre ciência e religião tenha algo de inusitado para muitos, a diversidade acaba por atenuar o estranhamento. No entanto, na metade do século XIX, na França, as rígidas fronteiras entre as explicações teológicas e as de caráter científico foram rompidas por uma doutrina, causando grande interesse e repúdio em cientistas e religiosos, principalmente os de orientação católica.<sup>1</sup> Esta doutrina intitulava-se Espiritismo; apresentava-se como uma “religião científica”, capaz de conciliar os métodos da ciência - observação, experimentação, análise, sínteses - e os postulados de caráter religioso.

O Espiritismo não tardou a chegar ao Brasil, dentre outras razões, pela forte influência francesa sobre o país.<sup>2</sup> Mas também pela curiosidade despertada pela apropriação do método das ciências exatas. De estrangeirismo importado e objeto de curiosidade, o Espiritismo logo firmou sólidos alicerces entre os brasileiros.

Esta doutrina encontrou uma base sólida principalmente entre os intelectuais e nas regiões onde os postulados de caráter científico compunham, mais fortemente, o centro das discussões e a norma para organização da sociedade. O que acreditamos aplica-se ao Rio Grande do Sul, haja vista o seu grande número de espíritas.<sup>3</sup>

Conforme Angélica Boff,

Observe-se que o Espiritismo conquista largo espaço na sociedade, o que se pode depreender, a começar, da documentação histórica por mim pesquisada, a qual se encontra – e se encontrava, na época – amplamente divulgada e dispersa nos mais diversos setores da sociedade(...) O ponto de partida desta legitimação parece ser a atribuição de status científico a ele, e

---

<sup>1</sup> Em *O que é o Espiritismo* Allan Kardec traz na forma de diálogo com um padre os principais argumentos contrários ao Espiritismo, entre os quais surge a questão dos dogmas religiosos católicos, que são afrontados pelos espíritas com as idéias de reencarnação, a negação das penas eternas, entre outras. **KARDEC**, Allan. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1998. p. 133

<sup>2</sup> Refiro-me, mais especificamente, mais Membros da colônia francesa no Rio de Janeiro Casimir Lieutaud, diretor do Colégio Francês, Adolphe Hubert, editor do *Courrier Du Brésil* e a médium psicógrafa Mme. Perret Collard. Ver: **MACHADO**, Ubiratan Paulo. *Os intelectuais e o espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis*. Niterói: Lachâtre Editora, 1996. p. 65-66

<sup>3</sup> **CAMARGO**, Candido Procópio F. de. *Católicos, protestantes, espíritas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973. p.19, 28 e 183. No Rio Grande do Sul 1,68% da população se declaravam espírita em 1940, e em 1950 este número sobe para 2,77%.

sobretudo, o fato de este ser desenvolvido e difundido por uma elite econômica e cultural.<sup>4</sup>

Antes, porém, de explicarmos formalmente a escolha do tema, o recorte temporal, de apontarmos para o crescente interesse acadêmico que pode justificar este estudo e explicitarmos o aporte metodológico e teórico que orientam esta pesquisa, acreditamos que são perfeitamente legítimas apontar as motivações de ordem mais subjetiva, que inspiraram esta dissertação.

No momento em que escrevemos esta introdução, está próxima a estréia de um filme<sup>5</sup> sobre a vida e obra do médium mineiro, conhecido em todo país, Chico Xavier. Uma reportagem da TV<sup>6</sup> apresenta entrevista com o ator que no filme faz o papel do médium, que, por acaso ou não, tem o mesmo sobrenome do médium, Xavier, Nelson Xavier. Antes da entrevista e de propriamente falar sobre o filme, a apresentadora diz que no Brasil hoje são mais de 2 milhões<sup>7</sup> de espíritas e um número, talvez, ainda maior, daqueles que acreditam na reencarnação, numa vida após a morte do corpo físico e um novo retorno a Terra.

Sem dúvida, a nossa primeira motivação, aquela mais arcaica, remete a minha condição de espírita. Faço parte destes dois milhões de brasileiros que acreditam no Espiritismo. E consigo perceber claramente que deste o início da minha vida acadêmica, em 1992, o Espiritismo sempre foi um tema sobre o qual desejei desenvolver algum trabalho. Principalmente sobre sua face científica, pois o binômio ciência e religião, na doutrina espírita era, sem dúvida, o que mais me chamava a atenção. No entanto, o período, apesar de não tão distante, por que estou falando do início dos anos 90, ainda de algum modo era hostil a temas como história do espiritismo no Brasil. O Espiritismo era mais objeto de trabalhos da sociologia ou da antropologia. O interessante é que nesta mesma década começou a surgir uma série de trabalhos sobre a história do Espiritismo, como os de Sylvia Damazyo e Emerson Giumbelli<sup>8</sup>, utilizados nesta dissertação.

---

<sup>4</sup> **BOFF**, Angélica Bersch. *Espiritismo, alienismo e medicina: Ciência ou fé? Os saberes publicados na imprensa gaúcha da década de 1920*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado defendida na UFRGS, 2001. p. 30

<sup>5</sup> **Ficha Técnica**: Título: Chico Xavier, Gênero: Drama, Tempo de Duração: 125 mim. Direção e Produção: Daniel Filho, Co-Produção: Globo Filmes e Espaço da Luz, Roteiro: Marcos Bernstein. Disponível em: [www.chicoxavierofilme.com.br](http://www.chicoxavierofilme.com.br)

<sup>6</sup> RBS TV Jornal do Almoço 25.03.2010

<sup>7</sup> Segundo dados do IBGE do ano de 2000, o número de espíritas no Brasil corresponde a 1,6 % da população, o que perfaz aproximadamente o valor apontado nesta reportagem. Disponível em : <http://www.ibge.gov.br>

<sup>8</sup> Refiro-me a **DAMAZIO**, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. e **GIUMBELLI**, Emerson. *O Cuidado dos Mortos. Uma história da Condenação e Legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

O Espiritismo no Brasil desde meados do século 19, quando começam a circular os primeiros jornais e foram fundadas as primeiras sociedades e casas espíritas<sup>9</sup>, até os nossos dias, vê aumentar o número de seus adeptos. Segundo os dados estatísticos apresentados por Candido Camargo, em 1940 o número de espíritas no país era de 463.400, correspondendo a 1,1% da população, e, em 1950, o número sobe para 824.553, 1,6% da população brasileira. No Rio Grande do Sul para o mesmo período, registra que 1,68% da população se declaravam espírita em 1940, e em 1950 este número sobe para 2,77%. Num quadro comparativo entre os estados da federação, o Rio Grande do Sul ocupava em 1950 o quarto lugar em número de espíritas, ficando atrás do antigo Distrito Federal, Goiás, e do estado do Rio de Janeiro, com 2,77% dos espíritas do Brasil.<sup>10</sup>

Em dados estatísticos recentes, publicados pela imprensa<sup>11</sup>, o número de espíritas no Brasil no ano de 2000 chegava a 2.288.290 adeptos, correspondendo a 1,35% da população, e o Rio Grande do Sul aparece com 187.615 adeptos.

No período inicial, o Espiritismo no Brasil despertou a atenção de uma camada da população formada por intelectuais e pelas classes medias. Uma justificativa para este fato, se tomarmos os argumentos de Candido Camargo, está no desejo de inovação de uma minoria intelectual, que através do pensamento científico, se dispunha a estudar e investigar os fenômenos mediúnicos, rejeitando os dogmas católicos, incompatíveis com as aspirações intelectuais de parte da população urbana.<sup>12</sup> Estes grupos eram formados, via de regra, por engenheiros, oficiais militares, administradores públicos, parlamentares,<sup>13</sup> além de jornalistas, professores, farmacêuticos e advogados como Paulo Hecker diretor do *Jornal Espírita* na década de 1930.

Mas a partir de meados da década de 1930, quando começa a se popularizar a mediunidade de Francisco Candido Xavier (Chico Xavier), e se inicia a sua vasta obra mediúnica com mais de 400 títulos e 25 milhões de livros vendidos,<sup>14</sup> o Espiritismo, de

---

<sup>9</sup> Apresentaremos no corpo da dissertação os principais marcos da trajetória do espiritismo no país, limito-me agora a identificar na Bahia a criação do primeiro jornal espírita *O Echo d' Além Túmulo* e o primeiro grupo espírita no Brasil **O Grupo Familiar do Espiritismo**, ambos fundados pelo professor e jornalista Luis Olímpio Telles de Meneses. In: MACHADO, Ubiratan. *Os intelectuais e o Espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis*. Niterói: Publicações Lachatrê, 1996. p.73

<sup>10</sup> CAMARGO, Candido Procópio F. de. *Católicos, protestantes, espíritas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973. p.19, 20, 23, 28,183. Candido Camargo esclarece, no entanto, que o crescimento no Espiritismo está associado ao fato de que o “*Espiritismo engloba parcela de adeptos da Umbanda que se declaram espíritas.*” Ele também associa o crescimento da Umbanda e do Espiritismo ao desenvolvimento das zonas urbanas.

<sup>11</sup> *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, 15.04.2007, Ano: 43, nº 15.205, p. 46.

<sup>12</sup> Op. Cit. p.163

<sup>13</sup> *Revista História da Biblioteca Nacional* Ano 3 nº 33 junho 2008. p. 15

<sup>14</sup> Em uma rápida visita a Internet podem-se obter os números de exemplares vendidos. No site [www.globo.com.br](http://www.globo.com.br), a marca de 25 milhões de livros até o ano de 2006. Chico Xavier nasceu em 1910, em Pedro

doutrina restrita a um número pequeno de interessados, passa a se tornar um fenômeno religioso e editorial. Uma rápida ida às bancas ou às livrarias pode confirmar que o Espiritismo é hoje tema sempre presente. Não faltam revistas, diversas obras mediúnicas, entre elas os populares romances espíritas. Este interesse da população passou a despertar outro, o da academia. Em São Paulo funciona o Grupo de Estudos Espíritas da Unicamp (GEEU), com inúmeros artigos de cunho histórico, filosófico e científico, incluindo discussões sobre a filosofia da ciência e o espiritismo.<sup>15</sup> No Rio Grande do Sul, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), funciona desde o início da década de 1980, um núcleo de pesquisa sobre as questões que envolvem a espiritualidade, ligado a FACED. Este núcleo desde os anos 2000 passou a ser denominado de NIETE (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Transdisciplinares sobre Espiritualidade) ligado à Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS. O núcleo tem como um dos seus objetivos, expressos no seu endereço eletrônico, produzir conhecimento sobre a espiritualidade, articulando-os com as áreas de conhecimento da Universidade e com propostas decorrentes de paradigmas emergentes.<sup>16</sup> Ele tem reunido em seus encontros representantes de grupos espíritas, desejosos de buscar um intercâmbio com a universidade e com o saber acadêmico, além de reunir espíritas que desenvolvem trabalhos acadêmicos na graduação e pós-graduação. Somando-se a estas, poderíamos citar outras iniciativas ligadas com a preocupação de preservar e divulgar os acervos documentais sobre o Espiritismo, como, por exemplo, a Fundação Espírita de Pesquisa Científica (FEPESCI), criada em Goiânia, destinada a cumprir o papel de agência de fomento à pesquisa, ao estudo e à divulgação da ciência espírita, e que trabalha na formação

---

Leopoldo, Minas Gerais. Filho de família pobre, aos cinco anos fica órfão de mãe, e, assim como ele, seus vários irmãos foram entregues a parentes. Com a idade de sete anos, seu pai casou-se novamente, e a família foi reunida. Aos dezessete perde a madrasta, e devido a dificuldades de seu pai, fica responsável pelo sustento dos irmãos e da família. Os fenômenos mediúnicos que acompanham desde ainda muito criança, levam-no a aproximar-se do Espiritismo. Na década de trinta lança o livro *O Parnaso de Além Túmulo*, com poesias psicografadas de vários poetas brasileiros, dentre eles, Castro Alves, Casimiro de Abreu, Augusto dos Anjos,.... Este livro foi o marco inicial da sua psicografia, e depois dele mais de 400 livros foram escritos através da psicografia de Chico Xavier. Depois de vários anos de atividades mediúnicas, em 2002, com 92 anos de idade, Francisco Cândido Xavier faleceu em Uberaba, onde viveu grande parte de sua vida. In: Revista *A Reencarnação* Ano: XXXVIII Porto Alegre Dezembro de 1971.

<sup>15</sup> O acesso ao Grupo de Estudos Espíritas (GEEU), aos diversos artigos publicados pode ser realizado pelo endereço: <http://www.espirito.org.br>. Sobre o GEEU Bernardo Lewgoy afirma “que este grupo, tem uma relação não oficial com a Unicamp, não reconhecimento que não chega a perturbar os seus membros, pois estes consideram que a ciência espírita não é acadêmica no mesmo sentido que as demais, mas de outra ordem, contentando-se com a manutenção do próprio nicho.” In: LEWGOY, Bernardo. *Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista. Antigas e novas configurações*. Civitas, Porto Alegre v.06 n°2 jul-dez. 2006. p. 163 Para a nossa dissertação o importante é destacar o interesse de membros da academia sobre o tema, pois este grupo reúne filósofos, historiadores e sociólogos, da própria universidade. Se somente se constituem em um grupo de estudos, este grupo, no entanto, se reuni no espaço da universidade e seus membros estão a ela associados.

<sup>16</sup> Maiores detalhes podem ser obtidos no endereço eletrônico do NIETE: <http://www.prorext.ufrgs.br/nucleos/niete/index.htm>

de um Centro de Documentação Histórica e Científica do Espiritismo.<sup>17</sup> E o Centro de Documentação Espírita de Pernambuco, que guarda os mesmos objetivos e propostas. Ambas as iniciativas são promovidas por grupos de pesquisadores ligados a sociedades e grupos espíritas, fora do ambiente propriamente acadêmico, mas que não comprometem a validade das suas motivações e denotam que o movimento também possuiu uma preocupação com sua história e memória. E se tomarmos a dimensão do Espiritismo na sociedade brasileira, no panorama religioso do país, estas iniciativas somam-se às de caráter mais acadêmico na conformação de um campo de estudos, sobre um fenômeno religioso que interessa a várias áreas do conhecimento, dado o número de seus adeptos e o interesse que desperta na população.

Quanto a trabalhos e estudos relativos à história do Espiritismo, eles ainda, não são muitos freqüentes, se compararmos à produção da antropologia e da sociologia. Um sinal de uma mudança está em iniciativas como de Artur Cesar Isaia da Universidade Federal de Santa Catarina, em cujo curso de pós-graduação desenvolve trabalhos sobre a história da religião, ministrando, inclusive uma disciplina intitulada Religiões Mediúnicas no Brasil: Historiografia e Aspectos Teóricos.<sup>18</sup> Fora da academia, trabalhos de cunho histórico, apareceram recentemente em publicação como a revista *História da Biblioteca Nacional*, que trouxe em matéria de capa o título: *Espiritismo. A “crença de loucos” que conquistou o Brasil*, dedicando espaço privilegiado ao tema, com artigos de Emerson Giumbelli, Artur Cesar Isaia e Marco Aurélio ferreira da Silva.<sup>19</sup>

Sem nos estendermos mais, cremos que pelo exposto ficam claras as nossas motivações, o envolvimento e as justificativas para desenvolver um estudo desta natureza. Cabe-nos agora apresentar os objetivos, o recorte temático e temporal, as considerações sobre o tipo de fonte utilizada nesta pesquisa, as perspectivas teóricas e metodológicas.

Definimos como tema a ser analisado as relações entre espiritismo e a ciência, em detrimento de uma abordagem que privilegiasse questões de ordem moral e filosófica. Entender o Espiritismo a partir da questão moral ou religiosa, por exemplo, apesar de sua importância, não permitiria explorar a singularidade de uma doutrina que se apresentava como uma ciência. Nosso interesse girava em torno das idéias associadas a este conceito de ciência que os espíritas apresentavam. Quais eram, por exemplo, os argumentos utilizados quando se

---

<sup>17</sup>Jornal *Folha Espírita*, São Paulo, novembro de 1993, Ano: XX nº 236 p. 02 Acreditamos que este grupo, o FEPESCI, teve duração efêmera, mais atuante na década de 1990, mais é um exemplo do interesse sobre o tema e o desejo de preservar e formar acervos.

<sup>18</sup>Estes dados foram obtidos no site da universidade, mais especificamente no PPGH: [HTTP://www.pos.ufsc/historia](http://www.pos.ufsc/historia)

<sup>19</sup> Revista *História da Biblioteca Nacional* Ano: 3 nº 33 de junho 2008.

referiam à ciência? Como eles, os espíritas, se inseriam num contexto mais amplo de produção de conhecimento científico?

Este tema, bastante amplo, colocou-nos de imediato frente à questão de como iríamos abordá-lo. Esta temática poderia ser abordada de várias formas, desde um estudo aprofundado de Allan Kardec e suas relações com a ciência, e mais amplamente com a história da ciência. Ou mesmo através de seus continuadores, procurando identificar como a questão da ciência aparece em suas obras. Dentre as várias formas de tratá-lo optamos por investigar a relação ciência e espiritismo através da imprensa espírita no Brasil<sup>20</sup>, mais especificamente os artigos e editoriais do *Jornal Espírita*, em Porto Alegre. Apesar de não nos propormos a realizar um estudo propriamente comparativo, poderíamos compreender as possíveis releituras e as recorrências em torno da questão da ciência colocadas por Allan Kardec. Mas mais especificamente as representações em jogo quando se apresentava o tema ciência e espiritismo. A partir de quais referências os articulistas construíram o conceito de ciência Espírita? Havia diferenças em relação a Allan Kardec? Como eles se viam? Como eles perceberam o contexto mais amplo do campo científico? Propuseram uma ruptura com o conhecimento científico? Incorporaram outros elementos argumentativos para defender “sua” ciência? Acreditamos que esta fonte, a imprensa espírita, que é ainda pouco estudada, pois poucas são as análises que se debruçam sobre ela<sup>21</sup>, poderia ajudar-nos a respondê-las. Notamos que havia uma lacuna nos estudos que tratavam do Espiritismo a partir da imprensa, principalmente tomando-a como objeto de análise. Não havia muitos trabalhos que se aprofundassem na construção do perfil destes jornais, dos seus articulistas e de como eles tratavam os temas fulcrais da doutrina espírita. Optamos então, em centrar a análise num único jornal, o *Jornal Espírita* do advogado e farmacêutico Paulo Hecker, em cuja direção esteve à frente durante toda a década de 1930. Na construção do objetivo principal desta dissertação, procurei não partir de conceitos definidos *a priori* sobre o que era a ciência para os espíritas a partir das obras clássicas do Espiritismo e dos principais nomes do Espiritismo na França ou no Brasil, mas analisar as representações sobre a ciência no *Jornal Espírita*, em

---

<sup>20</sup> Os acervos, documental e jornalístico, das sociedades e Federações Espíritas são uma fonte rica, mas pouco explorada. A Federação Espírita do Rio Grande do Sul (Fergs), possui um acervo de jornais e revistas que totaliza mais de uma centena de títulos, inclusive exemplares de periódicos editados na Argentina, Uruguai e Portugal. Como, por exemplo, a *Revista Constancia* (Buenos Aires), o *El Espiritismo* (Buenos Aires), *Estudos Psíquicos* (Portugal), *La Fraternidad* (Buenos Aires), *La Luz Del Porvenir* (Espanha), *La Nota Espiritista* (Buenos Aires), entre diversos outros. Um acervo que permite se investigue as relações entre espíritas brasileiros e os dos países vizinhos. Maiores informações sobre o acervo da Fergs podem ser obtidas através do site <http://www.fergs.com.br>

<sup>21</sup> Refiro-me ao trabalho de José Roberto de Lima Dias sobre o jornal *A Evolução* em Rio Grande. Ver: DIAS, José Roberto de Lima. *A Evolução: um instrumento cultural da imprensa espírita no final do século XIX em Rio Grande*. Monografia de Especialização defendida na FURG, 2003.

Porto Alegre, na década de 1930, tendo como objeto de investigação os editoriais e artigos deste jornal. Num período em que passaram por ele os principais intelectuais espíritas de Porto Alegre, como poderemos ver em detalhes nesta dissertação, como o próprio Paulo Hecker, presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, no início da década de 1930. Uma década que, cabe destacar, foi assinalada pela difusão e propaganda do Espiritismo que lotava o Cinema Imperial no centro da capital, em meio aos festejos de comemoração do Centenário Farroupilha, em 1935.<sup>22</sup>

Para trabalhar nesta perspectiva, centrando nossa análise basicamente em uma única fonte/objeto, o *Jornal Espírita*, foi-nos preciso promover uma caracterização ampla da natureza e funções do jornal. Optamos mesmo em ir muito além das fronteiras da história para saber como os teóricos da notícia entendem o jornal. Na tentativa de recuperar os argumentos do campo da teoria da notícia e da história, promovendo um diálogo entre teóricos da notícia e historiadores, como o objetivo de evidenciar as possibilidades deste tipo de fonte/objeto, bem como os riscos envolvidos. Acreditamos que pelo fato de entendermos o *Jornal Espírita* como fonte e objeto de análise, esta longa exposição é plenamente justificável.

Há muito os historiadores se interessam pela imprensa, mas a discussão teórico-metodológica só ganhou corpo e profundidade com a História Cultural<sup>23</sup> na década de 1970. Os historiadores vão procurar compreender como o texto do jornal é produzido, qual a sua função e como podem utilizá-lo como fonte/objeto histórico.

Antes, porém, de nos atermos a como os historiadores utilizam a imprensa como fonte/objeto histórico, acreditamos que algumas considerações devem ser traçadas sobre como os teóricos da notícia entendem o texto jornalístico. Esta definição permite-nos compreender as várias mediações a que o texto do jornal está sujeito; uma discussão que pode informar o historiador sobre o uso deste tipo de fonte/objeto.

O que nos propomos não é uma oposição entre teóricos da notícia e historiadores. Não é opor um empirismo ingênuo que é atribuído, muitas vezes, aos jornalistas e a crítica às fontes, que é própria aos historiadores; entendida esta oposição *a priori* de maneira preconcebida. Mas a utilização das reflexões daquela área de conhecimento, de forma a contribuir no uso que podemos fazer desta fonte.

---

<sup>22</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVII nº18 Porto Alegre 16.09.1935. p. 03

<sup>23</sup> DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKI, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. Ed. Contexto, São Paulo, 2005. p. 112, 113 e 114. A autora refere-se às contribuições efetivas da História Cultural para as pesquisas com a imprensa. Se antes os *Annales* ampliaram o leque de fontes a disposição do historiador, é somente com a conformação da História Cultural que de fato emerge uma nova abordagem teórico-metodológica.

As teorias da notícia, desde a década de 1970, já apontavam para a crítica à neutralidade e à objetividade do discurso jornalístico. Demonstrando a impossibilidade de ser o texto um reflexo do real, colocando definitivamente em cheque a teoria do espelho, na qual a notícia era o reflexo do acontecimento e dos fatos, isenta da possibilidade de manipulação - consciente ou não - da parte do jornalista.<sup>24</sup>

Os trabalhos que se seguiram apontavam segundo Traquina, para o entendimento da notícia como uma construção, para o paradigma construtivista, que privilegia a inserção social do jornalista. Especialmente enfatizados pelas abordagens estruturalistas e etnoconstrutivistas.<sup>25</sup>

O que nos importa reter desta sucinta apresentação é a idéia de construção presente no texto jornalístico. Apesar da busca pela objetividade ainda permanecer no meio jornalístico.

Seguindo, ainda, a argumentação dos teóricos da notícia, encontramos uma série de afirmações sobre os caminhos que levam o acontecimento a transformar-se em notícia ou o acontecimento em informação do jornal.

Para que um acontecimento transforme-se em notícia, tem de se respeitar a idéia de uma seleção entre inúmeros outros acontecimentos, ou seja, admitir-se que é um acontecimento de natureza especial, distinguindo-se do número indeterminado dos acontecimentos. A idéia aqui é de um universo amplo do qual se destaca um acontecimento respeitando-se as regras de notabilidade, do excesso, falta e inversão, para ser definido como notícia.<sup>26</sup>

Adriano Duarte ao tratar da questão do acontecimento refere à existência de um outro tipo de acontecimento, o meta-acontecimento, presente na enunciação do próprio acontecimento. E assevera, “ao relatar um acontecimento, os media, além do acontecimento relatado, produzem ao mesmo tempo o relato do acontecimento como um novo acontecimento que vem integrar o mundo.”<sup>27</sup>

---

<sup>24</sup> **TRAQUINA**, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Unisinos, 2005. p.56 e 68

<sup>25</sup> Op. Cit. p.56, 64 e 116. A teoria estruturalista é aquela segundo a qual se enfatiza o papel dos mídia na reprodução da “ideologia dominante” (Hermann e Chomsky), e na etnoconstrutivista as notícias são o resultado de um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima(principalmente os acontecimentos) num produto (as notícias).

<sup>26</sup> **RODRIGUES**, Adriano Duarte Rodrigues. “O Acontecimento.” In: **TRAQUINA**, Nelson. *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*. Lisboa: Veja, 1999 p. 27 e 29

<sup>27</sup> Op. Cit. p. 31

E estes meta-acontecimentos não são meras representações do real - entendidas como meros reflexos da realidade-, mas recriam e interferem na construção do real, são carregados de valores e de avaliações sobre o mundo.

Outro dado importante no processo de transformação do acontecimento em notícia no jornal esta no fato “que as ocorrências tornam-se acontecimentos de acordo com a sua utilidade para um indivíduo que esteja a tentar (...) ordenar a sua existência.”<sup>28</sup>

Então, dar sentido a vida dos indivíduos e coletividades, é próprio do texto jornalístico, e constitui outro ponto que deve chamar nossa atenção quando lidamos com este texto, com o discurso do jornal.

Desta forma, não é demasiado que frisemos as mediações a que está sujeito o texto do jornal. Segundo Mouillaud,

o jornal[...] não está, [...] face a face ao caos do mundo. Está situado no fim de uma longa cadeia de transformações. [Ele] é um dos vários operadores sócio-simbólicos, sendo, aparentemente, apenas o último: porque o sentido que leva aos leitores, estes, por sua vez, remanejam-no a partir do seu próprio campo mental e recolocam-no em circulação no ambiente cultural.<sup>29</sup>

Aqui, ao seguirmos o pensamento de Maurice Mouillaud, podemos entender que o acontecimento (matéria-prima) é extraído de uma série de outros, por vários operadores sócio-simbólicos, sendo o jornal o último de uma cadeia. O autor vai além ao tocar na questão da recepção, ao mencionar os usos que os leitores fazem do que lêem, uso que muitas vezes escapa as intenções do jornalista/escritor.

Conforme expusemos os teóricos do jornalismo realizaram análises sobre o papel do jornalista e sobre a natureza do texto do jornal, principalmente, a partir dos anos setenta, quando a crítica à objetividade e à parcialidade ganham corpo entre os teóricos da notícia.

Foi nesta mesma época que o jornal deixa de ser considerada fonte secundária para o historiador e adquire um novo status. Segundo Tânia de Luca, “o estatuto da imprensa sofreu deslocamento fundamental [...] na década de 1970: ao lado da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica.”<sup>30</sup>

Podemos de modo sucinto afirmar que no que diz respeito à objetividade, neutralidade, que a crítica entre os historiadores se estabeleceu a partir da ruptura

<sup>28</sup> **MOLOTCH**, Harvey e **LESTER**, Marilyn. In: **TRAQUINA**, Nelson. *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”* Lisboa: Veja, 1999 p. 36

<sup>29</sup> **MOUILLAUD**, Maurice. *A crítica do acontecimento ou o fato em questão*. **PORTO**, Sérgio Dayrell. In: *O Jornal. Da forma ao sentido*. Brasília: UNB, 2002 p. 51

<sup>30</sup> **DE LUCA**, Tânia Regina. *Historia dos, nos e por meio dos periódicos*. In: **PINSKI**, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. Ed. Contexto, São Paulo, 2005. p.118

paradigmática dos *Annales* no final dos anos vinte. Momento no qual se ampliou o leque de fontes, incluindo a imprensa e o jornal.

Tânia de Luca arrola uma série de nomes de pesquisadores que contribuíram no Brasil para a alteração deste *status* através de estudos diversos temas ligados aos periódicos. Dedicando-se, inclusive, ao estudo das técnicas de impressão dos periódicos, a sua materialidade, função social e as relações da expansão da imprensa com a idéia de progresso.<sup>31</sup>

Contudo a autora não aponta, no seu balanço, para um possível diálogo com os teóricos da notícia, mas sim situa os avanços nas pesquisas, a influência da análise do discurso e as contribuições da lingüística e da semiótica. Acreditamos, no entanto, que as considerações dos teóricos da notícia possibilitam a construção de um suporte teórico-metodológico para entender o trabalho com o jornal.

Um trabalho de referência sobre o uso da imprensa pelos historiadores é de Cláudio Pereira Elmir. Segundo ele é preciso que o historiador faça uma distinção entre a informação histórica, dos jornais, e seu uso na pesquisa histórica. Ele tem de estar disposto a fazer uma leitura meticulosa, demorada, exaustiva do jornal. Tem de fazer uma leitura intensiva, e não extensiva do jornal.

devemos fazer uma ‘leitura intensiva’ destes jornais e não uma ‘leitura extensiva’. Ler os jornais extensivamente é o que fazemos diariamente hoje. Ler intensivamente é o que acontece com leitores cujo tempo da experiência da leitura não corresponde ao tempo da formulação do jornal.<sup>32</sup>

E assevera que o tempo da experiência da nossa leitura é diferente do tempo de formulação do discurso do jornal, “à questão metodológica fundamental é ter presente que nós pesquisadores não somos os leitores-modelo do jornal. Nós somos leitores empíricos de um jornal que teve outros leitores empíricos no momento em que circulava.”<sup>33</sup>

Chama-nos a atenção, ainda, para o fato de que na leitura do jornal temos que ser capazes de distinguir entre o que é significativo do que é fortuito, entre a interpretação sã e a interpretação paranóica ou super interpretação, e para o perigo de trabalharmos com dados isolados, superestimando seu significado.

---

<sup>31</sup> Op. Cit. p.128

<sup>32</sup> **ELMIR**, Claudio Pereira. *As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica*. Cadernos do PPG de História UFRGS, nº 13 dezembro de 1995. p. 21.

<sup>33</sup> Op. Cit. p. 22

Outras recomendações ou advertências poderiam ser citadas, mas queremos chamar a atenção para um último ponto. Segundo Elmir, para o trabalho com o jornal,

um bom caminho de análise seja reconhecer este aparente limite da prática jornalística de nos proporcionar a verdade como uma possibilidade no sentido de permitir uma abordagem deste texto que leve em conta também a lógica da sua escrita.<sup>34</sup>

Podemos associar esta afirmação de Elmir ao que procuramos enfatizar até o presente momento. A necessidade de nos informarmos sobre a natureza da notícia, do texto do jornal, a partir das considerações da teoria da notícia

No mesmo sentido Tânia de Luca sugere inúmeros passos metodológicos para o trabalho com os periódicos. Enfatiza que o historiador tem de estar atento a uma série de questões. Dentre elas, destacamos: o processo que leva o acontecimento a tornar-se notícia, os significados diferentes que os discursos assumem em função da sua localização na diagramação do jornal, a identificação minuciosa da linha editorial e dos colaboradores do jornal, a caracterização do jornal em função da sua manutenção e organização e a análise rigorosa do contexto.<sup>35</sup>

Poderíamos citar um variado número de advertências e recomendações metodológicas que o pesquisador tem de respeitar no trabalho com o jornal. No entanto, parece-nos mais adequado para nossa pesquisa salientar uma vez mais que o jornal produz leituras do mundo, que a imprensa organiza os sentidos (dentro de um processo de organização política e cultural), que lidamos com diferentes interpretações e que a notícia é uma construção.<sup>36</sup>

O que procuramos mostrar nesta exposição inicial da nossa dissertação é que podemos, ao trabalhar com a imprensa e o jornal, nos utilizar das análises derivadas das teorias da notícia. E que estas análises revelam a natureza dos textos jornalísticos, a partir das idéias de mediação, interferência na realidade, produção de sentido, seleção e construção. E mais, que existem inúmeros pontos em comum entre estes teóricos e os historiadores. E que uma leitura atenta dos trabalhos dos dois campos, permite-nos a constituição de um arcabouço teórico-metodológico capaz de informar sobre as possibilidades do uso deste tipo de fonte/objeto: o jornal.

---

<sup>34</sup> Op. Cit. p. 27.

<sup>35</sup> **DE LUCA**, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **PINSKI**, Carla Bassanezi(org). *Fontes Históricas*. Ed. Contexto, São Paulo, 2005, p. 141

<sup>36</sup> **MARIANI**, Bethania Sampaio Corrêa. *Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico – A Revolução de 30*. In: **INDURSKY**, Freda e **FERREIRA**, Maria Cristina Leandro(org.). *Os Múltiplos Territórios da Análise do Discurso*. Coleção Ensaios vol. 12. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 1999. A autora trabalha com a AD, mas traz elementos que, repetimos, tem de estar sempre na mente do historiador que trabalha com esta fonte.

Pelo exposto, estas considerações sobre a natureza e o trabalho com o jornal, assumem importância significativa nesta dissertação, orientam mesmo o nosso olhar sobre o texto. Mas outro componente de ordem metodológica, a Análise de Conteúdo (AC), ganha uma dimensão ainda mais significativa no trato com a documentação e na formação de nosso *corpus* documental.

Através da AC foi possível organizar a coleta dos textos, artigos e editoriais, analisados nesta dissertação. Por meio da AC conseguimos a partir do estabelecimento de uma unidade de registro, que em nosso caso, definimos como ciência e espiritismo, reunir todos os textos sobre o tema, e principalmente, identificar argumentos semelhantes na grande quantidade de artigos e editoriais analisados. Estas semelhanças na argumentação dos articulistas acabaram por formar categorias e subcategorias, que nada mais são do que formas de entrada no tema: ciência e espiritismo. Foi por intermédio da AC que estabelecemos a base para o tratamento metodológico dispensado a documentação, e de onde emergiram de forma clara as idéias associadas ao conceito de ciência no discurso dos espíritas.

Para esta dissertação tomamos de Laurence Bardin à caracterização de cada um dos passos que compõem a AC. Segundo esta autora a Análise de Conteúdo (AC) é composta de três fases: a pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Na primeira, entre outras ações, encontram-se a formulação das hipóteses, a definição dos objetivos, a dimensão e direção de análise, a escolha de documentos, a constituição de um *corpus* documental, além da preparação do material para a categorização. O segundo momento corresponde ao da exploração do *corpus* documental constituído para a análise. E por último a fase pertinente as interpretações e inferências.<sup>37</sup>

Quanto ao aporte teórico desta dissertação optamos em trabalhar os artigos e editoriais a partir do conceito de representação de Roger Chartier. Entende-se representações, segundo este autor, “*como matrizes de discursos e de práticas diferenciadas (...) que têm por objetivo a construção do mundo social, onde os atores sociais descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse.*”<sup>38</sup> As representações implicam em identificar como em tempos e lugares uma determinada realidade social é construída, pensada e lida, por diferentes grupos sociais.<sup>39</sup>

---

<sup>37</sup> BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Edições 70: Porto Alegre, 1977.

<sup>38</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural – entre práticas e representações*. (Trad. De Maria Manuela Galhardo). Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand, 1990. (Coleção Memória e Sociedade). P. 19

<sup>39</sup> Op. Cit. p. 16 -17

Sandra Pesavento ao historicizar este conceito, tornado clássico por Roger Chartier, recupera as formulações de Marcel Mauss e Emile Durkheim, tornando seu sentido ainda mais preciso. Segundo a autora,

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.<sup>40</sup>

Nesta dissertação entendemos a própria fonte e objeto de nossa análise, o *Jornal Espírita*, como um veículo de representações, como de resto toda fonte jornalística pode ser entendida como meio através do qual podemos perceber as representações da realidade.<sup>41</sup> O que justifica a nossa preocupação anterior em identificar o jornal e o texto jornalístico como uma construção, não um espelho do real, pois lhe são inerentes a tentativa de recriação e interferência na realidade, dado que são carregados de valores e avaliação sobre a realidade. Ao recortamos os artigos e editoriais do *Jornal Espírita* sobre a questão da ciência, buscamos ver como eles (re)formulam o conceito de ciência espírita e quais idéias se articulam em torno desta questão. Evitamos trabalhar como uma idéia preconcebida acerca da noção de ciência no espiritismo, mas investigar a partir dos artigos e editoriais as reapropriações e diferenças conceituais, em função do espaço e tempo no qual os articulistas se inseriram.

Procuramos não abordar o fenômeno religioso de modo que não impedisse a análise da conjuntura e do seu contexto histórico, buscamos compreendê-lo a partir da sua inserção histórica. No prefácio da obra, já clássica, de Mircea Eliade, *O sagrado e o Profano* são identificados dois caminhos para o trabalho do historiador, que elucidam esta questão.

Os historiadores das religiões estão divididos entre duas orientações metodológicas divergentes, mas complementares, uns concentram sua atenção principalmente nas estruturas específicas dos fenômenos religiosos, enquanto outros interessam-se de preferência pelo contexto histórico desses fenômenos; os primeiros esforçam-se por compreender a essência das religiões, e os outros trabalham por decifrar e apresentar a sua história.<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> **PESAVENTO**, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autentica, 2005. p.39

<sup>41</sup> Op. Cit. 17 Segundo Pesavento representações são sentidos conferidos ao mundo, e que se manifestam em palavras, discursos, imagens, coisas e práticas. De modo também podemos entender a nossa fonte/objeto de pesquisa como uma representação.

<sup>42</sup> **ELIADE**, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 11

Nesta dissertação, diferentemente da abordagem trabalhada por Mircea Eliade, cujo objetivo concentra-se em salientar “as notas específicas da experiência religiosa do que mostrar suas múltiplas variações e as diferenças ocasionadas pela história,”<sup>43</sup> procuramos compreender o fenômeno religioso a partir do seu contexto histórico-cultural. Desta forma acredito que a abordagem teórica defendida por Eliane Moura Silva, é a que melhor se adéqua a nossa análise.

Segundo a autora, que recupera a proposta de Roger Chartier,

Pensar a História do pensamento religioso, de formas religiosidade em geral, [e] em particular sobre o espiritismo na sociedade contemporânea é aquela que leva em conta a historicidade dos fenômenos religiosos, que são construídos em variados aspectos e matizados na sua complexidade histórico-cultural, procurando detectar certas matrizes intelectuais que levaram a construção de conceitos precisos tais como ‘espiritualismo’, ‘espiritismo’.<sup>44</sup>

Esta dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, de cunho mais metodológico, procuraremos inserir o *Jornal Espírita*, na trajetória da imprensa do Rio Grande do Sul, principalmente em Porto Alegre. Este esforço, por vezes difícil, se justifica tendo em vista que ele esteve inserido num tempo e espaço determinado, e alguns de seus articulistas mantiveram relações com a grande imprensa gaúcha, a exemplo de seu editor e proprietário, Paulo Hecker que era colaborador de outros jornais não espíritas da capital. Nele também buscamos construir um perfil do jornal de Paulo Hecker, de seus principais colaboradores e os articulistas, dando especial atenção as suas biografias e o contexto histórico no qual circula o *Jornal Espírita*. Na última seção deste capítulo procuraremos trazer, também, considerações sobre a metodologia da Análise de Conteúdo (AC) e sua aplicação ao nosso objeto/fonte de estudo o *Jornal Espírita*.

O segundo capítulo tem um caráter empírico. Nele tratamos de recuperar a história do Espiritismo no Brasil, procurando minimamente, situar o leitor em uma trajetória histórica que permita compreender o que foi o Neo-espiritualismo, suas diferenças com a doutrina espírita e o contexto histórico do espiritismo no século XIX, para a partir daí analisar argumentos colocados pelo conjunto de artigos e editoriais. Na seqüência, ou seja, na segunda seção deste capítulo analisaremos dois grupos de artigos e editoriais, um referente ao materialismo, e outro àquilo que denominei de ataque aos cientistas. O primeiro deles trata de

<sup>43</sup> Op. Cit. p. 20

<sup>44</sup> MOURA, Eliane Moura. *O Espiritualismo no século XIX: Reflexões teóricas e históricas sobre correntes culturais e religiosidade*. Campinas: Textos Didáticos nº 27, 1997. p.10

um assunto que constitui um dos pontos mais importantes do contexto histórico no qual surge o Espiritismo na França do século XIX, e que é constantemente recuperado pelos articulistas do *Jornal Espírita*. A terceira seção deste capítulo é dedicada à crítica aos cientistas, na forma muitas vezes de denuncia do seu preconceito acadêmico e a resistência da ciência oficial. Nele nos referimos, também, aos cientistas que desenvolveram pesquisas sobre o fenômeno mediúnico, e que são citados pelos articulistas, mais a título de exceção do que regra.

No terceiro capítulo, igualmente empírico, discutimos todas as descrições e argumentos que enfatizam a singularidade da ciência espírita, principalmente, os artigos e editoriais que tratam dos requisitos para a realização das pesquisas espíritas, a formação necessária aos experimentadores e a condição moral daquele que vai se dedicar as investigações. Nele tratamos ainda das relações com a metapsíquica e a parapsicologia com o espiritismo, dado que, inúmeras vezes, os articulistas do jornal apontam estas áreas a título de exemplo de abordagem científica. Na última seção deste capítulo analisamos os textos nos quais são feitas referências a atmosfera intelectual e científica a qual os espíritas desejavam filiar-se.

## **CAPÍTULO I**

### **O *JORNAL ESPÍRITA*: A IMPRENSA E O JORNAL**

Neste primeiro capítulo procuraremos apresentar o *Jornal Espírita* como fonte e objeto de pesquisa. Em razão de ser ele que nos informa sobre os articulistas, sua biografia e o contexto no qual o jornal circula, além de ser a partir dos editoriais e artigos assinados que analisaremos as representações acerca da ciência. cremos também importante a tentativa de inserirmos o *Jornal Espírita* na trajetória da imprensa do Rio Grande do Sul, principalmente, em Porto Alegre, mesmo que algumas vezes esta inserção possa seja difícil, mas não sem sentido. Tendo em vista que o *Jornal Espírita* circulou em um tempo e espaço determinado, estava como não poderia deixar de ser, inserido num contexto histórico e em relação com a grande imprensa gaúcha, tendo muitas vezes seu editor e articulistas como colaboradores de outros jornais não espíritas da capital.

Procuraremos trazer, também, considerações sobre a metodologia da Análise de Conteúdo (AC) e sua aplicação ao nosso objeto/fonte de estudo, o *Jornal Espírita*. Acreditamos que pelo fato de trabalharmos com um único jornal e buscarmos uma leitura intensa, a AC mostrou-se bastante eficaz no levantamento dos argumentos dos articulistas sobre a ciência e o espiritismo, que na seqüência da dissertação irão merecer um aprofundamento de análise.

#### **1.1 ESBOÇO DA TRAJETÓRIA DA IMPRENSA GAÚCHA E A INSERÇÃO DA IMPRENSA ESPÍRITA**

Neste momento do nosso estudo temos como objetivo a construção de um esboço da trajetória da imprensa gaúcha, suas fases e a caracterização de cada uma delas. De modo a compreender como a imprensa espírita pode nela ser inserida, e que relações esta mantém

com o desenvolvimento do jornalismo. Ainda, tratamos nesta seção, de realizar um levantamento dos principais momentos desta imprensa, desde o seu surgimento (final do século XIX) até a década de 1930, período em que circulou, sob a direção de Paulo Hecker, o *Jornal Espírita*.

No Rio Grande do Sul três fases são identificáveis na análise da imprensa. A primeira de 1827 a 1845, a segunda de 1845 a 1895 e a última de 1895 até o presente. Correspondem, respectivamente, ao período da Revolução Farroupilha (incluindo o período anterior a revolução), as disputas político-partidárias (jornalismo político-partidário, cujos jornais mais representativos foram *A Federação* e *A Reforma*) e ao desenvolvimento do moderno jornalismo (representado pelo *Correio do Povo*).<sup>45</sup>

Cronologicamente poderíamos incluir o *Jornal*, dirigido na década de 1930 pelo Paulo Hecker, no período referente à terceira fase do desenvolvimento da imprensa gaucha. Período caracterizado como “o momento do aperfeiçoamento técnico e editorial de nossos jornais. [Época na qual] os principais já mostravam uma feição moderna, utilizando a fotografia e buscando novas formas de apresentação das matérias, através de títulos e chamadas.”<sup>46</sup>

No entanto, uma pesquisa rápida neste jornal indica que as condições de organização, divisão de funções, diagramação, apontam para um acúmulo de funções. Próprio do período anterior (época da circulação dos primeiros jornais), compreendido como um período em que o jornalismo é tido como um trabalho artesanal, onde “um mesmo nome é apontado como redator, editor, proprietário ou diretor, não sendo improvável que todas as funções fossem exercidas pela mesma pessoa.”<sup>47</sup> No levantamento feito no *Breve Histórico da Imprensa Sul-Rio-Grandense*, dos 86 jornais e períodos que circularam entre 1911 e 1935<sup>48</sup>, somente um jornal espírita é arrolado. Trata-se do *Jornal O Semeador* (1925-1926)<sup>49</sup>, dirigido por Mario Mattos Santos.<sup>50</sup>

<sup>45</sup> SILVA, Jandira M.M., CLEMENTE, Elvo e BARBOSA, Eni. *Breve Histórico da Imprensa Sul-Rio-Grandense*. Porto Alegre: Corag, 1986. p.15

<sup>46</sup> Op. Cit. p. 239

<sup>47</sup> Op. Cit. p.12 Aqui é bastante pertinente uma observação: No *Jornal Espírita* de Paulo Hecker, ele era o proprietário e diretor, sendo responsável também pela diagramação, seleção e execução de varias tarefas. No entanto, distingui-se de um momento anterior (momento inicial da imprensa), pela consciência do papel do jornalista e da imprensa, e também, pelas melhoras que introduziu, com a utilização da fotografia nas suas notícias.

<sup>48</sup> Considerando o total de jornais arrolados neste período (219), o único citado foi *O Semeador*. Neste período circularam, no entanto, não só em Porto Alegre, como no interior, um número significativo de jornais. Faremos referência ao número destes jornais mais adiante, quando descrevermos a imprensa espírita propriamente.

<sup>49</sup> Revista *A Reencarnação* Ano: XXXVIII, Porto Alegre, 1971. p. 12

<sup>50</sup> Revista *A Reencarnação* Ano: XXXVIII, Porto Alegre, 1971. Mario Mattos Santos nasceu em Porto Alegre em 12 de setembro de 1895. Cartógrafo de profissão. Participou do 1º Congresso espírita (1921) que acabou por determinar a criação da Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS).

Mesmo quando se verifica a imprensa Rio-Grandina, onde surge o primeiro jornal espírita<sup>51</sup>, em meio a sua dinâmica imprensa, Francisco das Neves<sup>52</sup> não cita nenhum jornal ligado ao espiritismo.

A situação de Rio Grande é apresentada como um local de grande trânsito de idéias oriundas da Europa e que circulam através dos jornais. A imprensa rio-grandina é apresentada como tendo intensa vitalidade e dinamismo.

Conforme Neves, “era nesta época muito comum a reprodução de notícias de periódicos do centro do país e estrangeiros, porém, a recíproca também era verdadeira, uma vez que jornais porto-alegrenses e até da corte reproduziam informações (e opiniões) prestadas pelas folhas rio-grandinas.”<sup>53</sup> E mais, assevera que a imprensa rio-grandina atuou constantemente na emissão e construção de uma prática discursiva, dando voz aos mais variados grupos, frentes e partidos.<sup>54</sup>

Ao lado da diversidade e quantidade de periódicos e jornais que circularam em Rio Grande - caracterizado como um espaço de vitalidade e dinamismo da imprensa no século XIX – não há menção a jornais associados a grupos espíritas. É preciso salientar que ele trata do século XIX até a década de 1910, período em que são fundados os primeiros jornais espíritas, muitos de curta duração. No entanto, o Rio Grande do Sul era um tido como um dos pólos do espiritismo no País, conforme Angelica Boff.<sup>55</sup>

Francisco Rudiger,<sup>56</sup> à semelhança dos estudos anteriores, estabelece grandes fases para a análise da imprensa e do jornalismo<sup>57</sup>. A que nos interessa, em um primeiro momento, é a que trata do período definido como o início do jornalismo no estado. Especificamente, o período marcado pelo surgimento do jornalismo político-partidário<sup>58</sup>, e reter a idéia que “é neste contexto que surgiram as redações propriamente falando, os jornais começaram a ter

<sup>51</sup> Revista *A Reencarnação* Ano: LXVI, Porto Alegre, 1971. p.29

<sup>52</sup> **ALVES**, Francisco das Neves. *Imprensa & Historia no rio Grande do Sul*. Rio Grande: FURG, 2001.p.15.

<sup>53</sup> Op. Cit. p.15.

<sup>54</sup> Op. Cit. p.15.

<sup>55</sup> **BOFF**, Angélica Bersch. *Espiritismo, alienismo e medicina: Ciência ou fé? Os saberes publicados na imprensa gaúcha da década de 1920*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado defendida na UFRGS, 2001. p. 30

<sup>56</sup> **RUDIGER**, Francisco. *Tendências do Jornalismo*. Porto Alegre: ED. UFRGS, 1993. Analisa as tendências do jornalismo no RS, e aponta um número significativo de jornais que circularam no estado do século XIX até o estabelecimento do início da indústria cultural.

<sup>57</sup> Op. Cit. p.07 O autor estabelece um distinção fundamental entre a imprensa (política, literária, religiosa) e a história do jornalismo. Pois se conhecemos grande atividade da imprensa no século XIX, e somente com o jornalismo político-partidário, e que podemos tratar da história do jornalismo.

<sup>58</sup> Op. Cit. p. 24 Este tipo de jornalismo, segundo Rudiger, está” ligado ao processo pelo qual a classe política transformou a imprensa em agente orgânico da vida partidária.” E os jornais assumem as feições de sedes de partidos políticos.

uma organização editorial e se consolidou a racionalidade em seu funcionamento.”<sup>59</sup> Pois foi neste contexto que surgiram os primeiros jornais espíritas na capital.<sup>60</sup>

Entretanto, é a fase marcada pelo jornalismo literário independente<sup>61</sup> que merece ainda mais nossa atenção. Porque é a partir do jornalismo literário independente que podemos melhor compreender o trânsito de novas idéias e informações.

Conforme Rudiger,

A sociedade civil estava começando a se complexificar nessa época; havia novas necessidades culturais e os rudimentos de uma camada intelectual na sociedade, como exemplifica a fundação do famoso Parthenon Literário, em 1869. As preocupações se encontravam em embrião, fomentando a procura por material de leitura e atualidade capaz de desenvolvê-lo; por outro lado, a mundialização dos horizontes da vida estava criando uma demanda por notícias, viabilizada pela extensão de várias linhas telegráficas pela Província durante a Guerra do Paraguai. As folhas literárias e noticiosas se gestaram neste contexto social, especializando-se progressivamente no atendimento destas novas necessidades.<sup>62</sup>

Este tipo de jornalismo conviveu com o de feição político-partidária, e forneceu uma resposta a outras necessidades sociais, além daquelas próprias do debate político. Introduziu, também, novos recursos para editoração e a modernização dos recursos ilustrativos utilizados pelos jornais, cujo elemento mais significativo foi o uso constante da fotografia.<sup>63</sup>

No entanto, apesar de ter fomentado uma mudança na organização das atividades do jornal<sup>64</sup> e correspondido às expectativas públicas por novas notícias no âmbito cultural e social, a época não permitiu a consolidação deste tipo de jornalismo. Mesmo operando com elementos de um jornalismo noticioso<sup>65</sup>, “o conceito de jornalismo permaneceu sendo essencialmente político até a década de trinta.”<sup>66</sup>

O terceiro momento do jornalismo gaúcho compreende o período entre o início do século XX até a década de 1940; nele estrutura-se o jornalismo informativo moderno, um

<sup>59</sup> Op. Cit. p. 24

<sup>60</sup> O primeiro destes jornais a circular em Porto Alegre foi a *Voz Espírita*, fundado em 1894, pelo Centro espírita Porto Alegre.

<sup>61</sup> Op. Cit. p.44 Rudiger afirma que o jornalismo noticioso gaúcho remonta à época de formação do jornalismo político-partidário, na segunda metade do século XIX.

<sup>62</sup> Op. Cit. p. 44 Como representativos deste tipo de jornalismo literário-noticioso podemos citar o *Jornal do Comércio* (de Achyles Porto Alegre) e *O Mercantil*. A fase do apogeu deste tipo de jornalismo corresponde ao período de 1890-1920.

<sup>63</sup> Op. Cit. p.48

<sup>64</sup> Op. Cit. p.48 Rudiger salienta que foi neste contexto que ocorre uma “complexificação do conceito de jornalista, que deixou de ser aplicado exclusivamente aos proprietários, passando a designar também os responsáveis pela coleta e confecção de informações.”

<sup>65</sup> Op. Cit. p.49 O autor afirma, ainda, que embora ocorra a consolidação do componente noticioso, “os textos não se baseavam em informações, mas em comentários opinativos, que recorriam as mais diversas fontes”.

<sup>66</sup> Op. Cit. p.50

momento através do “qual se formou um novo regime jornalístico em detrimento não só da imprensa político-partidária, mas da própria imprensa literário-noticiosa.”<sup>67</sup>

*O Correio do Povo*<sup>68</sup> e *O Diário de Notícias* representam os jornais mais significativos deste período, e apresentam-se como “verdadeiras organizações empresariais” e “definiam-se como veículos imparciais de informações e divulgação profissional e verídica dos acontecimentos.”<sup>69</sup>

A imprensa espírita tinha percorrido nesta época no País e no Estado uma significativa trajetória. Do surgimento do primeiro jornal espírita no Brasil, *O Eco do Além Túmulo*, fundado por Luiz Teles de Menezes (1825-1893), na Bahia em 1869, até a década de 1930, surgiram um número importante de jornais ligados ao espiritismo. A este respeito José Roberto de Lima Dias<sup>70</sup> afirma, utilizando-se de uma lista publicada no *Reformador*<sup>71</sup>, que de 1869 até 1910 circularam no país 67 jornais e revistas espíritas.

No estado do Rio Grande do Sul até o final da década de 1930 circularam 29 jornais e periódicos<sup>72</sup>, dos quais 10 em Porto Alegre, conforme se observa na tabela 1 abaixo.

**Tabela 1 - Listagem dos jornais espíritas em Porto Alegre**

Jornal	Instituição	Periodicidade	Período de circulação	Proprietário/Diretor
--------	-------------	---------------	-----------------------	----------------------

<sup>67</sup> Op. Cit. p. 54

<sup>68</sup> Op. Cit. p. 60 *O Correio do Povo* foi fundado em 1895, após a Revolução Federalista, por Caldas Junior; e o *Diário de Notícias* em 1925.

<sup>69</sup> Op. Cit. p. 57

<sup>70</sup> DIAS, José Roberto de Lima. *A Evolução: um instrumento cultural da imprensa espírita no final do século XIX em Rio Grande*. Monografia de Especialização defendida na FURG, 2003. p.\*\*\*\*\*

<sup>71</sup> *O Reformador* é o órgão de divulgação da Federação Espírita Brasileira (FEB), fundado em 1884, no Rio de Janeiro, por Augusto Elias da Silva.

<sup>72</sup> Revista *A Reencarnação* Ano: LXVI nº 419 Porto Alegre 2º semestre de 1999.p.29-30

AVoz Espírita	Centro Espírita “Porto Alegre”, pertencente ao Grupo Virgem Maria de Porto Alegre	Quinzenal	1894	
Eco da Verdade <sup>73</sup>	Centro Espírita Porto Alegre		1895	G. Barone Martins Vianna
Revista Espírita	Sociedade espírita “Allan Kardec”		04 de setembro de 1898 até dezembro de 1905	Joaquim Xavier Carneiro( um dos fundadores da Sociedade Espírita Allan Kardec)
Eternidade	Grupo Espírita Irmãos da Fé		1906	
Eternidade	Sociedade espírita Dias da Cruz e Allan Kardec	Mensal	1909 até 1916	Oscar Breyer( redator e administrador)
Eternidade	Instituto espírita Dias da Cruz		1920	Angel Aguaro d Torrero
<b>Jornal espírita</b>	<b>Não vinculado a um grupo ou instituição espírita</b>	<b>mensal, mas a partir da década de 1930 quinzenal</b>	<b>1918<sup>74</sup> até 1943</b>	<b>Vital Lanza e Paulo Hecker</b>
Boletim da FERGS	Federação Espírita do Rio Grande do Sul (Fergs)		1923	Angel Aguaro d Torrero
O Evangelho	Sociedade Espírita Allan Kardec de Porto Alegre		1924	Ildfonso Gomes
O Semeador			1925	Mario Mattos Santos
<b>A Reencarnação<sup>75</sup></b>	Federação Espírita do Rio Grande do Sul		Outubro de 1934 até o presente	Oscar Breyer, primeiro diretor

**FONTE:** Tabela elaborada pelo autor a partir do cruzamento de dados da obra **SILVA**, Jandira M.M., **CLEMENTE**, Elvo e **BARBOSA**, Eni. *Breve Histórico da Imprensa Sul-Rio-Grandense*. Porto Alegre: Corag, 1986 e da Revista *A Reencarnação* Ano: XXXVIII Porto Alegre Dezembro de 1971. E de dados obtidos na revista *A Reencarnação* Ano: XXXVIII, Porto Alegre dezembro de 1971; *A Reencarnação* Ano: LXVI nº 419 Porto Alegre setembro de 1999 e da monografia de Jose Roberto de Lima Dias Op. Cit.

Diante das considerações realizadas sobre a trajetória da imprensa gaúcha e do quadro exposto, acreditamos que podemos compreender as primeiras décadas da imprensa espírita no Estado, e especificamente em Porto Alegre, inserida num momento de domínio do jornalismo político-partidário e do apogeu do jornalismo literário-noticioso.

<sup>73</sup> Dias, José ...Op. Cit. p.35 Segundo José Roberto o jornal *O Eco da Verdade* e a *Voz Espírita*, pertencem ao mesmo Centro Espírita. Explica: “A justificativa para a manifestação de duplicidade jornalística nesta época em uma mesma instituição, pode ser decorrente dos grupos de estudos formados nas instituições espíritas, que eram limitados a um certo número de participantes, onde cada grupo era identificado por um nome e lançava seu periódico”.

<sup>74</sup> A Revista *A Reencarnação* Ano: XXXVIII Porto Alegre dezembro de 1971 indica para o *Jornal Espírita* a data de 1918; já o exemplar de *A Reencarnação* Ano: LXVI nº419 Porto Alegre 2º semestre de 1999 refere 1919. Diante desta divergência optamos por adotar a data fornecida por Paulo Hecker que é 1918.

<sup>75</sup> Atualmente sua periodicidade é irregular e possui forma de revista, mas cremos que no início circulava mensalmente, como era costumeiro entre estes jornais.

Apesar dos poucos números de jornais preservados, acreditamos que esta imprensa, apesar de guardar traços de um modelo artesanal<sup>76</sup>, introduziu nos seus números, recursos ilustrativos modernos – como o uso da fotografia<sup>77</sup> – e desenvolveu-se no sentido de construir uma consciência do papel do jornalista<sup>78</sup> e do jornal como veículo de divulgação de conteúdos e notícias de cunho cultural.

Pelo tipo de informação que veicula, ela corresponde a um contexto, como afirma Rudiger, de desenvolvimento do jornalismo-noticioso, de “mundialização das idéias”, de expansão dos meios de transmissão de informação.<sup>79</sup>

José Roberto manifesta-se sobre esta questão, enfatizando que o final do século XIX<sup>80</sup>, foi um período em que os jornais espíritas passam a se fazer representar junto à sociedade do Rio Grande do Sul, e que “acompanhando o surto espiritualista que começa a contagiar a sociedade brasileira[viveu] esse momento de efervescência cultural, despertando a curiosidade dos homens do final deste século.”<sup>81</sup>

Destaca também que a imprensa ligada ao espiritismo enfrentou momentos marcados por dificuldades e de expansão, acabando por entrar em declínio a partir da década de trinta “com advento da literatura psicográfica.”<sup>82</sup> O primeiro destes momentos nos anos iniciais do século XX, em consequência das dificuldades econômicas provocadas pelo contexto da primeira guerra e pelas dificuldades ligadas “a perseguição religiosa sustentada pela igreja católica”.<sup>83</sup> O segundo entendido como um período de vitalidade foram os anos vinte. Marcado pelo crescimento da propagação do espiritismo, e pela popularização da literatura espírita, traduzida dos originais franceses.<sup>84</sup> Período em que foi fundado o *Jornal Espírita* sob a direção de Vital Lanza.

<sup>76</sup> Refiro-me ao acúmulo de funções; o proprietário e diretor assumiam, muitas vezes, a função de redator, além de compor a diagramação do jornal. Ausência de um jornalismo de cunho informativo, em favor de da veiculação de matérias de cunho opinativo.

<sup>77</sup> O *Jornal Espírita* de Paulo Hecker lança mão deste recurso em vários de seus números.

<sup>78</sup> Refiro-me ao *I Congresso Espírita* e a decisão deste de criar a Associação nacional de Imprensa Espírita. Levada a cabo, com a participação do *Jornal Espírita* de Paulo Hecker.

<sup>79</sup> Op. Cit. p. 44

<sup>80</sup> Acreditamos que o período de divulgação do espiritismo a partir da imprensa começa nesta época e se estende pelas primeiras décadas do século XX.

<sup>81</sup> Op. Cit. p. 32. Este autor dedica-se em seu estudo monográfico a trajetória do primeiro jornal espírita do RS: *A Evolução*, periódico quinzenal, do Centro Espírita Rio-Grandense criado em fevereiro de 1892 e dirigido por Domingos Toscano Barbosa. Tece uma série de considerações sobre o contexto histórico do surgimento da imprensa espírita.

<sup>82</sup> Op. Cit. p. 38 Tese que acreditamos conter em parte a verdade, pois não manteve sua vitalidade, somente a partir dos pequenos jornais, mas a partir de jornais e revistas de longa e solida duração. Como o *Jornal Espírita* e *A Reencarnação* (órgão de divulgação da Fergs).

<sup>83</sup> Op. Cit. p.37 Este autor afirma que esta situação ocorre mesmo em meio aos princípios determinados pela Constituição de 1891, e que perdura, com maior e menor intensidade, até o final do período getulista.

<sup>84</sup> Op. Cit. p.38

Enfim, o que procuramos neste item foi traçar um esboço da trajetória da imprensa e a inserção da imprensa espírita; apontando para ausências<sup>85</sup> e estabelecendo marcos básicos para o entendimento do percurso desta imprensa. De forma a compreender a posição que ocupava o *Jornal Espírita* dirigido, na década de trinta, por Paulo Hecker.

## 1.2 O JORNAL ESPÍRITA: UM PERFIL

Nesta seção da dissertação procuraremos traçar o perfil do *Jornal Espírita*, principalmente, o período referente à década de 1930, quando o jornal esteve a cargo de Paulo Hecker. Para tanto, buscamos descrever o jornal, atentando para as suas principais características, tempo de circulação, fundadores, periodização, os elementos da sua diagramação, sua linha editorial, seus principais articulistas e mapear o contexto a partir das indicações do próprio jornal<sup>86</sup>. Nossa intenção é construir uma abordagem menos analítica, e mais descritiva, no intuito de apresentar o *Jornal Espírita* aos leitores, ao mesmo tempo em que caracterizamos nossa fonte/objeto de pesquisa.

O *Jornal Espírita* foi fundado em 1918<sup>87</sup> por Vital Lanza, que o dirigiu até 1931, quando se mudou para o Rio de Janeiro. Vital Lanza nasceu em Porto Alegre e foi o primeiro proprietário-diretor do *Jornal Espírita*. Tornou-se adepto do espiritismo aos 25 anos. Na juventude teve uma passagem pelo exército, onde serviu no Regimento Osório e no 2º Batalhão da Brigada Militar. Dedicou sua vida ao exercício do direito, no início de modo informal, e posteriormente diplomando-se no Rio de Janeiro, em 1933.

Nesta primeira década, o jornal era de periodicidade mensal, e Vital Lanza, militava na imprensa espírita pela divulgação dos princípios do Espiritismo, além de atuar em outras frentes, como a da criação do Hospital Espírita de Porto Alegre. Transferiu-se para o Rio de Janeiro onde foi importante funcionário da Prefeitura da Capital, mantendo também, ao lado de sua esposa Celestina Arruda Lanza<sup>88</sup>, militância na causa espírita. No Rio de Janeiro, veio

<sup>85</sup> Não se trata aqui de um amplo estudo que permitiria mapear os motivos desta ausência de referências à imprensa espírita, mas sim uma tentativa de situar a questão a partir das fases mais gerais do jornalismo.

<sup>86</sup> Procuraremos seguir algumas das recomendações de Tânia de Luca no trato com o jornal.

<sup>87</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVII nº 08 Porto Alegre 16.04.1936. No editorial Paulo Hecker diz que o Jornal começou a circular num período em que ser espírita era penoso, e as iniciativas desta natureza eram recebidas com prevenção pelas pessoas. p.01

<sup>88</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVII nº 08 Porto Alegre 16.04.1936 Celestina Arruda Lanza é também médium e escritora espírita. Psicografou pelo menos dois livros: “O Beijo da Morta” e o “Espírito das Trevas”. p. 01

a falecer em 1936 ( na Rua do Catete), vítima de uma doença que o afligia desde a época em que residia em Porto Alegre.<sup>89</sup>

Sobre o período em que o *Jornal Espírita* esteve sobre a direção de Vital Lanza, sabemos pouco.<sup>90</sup> Pelos dados escassos temos conhecimento que neste período era mensal e que se mantinha como um jornal independente, ou seja, não ligado a uma sociedade ou grupo espírita, como era comum no período. Esta característica, é importante frisar, vai manter-se ao longo de todo o tempo em que o jornal circulou.

É, no entanto, sobre o período que estamos estudando, a década de 1930<sup>91</sup>, que obtivemos um número significativo de dados e informações.

No início da década assume a direção Paulo Hecker (1888 – 1974), que então passa a ser o proprietário-diretor do *Jornal Espírita*. Ao assumir a direção e redação do jornal este passa a ter uma periodicidade quinzenal. Paulo Hecker era advogado<sup>92</sup> e farmacêutico, nascido em Bagé. Durante o período em que cursava direito tornou-se positivista, e posteriormente, espírita kardecista. Foi durante muitos anos assíduo colaborador da Federação Espírita do RGS, acabando por tornar-se seu Presidente (1931-1932), além de ativo membro do grupo que angariava fundos para construção do Hospital Espírita de Porto Alegre. Dirigiu o *Jornal Espírita* por trinta anos, sendo responsável pelo editorial, pela seleção de matérias e pelos anúncios. Notabilizou-se, ainda, pelas conferências realizadas nos grandes cinemas da capital e do interior, sobre o Espiritismo, notadamente, sobre seu caráter científico. Faleceu em 1974, depois de anos de atividade na divulgação dos princípios espíritas, nas rádios, nos jornais engajados e na grande imprensa porto-alegrense, principalmente, no *Correio do Povo*.<sup>93</sup>

<sup>89</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVIII n° 08 Porto Alegre 16.04.1936 e n° 09 de 01.05.1936. Os dados biográficos de Vital Lanza foram colhidos a partir do editorial e das notícias publicadas na coluna diversas.

<sup>90</sup> Só tivemos acesso a um exemplar do período em que o jornal era dirigido por Vital Lanza.

<sup>91</sup> Sobre os exemplares do *Jornal Espírita*, dispomos de números relativos aos anos de: 1931, 1932, 1933, 1935, 1936, 1938, 1939 e 1940

<sup>92</sup> Quanto a sua atuação como advogado Friedrich Kniestedt em seu diário diz que Dr. Paulo Hecker o defendeu num processo movido pelos proprietários dos jornais **Der Urwaldsbote** de Blumenau e **Neue Deutsche Zeitung** de Porto Alegre. “Meu representante era o advogado Dr. Paulo Hecker. O processo durou um ano e acabou com minha absolvição.” In: **GERTZ**, René E. *Memórias de um Imigrante Anarquista*. Porto Alegre: Ed. La Salle, 1989. p. 153 No epílogo desta obra Gertz escreve que “ No ato de seu sepultamento, que foi muito concorrido, falaram os Drs. Paulo Hecker , conhecido intelectual gaúcho, e Jesus Ribas, co-fundador da escola racional, que enalteceram as qualidades do extinto, evidenciando a louvável atuação que o mesmo desenvolveu entre seus concidadãos.”

<sup>93</sup> Dados biográficos obtidos através de material manuscrito e entrevista realizada por mim com Paulo Hecker Filho, em 2005, poucos meses antes do seu falecimento. Sobre Paulo Hecker Filho a edição de Zero Hora de 17 de dezembro de 2005 escreve o seguinte no caderno de cultura: “Paulo Hecker Filho, falecido na última segunda-feira, aos 79 anos, foi figura singular e múltipla das letras gaúchas: poeta, escritor, tradutor, dramaturgo, jornalista, cronista e crítico literário.” Pelo que podemos verificar Paulo Hecker possuía uma coluna semanal no *Correio do Povo* intitulada Hora Espírita Radiofônica, no qual eram reproduzidas as suas falas na Rádio Difusora. Em geral a coluna começava com a seguinte introdução: “Foi irradiada ante-ontem, como em todos os

Tanto Vital Lanza quanto Paulo Hecker eram defensores e divulgadores bastante ativos do Espiritismo. Através do *Jornal Espírita* defenderam o Espiritismo, destacando, dentre outras, sua face científica.

O jornal sob a direção de Paulo Hecker mantém os objetivos estabelecidos por Vital Lanza, abordando questões morais, religiosas e científicas à luz do espiritismo.

O formato do jornal também se mantém. Quatro páginas<sup>94</sup> não numeradas de tamanho 54x 38. Respeitando, em linhas gerais, a diagramação<sup>95</sup> anterior, na qual o jornal era dividido, basicamente, em editorial ou artigo de fundo<sup>96</sup>, artigos diversos e uma coluna com notas e notícias seguida – dependendo da edição – de um espaço reservado aos anunciantes.

O *Jornal Espírita* procurava, ainda, explicar e divulgar os conceitos fundamentais da doutrina. Pautava-se por apresentar os princípios espíritas de forma clara, a partir de inúmeros artigos assinados<sup>97</sup> e excertos de obras clássicas do Espiritismo.

O jornal trazia inúmeros reclames e anúncios, principalmente após 1930, quando Paulo Hecker, assumiu a direção do jornal; fato que nos permite inferir sobre o alcance e o prestígio social do periódico. Empresas como a Cervejaria Continental, O Banco Nacional do Comércio, Sociedades de Seguros Porto Alegrense, Livraria Americana e Globo, além lojas de calçados, empresas de engenharia, lojas de roupas, fábrica de bebidas e joalherias faziam publicar seus anúncios<sup>98</sup>.

Paulo Hecker foi durante todo o período uma espécie de “faz tudo” do jornal, responsável pelas atividades de diagramação e de venda de assinaturas, as quais mantinham o jornal em circulação. Evidenciando a partir destas características um perfil quase artesanal, assinalado pelo acúmulo de atividades, pois proprietário-diretor assume um sem número de

---

domingos, às 9:45 pela Rádio Difusora a ‘Hora Espírita Radiofônica’, tendo ocupado o microfone o Dr. Paulo Hecker que dissertou sobre a ‘Reencarnação’.” *Correio do Povo*, Porto Alegre, 02.06.1942, Ano: XLVIII, nº 127, p.03.

<sup>94</sup> Em edições especiais, que reuniam dois números, o jornal chegava a ter doze páginas (incluindo a página final, geralmente dedicada aos anunciantes).

<sup>95</sup> **RABAÇA**, Carlos Alberto. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Campus, 2002. p. 22 Diagramar: “Criar e executar segundo as linhas fundamentais do projeto gráfico e de acordo com critérios jornalísticos – visuais e técnicos – a distribuição gráfica das matérias a serem publicadas no veículo impresso.”

<sup>96</sup> Op. Cit. p. 255, 256 Editorial: “Texto jornalístico opinativo, escrito de maneira impessoal e publicado sem assinatura, referente a assuntos e acontecimentos locais, nacionais ou internacionais de maior relevância. Define e expressa o ponto de vista do veículo ou da empresa responsável pela publicação, e artigo de fundo, o mesmo que editorial.”

<sup>97</sup> Até mesmo Érico Veríssimo, aparece como colaborador, na edição de 01.01.1935, em comemoração aos cinco anos de circulação do *Jornal Espírita* sob a direção de Paulo Hecker. Seu texto, no entanto, não versa sobre a temática espírita, mas sua presença acaba por emprestar prestígio ao jornal.

<sup>98</sup> Na edição de 01.01.1935, contamos 24 anúncios, número que não se mantém nas edições posteriores, mas que dá uma idéia do significado deste jornal para os anunciantes.

funções. O próprio jornal muda de sede da redação conforme Paulo Hecker se transfere de um lugar para outro.<sup>99</sup>

O então proprietário-diretor do jornal procura imprimir ao periódico uma linha editorial<sup>100</sup> que privilegiava a diversidade de opiniões sobre os assuntos relacionados ao espiritismo; ao mesmo tempo, em que busca como traço de ligação entre os diversos artigos<sup>101</sup> a aproximação com os postulados kardequianos. Como veremos adiante, muitas vezes o que se defende no editorial, não é compartilhado pelos articulistas, surgindo mesmo críticas ao espiritismo.<sup>102</sup>

Mas, por ora, o que nos importa é reter a idéia de que o *Jornal Espírita* sob a direção de Paulo Hecker, prima pela liberdade de opinião nos artigos assinados.

O trecho abaixo, publicado em negrito e em fonte maior, serve como evidência a esta afirmação: **“A Direção do Jornal Espírita não se responsabiliza pelos conceitos dos trabalhos assinados, e expressamente autoriza a reedição de todos os seus artigos”**.<sup>103</sup>

Na condição de editor do *Jornal Espírita* Paulo Hecker costuma não só afirmar a diversidade de opiniões dos textos publicados no seu jornal, mas também freqüentemente os editoriais referem-se a questões pertinentes ao contexto histórico do período. Neste sentido questões que extrapolam o cunho doutrinário transparecem nas páginas do jornal.

Em 1932<sup>104</sup>, defende a manutenção da ordem pública e pontua inúmeras questões referentes aos perigos derivados de um estado de anomia. Em outro editorial<sup>105</sup> do mesmo ano sai em defesa da constituição e da democracia, tomando partido das pretensões em favor de um governo constitucional.

Em 1935, sob o título, Orientação Espírita, defende o seguinte pensamento sobre a conjuntura histórica:

O cenário político nacional apresenta um aspecto turvo, inquietante. Grupos de idealismo mal inspirados, procuram rebelar-se contra as instituições e os poderes constituídos. Organizam-se e se traçam normas pragmáticas, que os empolgam perturbadoramente.

<sup>99</sup> Durante o período em que o Dr. Paulo Hecker foi Presidente da FERGS (1931-1932) não só muda a sede da Federação Espírita (Fergs), na época sem sede própria, mas também a sede da redação do jornal. Ver Revista *Reencarnação* Ano: XXXI Porto Alegre dezembro de 1971. p. 11

<sup>100</sup> Op.Cit. Linha Editorial: “Posição mantida pelo órgão de imprensa a respeito dos assuntos noticiados.” p.431.

<sup>101</sup> Op. Cit. “Texto jornalístico interpretativo e opinativo, mais ou menos extenso, que desenvolve uma idéia ou comenta um assunto a partir de determinada fundação, geralmente assinado.”. p. 43

<sup>102</sup> Talvez o exemplo mais significativo seja o do articulista Teodoro Doloyes, que em vários de seus artigos, abertamente outros espíritas, ao defender uma postura menos dogmática e mais científica diante do fenômeno espiritual.

<sup>103</sup> *Jornal Espírita* Ano: XXI nº08 Porto Alegre 16.04.1939. p. 02

<sup>104</sup> *Jornal Espírita* Ano: XIV nº16 Porto Alegre 16.08.1932. p.01

<sup>105</sup> *Jornal Espírita* Ano: XIV nº19 Porto Alegre 01.10.1932. p.01

Visa-se o bem estar dos brasileiros, esquecendo que a nossa sociedade, como as demais comunas terráqueas, repousa sobre duas vigas mestras que a sustentam e mantêm: a família e a propriedade.<sup>106</sup>

No ano seguinte, no primeiro número do periódico, em janeiro de 1936, refere-se a situação do Rio Grande do Sul que deveria servir de exemplo ao país e ao mundo. Em função da adoção de uma postura que primava pelo culto ao trabalho e que buscou pela renúncia verdadeira dos detentores do poder a confiança pública em benefício do bem geral, e em detrimento de divergências políticas.<sup>107</sup>

A partir de 1938<sup>108</sup>, o *Jornal Espírita*, faz publicar uma coluna, assinada pelo Serviço de Divulgação da Polícia do Distrito Federal. Neste e nos anos que se seguem, esta coluna foi publicada de modo regular, composta, via de regra, de pequenos textos de conteúdos diversos.

Entre os títulos encontramos: “ A 3ª Internacional insiste em novas investidas, contra o Brasil”, “ O comunismo destro: a Espanha, destruindo o sentimento de religiosidade do povo espanhol”<sup>109</sup>, “Uma luta anacrônica”<sup>110</sup> e “Mamãe”.<sup>111</sup> Os títulos dos textos seguem guardando sempre o mesmo tom político e educativo: “ Dois mundos”, “Liberdade Austeridade”, “Presentear os filhos”, “ O Estado Novo e o estrangeiro”.

Em determinados momentos, os editoriais, manifestam críticas ao novo regime, quando, por exemplo, tece considerações sobre o **Regime Novo**, afirmando que nos primeiros momentos “os dirigentes auscultam melhor as necessidades públicas e, enquanto não se instalam as organizações estatais.”<sup>112</sup> No entanto, mesmo guardando reservas as ações do governo a partir de 1937, e mesmo antes<sup>113</sup>, o *Jornal* procura assumir uma postura de defesa dos poderes constituídos e da ordem social, tal como podemos verificar neste excerto, retirado de artigo publicado em 1940:

<sup>106</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVII nº15 Porto Alegre 01.08.1935. p.01

<sup>107</sup> *Jornal Espírita* Ano: XIV nº02 Porto Alegre 16.01.1936. p.01

<sup>108</sup> *Jornal Espírita* Ano: XIV nº02 Porto Alegre 16.01.1938. p.02

<sup>109</sup> *Jornal Espírita* Ano: XX nº03 e 04 Porto Alegre 16.02.1938. p.03 Eis um trecho deste texto: “A religião diz o comunista, é o ópio das multidões. E por isso, o agente da III Internacional, onde tentam implantar o seu credo de ódio e assassínios, procura, inicialmente, destruir a crença.”

<sup>110</sup> *Jornal Espírita* Ano: XX nº07 Porto Alegre 01.04.1938. p.02 Trata da defesa do Estado Novo e a ausência de privilégios partidários. Cito: “É necessário que lhes tire dos olhos essa catarata, para que vejam, com nitidez, os imperativos e as contingências dos novos tempos.”

<sup>111</sup> *Jornal Espírita* Ano: XX nº09 Porto Alegre 01.05.1938. p.02 Trata-se de um texto assinado por Almerinda Freitas Gama. Eis alguns trechos: “As pessoas que ajudam a Mamãe, isto é a cozinheira, a arrumadeira, a copeira, a minha professora, não são instrumentos na nossa casa, são pessoas necessárias e Mamãe exige que eu as respeite. Elas tem liberdade de ficar em nossa casa somente enquanto quiserem. Quando não quiserem mais, mamãe não se zanga, faz as suas contas e deixa-as ir embora. Não admite que eu as humilhe ou trate mal. É tal qual minha Pátria. No meu Brasil todos os estrangeiros são bem tratados.”

<sup>112</sup> *Jornal Espírita* Ano: Xx nº24 Porto Alegre 16.12.1938. p.01 Trata-se de um editorial cujo título é “ Natal”.

<sup>113</sup> Refiro-me ao início da década de trinta, quando depois de apoiar a iniciativa dos gaúchos e de Getúlio Vargas, Paulo Hecker defende a Revolução Constitucionalista de 32, que acaba na elaboração da Constituição de 1934.

Espiritistas, ficai mais brasileiros que nunca. Obedecei, e pregai a obediência aos poderes constituídos. Cultivai a terra, que é a mãe comum, tirando dela essa riqueza infinita que generosamente é capaz de dar. Plantai. Espiritistas brasileiros, denotai-vos à vossa gente e ao vosso País, sacrificai-vos por ele. Procedei com moralidade sã e fazei justiça integral. Amai cristamente e buscai luz cada vez mais clara.<sup>114</sup>

Outro ponto para a caracterização do *Jornal Espírita* diz respeito ao momento da história do espiritismo no estado e em Porto Alegre, no qual surge e circula o jornal. Também sobre esta questão é o próprio jornal que nos fornece os indícios. Procuramos mais do que enquadrar o *Jornal Espírita* em um esquema estabelecido *a priori*, mas sim investigar o período a partir da visão do próprio periódico.

Os primeiros jornais e periódicos espíritas começaram a circular em Porto Alegre no final do século XIX (vide tabela anterior), em sintonia com o início do movimento e seu processo de institucionalização.<sup>115</sup> Muitos destes jornais<sup>116</sup> tiveram duração efêmera, e pautavam-se por difundir os princípios e idéias espíritas. Este foi um período que podemos entender como de inserção do espiritismo em Porto Alegre.

Este processo de difusão, no entanto, não está restrito ao final do século XIX e primeiras décadas do século XX, cremos que se prolongou até as décadas seguintes, e mesmo nos anos 50, quando ainda circulam nos jornais espíritas textos de teor semelhante ao início do século. Esta hipótese de que não houve um único momento de difusão do Espiritismo, mas vários momentos, nos quais ele continuou seu processo de legitimação é corroborada pelo exemplo da atuação do jornal *A Luz de Damasco*, da Sociedade Espírita Allan Kardec de Porto Alegre, que publicou textos no início da década de 1950, com explicações sobre o que é, e sobre o que não é Espiritismo, com apoio da Fergs.

Na década de 1930, freqüentemente, o *Jornal Espírita* noticia atividades para o esclarecimento dos adeptos sobre diversos assuntos da doutrina. Atividades que não eram somente dirigidas aos profíctes, mas ao público em geral, visando à difusão dos princípios espíritas.

Neste sentido é que foi transcrita do *Correio do Povo* uma longa notícia sobre a conferência do Dr. Alexandre Braghim, ex-coronel do Exército de Nicolau da Rússia na

<sup>114</sup> *Jornal Espírita* Ano: XXII nº11 e 12 Porto Alegre 01 e 16.06.1940. p.01

<sup>115</sup> Uma das mais antigas sociedades espíritas de Porto Alegre e do Estado a Sociedade Espírita Allan Kardec, surge neste período, no final do século XIX, em 1894, e não tarda em fazer circular seu jornal, a *Revista Espírita*, em 1898.

<sup>116</sup> Os jornais deste tipo constituíam-se num veículo apropriado para fazer circular estas concepções, diante do reduzido acesso a obras espíritas.

Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos em Porto Alegre.<sup>117</sup> O palestrante falou especificamente sobre o espiritismo científico.

Em 1935, em artigo assinado por Caetano Rossi Berlese, a questão da cientificidade do espiritismo foi novamente tema de palestras públicas, conforme palavras do próprio articulista.

Além disso a repercussão social das palestras públicas, onde se levantam temas científicos, provocam sensação. O mundo culto [grifo nosso] volta-se para o acontecimento. As elites [grifo nosso] discutem o que se tratou nelas. A imprensa fala. O Povo comenta. Os praticantes de idéias contrárias interrogam os seus preceptores religiosos.<sup>118</sup>

Mas foram, sobremaneira, as séries de conferências públicas realizadas durante o período das comemorações do Centenário Farroupilha, que melhor retratam este momento de difusão das idéias e conceitos espíritas, notadamente o seu aspecto científico.<sup>119</sup>

As conferências realizam-se sob os auspícios da Federação Espírita do Rio Grande do Sul (Fergs), que então tinha como presidente Ildefonso da Silva Dias.<sup>120</sup> Os esforços de organização começaram em setembro de 1935, com representação de diversas sociedades da capital

de nome socialmente firmado, como o Instituto Dias da Cruz, a Allan Kardec, a Francisco Chavier, a Gabriel e, recentemente, o Roupeiro dos Pobres[que] determinaram, semanalmente, um dia exato para palestras públicas, proferidas pelos especialistas encarregados, em nosso meio, de difundir os ensinamentos kardecistas.<sup>121</sup>

Em nota deste ano de 1935 a Fergs noticia que entre os palestrantes das conferências públicas, a serem realizadas nos domingo, às 10 horas da manhã, no salão do cinema Imperial, na Praça Senador Florêncio, acham-se inscritos os Srs. Dr. Ildefonso da Silva Dias, Coronel

<sup>117</sup> *Jornal Espírita* Ano: XIV nº09 Porto Alegre 01.05.1932. p. 02

<sup>118</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVII nº01 Porto Alegre 01.01.1935. p. 10 Aqui além da ênfase no seu aspecto científico nas palestras públicas, aparece a que este discurso é destinado: ao mundo intelectual, as elites. Cabe explicar que no que diz respeito ao espiritismo experimental e ao científico, é as elites que o discurso é dirigido. Seu aspecto moral e religioso, este sim tem, segundo o próprio Paulo Hecker, um público muito mais vasto, ou seja, e destinado a toda a sociedade.

<sup>119</sup> Ao enfatizar este aspecto os conferencistas não abandonam as exortações de ordem moral e religiosa, de acordo com a definição de Allan Kardec, sobre o que é o espiritismo: “O espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele insiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que dimanam dessas mesmas relações.” Ver **KARDEC**, Allan. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1998.p. 49

<sup>120</sup> Ildefonso da Silva Dias foi também um dos articulistas do *Jornal Espírita* de Paulo Hecker; Presidente da Fergs em 1923, e de 1933 a 1936. Nasceu em Porto Alegre em 26 de fevereiro de 1880. Formado em Engenharia Civil. Ver *A Revista Reencarnação* Ano: XXXVIII Porto Alegre dezembro de 1971. p. 09

<sup>121</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVII nº17 Porto Alegre 01.09.1935. p. 03

Otávio Pires Coelho, Dr. Egídio Hervé, Profa. D. Maria dos Anjos Ruiz Ferreira, Profa. D. Alcina Tabora Garcia, Dr. Leandro Pierini, Prof. Jorge Bahlis, Antônio Pereira Junior, Lourenço Pico e o Prof. Afonso Guerreiro Lima.<sup>122</sup>

Ainda nesta nota informa que em outubro será realizada uma sessão solene, em 03.10.1935, às 20 horas, no Teatro São Pedro, em comemoração ao aniversário de Allan Kardec, “com a representação de sociedades filiadas e de altas autoridades civis e militares.”<sup>123</sup> Dando início assim a série de conferências doutrinárias que terão a duração da Exposição Farroupilha.

Dentre os conferencistas destacamos a participação de Paulo Hecker com uma palestra intitulada: “O Espiritismo desperta consciências para o império da razão”; Antonio Pereira Júnior versando sobre o tema “Deus, Ciência e Religião”, e a palestra de encerramento das conferências espíritas intitulada: “Os postulados espíritas concretizam os ideais cristãos”, também a cargo de Paulo Hecker.

Foi com grande contentamento que o jornal registra a realização das conferências, destacando o alcance que tiveram na cidade e no Estado a partir da transmissão pelo rádio.

Grupos de devotos batalhadores da Seara num esforço digno, conseguiram o numerário preciso para fazer irradiar alguns dos trabalhos apresentados. A PRH2 Rádio Farroupilha, a mais potente estação brasileira, já transmitiu uma das conferencias feitas ‘para todos os céus da América.’<sup>124</sup>

E completa:

Lugares houve em que, em salões de hotel e sociedades reuniram-se grupos de cem pessoas, isso para não falar nos rádios particulares de casas de família, onde grupos pequenos, tudo ouviram. Mesmo aqui em Porto Alegre, o número de rádios-escutas foi incalculável. Outro tanto deveria ter ocorrido com os demais Estados da União e países vizinhos.<sup>125</sup>

Em matéria de 16.12.1935, ao término das conferências doutrinárias realizadas no cine-teatro Imperial, ressalta que “essas palestras ativaram no meio profano, a curiosidade

<sup>122</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVII nº18 Porto Alegre 16.09.1935. p. 03 Muitos destes conferencistas foram articulistas do *Jornal Espírita*, mas que nem sempre abordaram em seus artigos a discussão sobre o caráter científico do espiritismo. Entre eles destacamos o Prof. Jorge Bahlis, Cônsul do México. Ver sobre o Prof. Bahlis no *Jornal Espírita* Ano: XIV nº19 Porto Alegre 01.10.1932. p. 03

<sup>123</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVII nº18 Porto Alegre 16. 09.1935. p. 03

<sup>124</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVII nº20 e 21 Porto Alegre 01. 11.1935. p. 03

<sup>125</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVII nº20 e 21 Porto Alegre 01. 11.1935. p. 03 Conforme ainda a edição de 16.12.1935 a palestra intitulada: “ Os postulados espíritas concretizam os ideais cristãos”, última da série de conferências, foi publicada pelo *Jornal da Manhã*.

pelas verdades eternas, confundindo os detratores do Espiritismo, que só o atacam por meio de insidiosas e falsas afirmações, em que se lhe atribui precisamente àquilo que mais condena”.<sup>126</sup> Terminando por enfatizar o objetivo de tais conferências qual seja o de esclarecer os adeptos, e trazer ao domínio público os postulados espíritas. Para isto serviu-se das palavras do Dr. Ildefonso da Silva Dias, que em nome da Fergs <sup>127</sup>, sintetiza o espírito destas palestras.

Estendendo os meus agradecimentos aos dignos confrades que trouxeram a sua palavra de luz para ser divulgada neste teatro. Todos nós saímos de nossas modestas casas espíritas, deixamos aquele ambiente simples e viemos para casa pública, quase em praça pública [grifo meu], para dizer e revelar verdades que nos encham de entusiasmo e fé, para que todos [grifo nosso] os homens meditem sobre esses ensinamentos.”<sup>128</sup>

Ao final desta série de conferências um fato inusitado ocorre, dando mais publicidade a questão espírita. Durante a realização da Exposição Farroupilha noticia-se aquilo que seria a materialização de um espírito. Sob o título: “Coisas de Além-Túmulo”, a *Folha da Tarde*, dirigida por Vianna Moog, trouxe a notícia da materialização de um guarda civil num recinto da exposição.<sup>129</sup>

Alguns destes conferencistas que participaram da iniciativa da Fergs escreviam também para os jornais espíritas da capital.

O *Jornal Espírita*, sob a direção de Paulo Hecker, reuniu grande número de escritores, que apareciam nas páginas do jornal como articulistas eventuais ou de participação freqüente. Mas todos tinham em comum o fato de comporem, segundo seu proprietário “uma plêiade ilustre de escritores de vários credos e do mais destacado relevo intelectual, social, literário e científico; [que emprestou] as colunas do *Jornal Espírita* o fulgor de suas colaborações.”<sup>130</sup>

Entre os articulistas eventuais destacamos Reinesio Barbosa<sup>131</sup>, líder operário, defensor da vinculação do espiritismo as questões de cunho social nos seus artigos, Isidoro

<sup>126</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVII nº24 Porto Alegre 16. 12.1935. p. 03

<sup>127</sup> Revista *A Reencarnação*, Porto Alegre, dezembro de 1971, Ano: XXXVIII, p. 02. A Federação Espírita do Rio Grande do Sul (Fergs) foi criada em fevereiro de 1921, como resultado do I Congresso Espírita do Estado, realizado na Sociedade Espírita Allan Kardec de Porto Alegre, entre 15 e 17 de fevereiro. Entre os representantes de jornais espíritas da capital, que assinaram a ata de fundação da Fergs, estava presente Vital Lanza, primeiro diretor-proprietário do *Jornal Espírita*.

<sup>128</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVII nº24 Porto Alegre 16. 12.1935. p. 03

<sup>129</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVIII nº09 Porto Alegre 01. 05.1936. p. 03 Não nos foi possível verificar a repercussão deste fato em outros jornais; no entanto, acreditamos que foi mais um elemento, num contexto de difusão do espiritismo.

<sup>130</sup> *Jornal Espírita* Ano: XIV nº01 Porto Alegre 01. 01.1932. p. 01 Trata-se de um editorial.

<sup>131</sup> *Jornal Espírita* Ano: XIV nº11 Porto Alegre 01. 06.1932. p. 02

Duarte Santos e sua esposa<sup>132</sup>, ambos portugueses, Carlos Imbassahy<sup>133</sup>, Guillon Ribeiro<sup>134</sup>, Gastão Luce<sup>135</sup> e L. Denis.<sup>136</sup>

Dentre os articulistas que tratam (eventual ou constantemente) da questão científica do espiritismo identificamos para nossa análise os seguintes: Israel Correa da Silva, Ildefonso da Silva Dias, Frederico Augusto da Silva, Kardecista (pseudônimo não identificado), A.D. Pratas, Carlos Imbassahy, Paulo (sem identificação completa do nome), João Maia, J. L. Lemos, Vital Lanza, S. M. Lemos, De Souza Junior, Lorenzo Picó, Pedro Camargo (pseudônimo Vinícius), Lins Vasconcelos, Carlos Fuhro, Narciso Berlese, Mariano Rango D'Aragona, Conrado Ferrari, Alcinda Taborda Garcia, Teodoro A. Doleys e Cardoso Filho, além do próprio Paulo Hecker, que trata da questão nos editoriais.

Devido, muitas vezes, a escassez de informações não foi possível estabelecer, de maneira pormenorizada, a identificação dos articulistas. Por esta razão procuramos traçar o perfil dos principais<sup>137</sup>, e daqueles que por sua atuação no meio espírita ajudam-nos a entender a inserção social do espiritismo.<sup>138</sup>

Começamos por Teodoro A. Doleys, um dos articulistas que aborda de modo objetivo a questão científica. Este articulista envia seus textos do interior do estado, da cidade de Tupaceretam, ao *Jornal Espírita*. Residia nesta localidade onde exercia a profissão de comerciante.<sup>139</sup> Natural da Alemanha, faleceu em fins de 1933 e início de 1934.<sup>140</sup> Nos Anais

<sup>132</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVII nº11 Porto Alegre 01. 06.1935. p. 03 Os textos são enviados de Portugal para o *Jornal Espírita*. Isidoro Duarte dos Santos, conforme edição de 16.05.1936 foi Diretor do “Mensageiro Espírita” órgão da Federação Espírita Portuguesa.

<sup>133</sup> Carlos Imbassahy é considerado um dos mais destacados defensores da propaganda científica e moral do Espiritismo. Escreveu inúmeros livros sobre o caráter científico do espiritismo. In: *Anais da Sociedade Espírita Allan Kardec*. Cinquentenário de sua fundação 1894-1944. Porto Alegre: Liv. Continente, s/data. Baiano nascido em 09.09.1884. Foi advogado, jornalista e redator, durante longos anos, do Reformador. Faleceu com 85 anos em 1969. Disponível em [www.panoramaespirita.com.br](http://www.panoramaespirita.com.br) último acesso em 12.05.2008

<sup>134</sup> Luís Olímpio Guillon Ribeiro, nasceu em 17 de janeiro de 1875, no Maranhão. Formou-se em Engenharia Civil e trabalhou por longos anos no Senado Federal, chegando em, 1921, a Diretor da Secretaria Geral do Senado. Nos anos de 1920 e 1921 foi Presidente da Federação Espírita Brasileira (FEB). Dominava varias línguas, entre elas o francês, italiano e o inglês. Traduziu inúmeras obras espíritas para o português. Faleceu em outubro de 1943. In: **WANTUIL, Zeus.** *Grandes Espíritas do Brasil*. Rio de Janeiro:FEB, 1943. No *Jornal Espírita* Ano: XVII nº 18 16.09.1935 p.03 Guillon Ribeiro é considerado *articulista especial do Jornal Espírita*.

<sup>135</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVIII nº24 Porto Alegre 16. 12.1935. p. 03 Conforme Paulo Hecker: *Eminente espiritista Francês, escritor e jornalista de grande renome na Europa e membro do corpo editorial da Revue Spirite de Paris, fundada por Allan Kardec em 1858*.

<sup>136</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVII nº24 Porto Alegre 16. 12.1935. p. 03 Neste número do *Jornal Espírita* lembra que seu jornal já teve a colaboração do eminente espírita Leon Denis. Leon Denis nasceu em 1846 Foug, na França, e faleceu em Tours em 1927. Escritor de renome no meio espírita combateu fortemente as idéias materialistas e positivistas. Além de ter estabelecido intensa debate com os defensores da metapsíquica. Disponível em [www.panoramaespirita.com.br](http://www.panoramaespirita.com.br) último acesso em 12.05.2008

<sup>137</sup> Aqui entendido como aqueles que participaram com maior número de artigos sobre a questão da ciência.

<sup>138</sup> Exemplificado na figura de Angel Aguaredo Torrero, diretor de vários jornais e na vanguarda do movimento, como veremos adiante.

<sup>139</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVI nº21 e 22 Porto Alegre 16. 11.1932. p. 03

<sup>140</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVII nº15 Porto Alegre 01. 08.1935. p. 03

da Sociedade Espírita Allan Kardec de Porto Alegre, sob o título : “ Tributo admirativo aos espíritas sulistas”, Teodoro Doleys<sup>141</sup> (junto a outros espíritas gaúchos) recebe as considerações elogiosas seguintes: “[São] espíritos esclarecidos com a intuição nítida da verdade e, cada um no seu setor, mas com os olhos no ideal, prestaram assinalados e preciosos serviços ao Espiritismo”.<sup>142</sup>

No entanto, seu posicionamento era polêmico. Era pautado, muitas vezes, por uma crítica ao dogmatismo presente entre alguns espíritas.<sup>143</sup> Somente a título de exemplo<sup>144</sup> transcrevemos abaixo um pequeno trecho de um dos seus artigos.

Entre nós, a cada instante, a cada discussão, podem ler-se ou ouvir citações de Kardec, dos seus ensinamentos, dos seus axiomas. É o ‘Magister dixit’ do dogma científico e religioso. É o ‘está escrito’ da polêmica teológica. É o 1934 imobilizado no 1856. É a antiga mentalidade sectária.<sup>145</sup>

Outro articulista que escreve freqüentemente no *Jornal Espírita* a cerca da questão da ciência foi Mariano Rango D’Aragona. Natural da Itália, de “um recanto da Itália, terra de Otranto, destruída quatro vezes pelos turcos, com uma ferocidade inaudita, somente por ter sido povoada por ‘giaurs’(cristãos).”<sup>146</sup>

Em um texto<sup>147</sup> enviado para o Jornal de Paulo Hecker, o articulista diante da morte próxima, faz um balanço da sua vida, as decepções, a sua conversão ao espiritismo, e refere que na mocidade foi militante socialista.

Mariano D’Aragona escreveu diversos artigos para o *Jornal Espírita* e militava na divulgação do Espiritismo em outras regiões do país. Enviava seus artigos do Rio de Janeiro, onde dirigia o Centro “Família Espírita”, para Porto Alegre. Espírita bastante engajado no movimento participou, em 1939, de uma homenagem ao Gal. Araripe de Farias, que defendera o Espiritismo das críticas dos médicos cariocas. Segundo Mariano foi “pelo desassombro com que deu entrevistas à imprensa carioca relativamente à controvérsia

<sup>141</sup> Teodoro Doleys morre no início de 1934; a partir de 1935 o jornal publica uma série de artigos deste autor sobre o título: Ciência e Vida. Na edição de 16.04.1936 Paulo Hecker informa que serão publicados dois livros intitulados: “ A luta pela verdade” e “Ciência e Vida”, reunindo seus artigos.

<sup>142</sup> *Anais da Sociedade Espírita Allan Kardec*. Cinquentenário de sua fundação 1894-1944. Porto Alegre: Liv. Continente, s/data. P.26 e 27

<sup>143</sup> Não poupa críticas ao sectarismo dos espíritas, de muitos espíritas. Enfatizando o caráter científico do espiritismo, que considera um momento na trajetória do movimento neo-espiritualista, que na Europa é prestigiado por inúmeros cientistas.

<sup>144</sup> A exemplificação do tipo de argumentação tem um caráter pontual neste momento da dissertação. Nos capítulos seguintes ela surge como elemento de análise, propriamente.

<sup>145</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVII nº23 Porto Alegre 01. 12.1935. p. 03

<sup>146</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVII nº10 Porto Alegre 16. 05.1935. p. 03 Neste número do jornal foi Mariano R. D’Aragona que nos fornece as informações sobre a sua vida.

<sup>147</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVII nº22 Porto Alegre 16. 11.1935. p. 02 Trata de um artigo de Mariano no qual ele faz um balanço de sua vida.

levantada por alguns médicos contra a propaganda espírita pelo rádio.”<sup>148</sup> A controvérsia estava baseada no fato de que o Espiritismo provocava danos ao psiquismo, e por esta razão, procuravam os médicos impedir a propaganda espírita pelo rádio. O acontecimento teve repercussão em Porto Alegre, onde Paulo Hecker escreveu vários editoriais sobre o tema.<sup>149</sup> Outros colaboradores também escrevem sobre a polêmica no *Jornal Espírita*, Otaviano B. de Borba,<sup>150</sup> o kardecista,<sup>151</sup> todos condenando a atitude dos médicos cariocas. A questão parece ter fim, ainda em 1939, quando foi afirmado pelo Boletim do Sindicato Médico o seguinte:

O Espiritismo é hoje uma atividade científica [grifo nosso], quanto às que mais foram, perfeitamente legal, e respeitável. Agora, para o baixo espiritismo, este tem a vigiá-lo e perseguí-lo a polícia(...) O mau espírita, como o mau médico, são ambos nocivos, de fato a coletividade.<sup>152</sup>

Este articulista não só participa da discussão<sup>153</sup> sobre a cientificidade do espiritismo (a semelhança de Teodoro Doleys), mas fez publicar, ainda, nas páginas do *Jornal Espírita* um longo texto.<sup>154</sup> No qual são claras as referências elogiosas a Getúlio Vargas e seu papel nos destinos da nação. Transcrevemos abaixo alguns trechos deste texto, que tem por título: “O homem intermédio” “Getúlio Vargas”.

O mundo olha-o atentamente, parecendo esperar dele um novo rumo social. Vem, Getúlio Vargas, Presidente dos estados Unidos do Brasil, de uma incubação política de sete anos, que não deixava realmente ver o ‘outro homem’, o moderníssimo. (...)

Sete anos atrás este homem apareceu como um revolucionário, contra os governos de parcialidades que se transmitiam o poder de casta em casta, insensíveis ao progresso moral, econômico e industrial da nação. A corrupção pública roía nas bases o país das palmeiras. (...)

Ele meditou, idealizou e fixou silenciosamente a nova estrutura ‘abimis’ da Pátria, em meio da dúvida e até do escárnio do parasitismo inundante. Antes, porém, de aventurar o golpe fatal, fortaleceu-se audazmente contra os dois extremos, o da direita e o da esquerda, empregando concomitantemente firmeza e tolerância. Depois, não mais descansou a foice, continuando a derrubada da árvore, até lhe arrancar as raízes. (...)

Observai-o bem. Pequeno de físico; calmo; de olho perscrutador e de grande alcance. Não tem a pretensão dos super homens que os pagãos do decrépito

<sup>148</sup> *Jornal Espírita* Ano: XXI nº15 Porto Alegre 01. 08.1939. p. 04.

<sup>149</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 16.06.1939, Ano: XXI, nº 11 e 12, p. 01

<sup>150</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 16.06.1939, Ano: XXI, nº 11 e 12, p. 03

<sup>151</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 16.06.1939, Ano: XXI, nº 10, p.03

<sup>152</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 01.07.1939, Ano: XXI, nº13, p. 04

<sup>153</sup> *Jornal Espírita* Ano: XX nº05 Porto Alegre 01. 03.1938. p. 02 Mariano Rango D’Aragona referindo-se a Ernesto Bozzano (cientista e espírita italiano), com quem mantinha correspondência, que considerava de primeira grandeza da Revelação Científica do espiritismo. Assevera: ”e é diante dele que as vezes, sinto-me impedido a criticar muitos confrades nossos que, arvorando-se em mentores do espiritismo, o imaginam e o vulgarizam como uma simples doutrina franciscana, supina ação religiosa”.

<sup>154</sup> Texto que segundo Mariano Rango D’Aragona foi ditado mediunicamente.

mundo de ultramar adoram e obedecem cegamente. Não, ele sente e diz em público que é um ‘parêntesis’ entre as duas épocas – o sepulcro do passado e a ressurreição do porvir. (...)

Nós, espiritistas, sentimos por ele a verdadeira admiração que se deve a criatura harmônica, concentrada no bem pelo bem: exemplo de liberdade e de justiça, dentro e fora da nação.

E havemos de o defender com os meios pacíficos da prece e da propaganda dentro dos milhares dos nossos centros espalhados pelo Brasil. Baluartes da nova consciência nacional. O ‘parênteses’, o ‘homem intermédio’, prenuncia a Ressurreição humana.<sup>155</sup>

Além de Teodoro Doleys e Mariano Rango D’Aragona, outros colaboradores do jornal podem ser citados. São eles: Conrado Ferrari, Diretor Geral da Fazenda Municipal<sup>156</sup> e Diretor do Hospital Espírita de Porto Alegre<sup>157</sup>; J.L.Lemos, responsável pela Secção de Espiritismo no *Correio do Povo*<sup>158</sup>; Carlos Fuhro, natural de uma pequena cidade na Alsácia<sup>159</sup>, confessava-se de orientação ampla, aberta a Teosofia, Antroposofia, Sabedoria do Oriente, Budismo e ao Neo-Platonismo<sup>160</sup>, considerado no meio espírita como conferencista e escritor em prol da causa espírita, adepto esclarecido e de vasto prestígio nos meios profanos, responsável pela fundação de instituições espíritas<sup>161</sup>; Israel Correa da Silva, Presidente da Fergs de 1924 a 1925, e primeiro Diretor da Sociedade Espírita Riograndense, em 1887<sup>162</sup>, nascido em 1863, exerceu a profissão de contabilista e faleceu em 1938.<sup>163</sup> Sobre Israel C. da Silva o *Jornal Espírita* publica, por ocasião do seu falecimento, uma longa matéria, de onde extraímos os trechos seguintes:

Desencarnou em 14 de setembro de 1938, espírita desde os vinte anos, aos 75 anos (...). Sofreu danosos reflexos pela perseguição dos detratores da verdade, que se não se dignaram em descer mesmo, como realmente desceram, a calúnia infame e peçonhenta para lhe arrancar as altas colocações que os seus saber e moralidade lhe haviam granjeado.<sup>164</sup>

<sup>155</sup> *Jornal Espírita* Ano: XX nº02 Porto Alegre 16. 01.1938. p. 03

<sup>156</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVII nº03 Porto Alegre 01. 02.1935. p. 03

<sup>157</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVIII nº05 e 06 Porto Alegre 16. 03.1936. p. 06

<sup>158</sup> *Jornal Espírita* Ano: XXVII nº24 Porto Alegre 16. 12.1935. p. 03

<sup>159</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVIII nº05 e 06 Porto Alegre 16. 03.1936. p. 04

<sup>160</sup> *Jornal Espírita* Ano: XXI nº13 Porto Alegre 01. 07.1939. p. 03

<sup>161</sup> *Anais da Sociedade Espírita Allan Kardec*. Cinquentenário de sua fundação 1894-1944. Porto Alegre: Liv. Continente, s/data. P.26 e 27

<sup>162</sup> DIAS, José Roberto de Lima. *A Evolução: um instrumento cultural da imprensa espírita no final do século XIX em Rio Grande*. Monografia de Especialização defendida na FURG, 2003. p. 34

<sup>163</sup> A Revista *A Reencarnação* Ano: XXXVII Porto Alegre dezembro de 1971. p. 08 e 09

<sup>164</sup> *Jornal Espírita* Ano: XX nº18 Porto Alegre 16. 09.1938. p. 01

Segue a notícia de sua morte informando que deixa vários filhos e genros, entre eles, Dorval Vianna Correia da Silva, sócio da Livraria do Globo, e o Dr. José Fagundes de Oliveira Freitas, professor da Faculdade de Direito.

Israel C. da Silva foi, ainda, membro efetivo da Comissão de organização dos estatutos da Federação Espírita do Estado (Fergs), e do I Congresso Espírita do Rio Grande do Sul, realizado em fevereiro de 1921, ao final do qual foi criada a própria Fergs.<sup>165</sup>

Importa-nos mencionar um último grupo de articulistas que tratam da questão da ciência e o espiritismo.<sup>166</sup>

Referimo-nos em primeiro lugar a Lourenço Picó, sobre o qual existem poucas referências, mas que trata do tema em vários e longos artigos, e a quem as obras de cunho histórico referem-se como escritor de fôlego e pensador ilustrado.<sup>167</sup>

Seguem: Artur Lins de Vasconcelos Lopes, membro da Caravana da Fraternidade em 1950, responsável por percorrer o país lançando os fundamentos da estrutura federativa nacional, proposta pelo Pacto Áureo que, em 1949, uniu os espíritas de todo país sob o comando da Federação Espírita Brasileira.<sup>168</sup> Alcinda Tabora Garcia, professora e evangelizadora espírita.<sup>169</sup> Ildfonso da Silva Dias, presidente da Fergs em 1923, e de 1933 a 1936, nascido em Porto Alegre, em 1880, e engenheiro civil de profissão.<sup>170</sup>, membro do I Congresso Espírita do Estado, em fevereiro de 1921. Frederico Augusto Gomes da Silva, membro do I Congresso Espírita do Estado. E, encerrando esta lista, Pedro Camargo (Vinícius).<sup>171</sup>

Outros tantos articulistas poderiam ser citados, embora não façam parte do grupo de articulistas que tiveram seus artigos selecionados para o nosso estudo. Mas a partir dos quais se depreende a inserção social do espiritismo. Dentre eles, destacamos Egydio Hervé,<sup>172</sup>

<sup>165</sup> *A Reencarnação* Ano: XXXVIII Porto Alegre Dezembro de 1971. p.99

<sup>166</sup> Esclareço que estes articulistas não escrevem somente sobre a questão da ciência; comumente abordam outras questões relacionadas ao espiritismo. Refiro-me aqui aos artigos, alvos desta pesquisa, que tratam direta ou indiretamente da relação espiritismo e ciência.

<sup>167</sup> *Anais da Sociedade Espírita Allan Kardec*. Cinquentenário de sua fundação 1894-1944. Porto Alegre: Liv. Continente, s/data. P.26 e 27

<sup>168</sup> *A Reencarnação* Ano: XXXVIII Porto Alegre Dezembro de 1971. p.47

<sup>169</sup> *A Reencarnação* Ano: XXXVIII Porto Alegre Dezembro de 1971. p.08 e 09

<sup>170</sup> *A Reencarnação* Ano: XXXVIII Porto Alegre Dezembro de 1971. p.09 e 101

<sup>171</sup> *Pedro Camargo*, utilizava o pseudônimo de Vinícius, nasceu em Piracicaba no Estado de São Paulo em 1878. Exerceu por vários anos a profissão de comerciante. No meio espírita ficou conhecido como grande orador, e escritor conceituado, tendo várias obras editadas pelas FEB. Além de continuo articulista do Reformador (órgão de divulgação da FEB). Faleceu em outubro de 1966. In: **WANTUIL, Zeus**. *Grandes Espíritas do Brasil*. Rio de Janeiro:FEB, 1943. p. 603

<sup>172</sup> *A Reencarnação* Ano: XXXVIII Porto Alegre Dezembro de 1971. p.08

engenheiro e professor universitário. Oscar Pithan e H. Inácio Domingues, ambos médicos, e responsáveis pela construção de hospitais e casas espíritas.<sup>173</sup>

Uma última referência inclui nesta lista o nome de Angel Aguarod Torrero. Este escritor espírita era natural de Ayerbe na Espanha, onde nasceu em 02 de outubro de 1860. Posteriormente, em 1905, transferiu-se, de Barcelona para Buenos Aires, onde residiu por 10 anos. Mudando-se por fim, para Porto Alegre em 1915, onde permaneceu até sua morte em 1932.<sup>174</sup> Em Porto Alegre exerceu a profissão de professor e jornalista. Atuou, também, como articulista de jornais espíritas da Argentina, para os quais escrevia.<sup>175</sup>

Após o seu falecimento o *Jornal da Manhã* comunica a morte do “notável jornalista”, pai de Pilar Picó, “virtuosa consorte do Sr. Lorenzo Pico, nomes vantajosamente conhecidos no escol social porto-alegrense.”<sup>176</sup>

Durante 25 anos o *Jornal Espírita* circulou em Porto Alegre, e reuniu, entre seus colaboradores, destacados nomes do espiritismo de Porto Alegre, do Estado e do País.

Paulo Hecker assumiu o jornal no início da década de 1930, e o dirigiu até seu fechamento em 1943.<sup>177</sup> Ao longo deste período consolidou a imagem de um jornal ativo na divulgação do espiritismo. O seu prestígio e o do jornal que dirigia era, muitas vezes, atestado pelos membros do movimento e por conceituadas publicações espíritas.

A *Revue Spirite*<sup>178</sup> escreveu sobre a importância dos textos publicados pelo jornal, e destacada atuação de Vital Lanza, Paulo Hecker, Angel Aguarod Torrero e Mariano D’Aragona no meio espírita. Paulo Hecker assinala o fato em um dos números do jornal.<sup>179</sup>

Quando o *Jornal Espírita* deixou de circular em 1943, Paulo Hecker, seu proprietário-diretor e redator, por 21 anos, explicou que “viu-se obrigado a tomar essa resolução, em face da anormalidade do momento e do acréscimo constante do preço das utilidades, em especial do papel de impressão.”<sup>180</sup>

Esta notícia sobre o fechamento do jornal foi acompanhada de manifestações de reconhecimento a sua importância, pois “em sua longa existência tornou-se valioso acervo

<sup>173</sup> Anais da Sociedade Espírita Allan Kardec. Cinquentenário de sua fundação 1894-1944. Porto Alegre: Liv. Continente, s/data. P. 08

<sup>174</sup> Revista *A Reencarnação* Ano: XXXVIII Porto Alegre Dezembro de 1971. p. 09

<sup>175</sup> Angel Aguarod Torrero escreveu para Revista *El Espiritismo. Organo de Asociación de Estudios Psicológicos Dios y Progreso*. Diretor: A. Lozano Administrador: A. Barreto

<sup>176</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVI nº21 e 22 Porto Alegre 16. 11.1932. p. 04

<sup>177</sup> *A Reencarnação* Ano: XXXVIII Porto Alegre Dezembro de 1971. p. 11

<sup>178</sup> *A Revue Spirite* é a revista criada por Allan Kardec em 1858 na França. Primeira publicação sobre o espiritismo, a revista circula até os dias de hoje.

<sup>179</sup> *Jornal Espírita* Ano: XIV nº15, 23 e 24 Porto Alegre 01.08.1932 e 16,12,1932. p. 03

<sup>180</sup> Revista *A Reencarnação* Ano: IX nº 08 Porto Alegre Maio de 1943. p. 08

doutrinário, em cujas colunas, traçaram caminhos luminosos personalidades destacadas da Terceira Revelação<sup>181</sup> e do Espiritismo em geral.”<sup>182</sup>

A notícia era encerrada com um agradecimento a Paulo Hecker ao “seu dinamismo, a vontade enérgica e rutilante inteligência,(...)que transparecem, através das páginas do jornal.” E desejando que tão logo passasse este “momento tormentoso”, o *Jornal Espírita* voltasse a circular.<sup>183</sup>

O fato é que o jornal não mais voltou a circular. Mas durante o período de sua circulação, principalmente, a partir da década de 1930, inseriu-se em uma rede de contatos, que mantinha informados os espíritas dentro e fora de Porto Alegre. Sobre esta questão José Roberto Dias acredita na idéia de que “[havia] um intenso intercâmbio entre os espíritas através de sua rede de jornais, que os mantinha informados e unificados em torno de seus princípios”.<sup>184</sup> O *Jornal Espírita* de Paulo Hecker demonstra a validade desta afirmação.

Em diversos números abriu espaço para articulistas franceses e de outros estados do País, mantendo contatos freqüentes com eles. Chegou, em 1939, a dirigir um apelo aos espíritas rio-grandenses por doações<sup>185</sup> para crianças vítimas da guerra civil espanhola, que depois seriam enviadas ao Centro Espírita Amália Soler em Barcelona.<sup>186</sup> A relação se estabelecia a partir dos dirigentes da revista *La Luz del Porvenir*, órgão oficial da Federação Espírita Espanhola.<sup>187</sup> Fundada em 1878, por Amália Domingos Sóler.<sup>188</sup>

Outro fato importante para compreensão do *Jornal Espírita*, como um jornal engajado na divulgação do espiritismo, foi o seu apoio para organização do I Congresso de Jornalistas Espíritas<sup>189</sup> no Rio de Janeiro, sob os auspícios da Federação Espírita Brasileira<sup>190</sup> e a anuência da Associação Brasileira de Imprensa.

<sup>181</sup> Para os espíritas a Terceira Revelação designa o espiritismo. A primeira fora dada por Moises e a segunda através do Cristo.

<sup>182</sup> Revista *A Reencarnação* Ano: IX nº 08 Porto Alegre Maio de 1943. p. 08

<sup>183</sup> Revista *A Reencarnação* Ano: IX nº 08 Porto Alegre Maio de 1943. p. 08

<sup>184</sup> DIAS, José Roberto de Lima. *A Evolução: um instrumento cultural da imprensa espírita no final do século XIX em Rio Grande*. Monografia de Especialização defendida na FURG, 2003. p.63

<sup>185</sup> Na campanha para a arrecadação pedia-se, entre outros produtos, o envio de leite condensado para as crianças.

<sup>186</sup> *Jornal Espírita* Ano: XXI nº05 Porto Alegre 01. 03.1939. p. 01

<sup>187</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVIII nº24 Porto Alegre 16. 12.1936. p. 03

<sup>188</sup> Amália Domingos Sóler nasceu em 10.12.1835 em Sevilha na Espanha. Grande escritora espírita, publicou cerca de 1286 artigos em diversas revistas e jornais, na Espanha e no exterior. Chegou a colaborar com revistas espíritas em Montevidéu e Buenos Aires. Faleceu em 29 de abril de 1909. Disponível em [www.panoramaespirita.com.br](http://www.panoramaespirita.com.br) último acesso em 12.05.2008.

<sup>189</sup> *Jornal Espírita* Ano: XXI nº18 Porto Alegre 16. 11.1932 p.01 e nº 19 01.10.1939 p. 01 O Congresso foi realizado no Rio de Janeiro de 15 a 25 de novembro de 1939. Presidente efetivo: Sr. Deolindo Amorim, Presidente de Honra: Dr. Leôncio Correia (membro da Academia Carioca de Letras e Presidente da Liga Espírita do Brasil). A liga foi à entidade responsável pela realização do Congresso.

<sup>190</sup> Revista *A Reencarnação*, Porto Alegre, dezembro de 1971, Ano: XXXVIII, p. 29. A Federação Espírita Brasileira (FEB) foi fundada em 1884. Criada como resultado das discussões de um grupo de espíritas que se

Este congresso estabeleceu uma série de resoluções, entre elas, por unanimidade, a de afirmar os espíritas como patriotas, organizar uma associação de jornalistas e escritores espíritas, afirmar seu caráter idôneo, afirmar que o espiritismo não colide com a prática médica e incentivar a divulgação (inclusive com a criação de escolas espíritas).

Eis alguns trechos das resoluções do Congresso:

D) Recomendar se empreguem esforços para que os que tem a seu cargo a divulgação da doutrina, não só nos jornais e revistas pertencentes as associações espíritas, como nas colunas dos jornais ecléticos, se limitem, tanto quanto possível, aos postulados da mesma e as suas obras basilares, esforçando-se todos, para que não haja guarida nos jornais para as campanhas deprimentes, nem para a colaboração imprestável.<sup>191</sup>

O congresso ainda recomenda aos jornalistas espíritas o registro no Serviço de Identificação Profissional do Departamento Nacional do Trabalho como jornalistas não profissionais, “permitido pelo decreto nº 1.698 de 23 de outubro do ano de 1940”.<sup>192</sup>

Por fim, o que realizamos nesta parte do nosso estudo foi formar, a partir de elementos fornecidos pela leitura atenta e minuciosa da fonte/objeto, o perfil do *Jornal Espírita* dirigido pelo Dr. Paulo Hecker. Buscamos nas várias edições levantar os elementos pertinentes a sua organização e funcionamento; e de modo particular, perseguimos todos os indícios que pudessem levar a identificação da visão do jornal sobre o contexto histórico e a trajetória do movimento espírita em Porto Alegre. Além de constantemente apontar para os elementos que pudessem caracterizar a postura do jornal acerca da face científica do espiritismo.

Dedicamos longo tempo a identificação dos articulistas e as suas opiniões sobre a conjuntura histórica e sobre os rumos do espiritismo nesta década. De modo a enquadrar o jornal como essencialmente opinativo e veículo de concepções de vários intelectuais espíritas da capital, e mesmo, do Estado e do País.

Acreditamos que nosso trabalho, nesta etapa da pesquisa, é fundamentalmente descritivo, mas capaz de fornecer para o leitor uma visão ampla sobre como era o *Jornal Espírita* e qual o papel que desempenhava. De forma a permitir, na seqüência do trabalho, a aplicação da análise do conteúdo a seus artigos e editoriais.

---

reuniam desde 1883, na sede do jornal *O Reformador*, dirigido por Augusto Elias da Silva. Entre os objetivos da FEB, expressos pelo *O Reformador*, seu órgão oficial, estavam o de difundir o Espiritismo principalmente pela imprensa e pelo livro.

<sup>191</sup> *Jornal Espírita* Ano: XXII nº13 e 14 Porto Alegre 16. 07.1940. p. 04

<sup>192</sup> *Jornal Espírita* Ano: XXII nº13 e 14 Porto Alegre 16. 07.1940. p. 04

### 1.3 A ABORDAGEM DO JORNAL ESPÍRITA

#### 1.3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DE CONTEÚDO (AC)

A Análise de Conteúdo (AC) pode ser aplicada a qualquer material oriundo da comunicação verbal ou não-verbal, tais como cartas, cartazes, jornais, revistas, informes, livros, relatos biográficos, discos, gravações, entrevistas, diários pessoais, fotografias, vídeos, dentre inúmeros outros.<sup>193</sup> O que evidencia o amplo uso que os pesquisadores das mais diversas áreas podem realizar, tendo-a como instrumento metodológico.

Propriamente a AC divide-se em três fases, ou segundo Bardin, pólos cronológicos: 1) Pré-análise, 2) exploração do material e 3) Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Na pré-análise realiza-se uma leitura flutuante, donde decorem três grupos de ação: o primeiro consiste na formulação das hipóteses e dos objetivos e a dimensão e direção de análise, o segundo trata da escolha de documentos, constituição de um *corpus* documental e a preparação do material, e por último a referenciação dos índices, elaboração dos indicadores, as regras de recorte, de categorização e de codificação. Todos estes desdobramentos da pré-análise estão profundamente interligados.

O segundo pólo consiste na exploração das técnicas sobre o *corpus* documental constituído para a análise.

A última fase representa o tratamento dos resultados e interpretações, segue-se então para as operações estatísticas, síntese e seleção dos resultados, inferências e interpretações. Decorre do final desta última etapa, que as interpretações podem ser usadas com fins teóricos e pragmáticos, ao mesmo tempo, que propicia elementos novos para orientar todo o processo de uma nova análise.<sup>194</sup>

Esta estrutura descrita visa à desconstrução dos documentos em unidades para posterior construção de um meta-texto, e finalmente um texto final, contendo a interpretação.<sup>195</sup>

Em síntese, podemos dividir a AC em três etapas fundamentais começando-se pela definição de um *corpus* da análise, ou seja, um conjunto de documentos

---

<sup>193</sup> MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. In: *Revista Educação*, nº 37. Porto Alegre: 1999. p. 10.

<sup>194</sup> BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Edições 70: Porto Alegre, 1977.

<sup>195</sup> RAMOS, Maurivam Guntzel. *Análise de Conteúdo e Análise de Discurso: Comparando Concepções e Procedimentos*. Mimeo, s/d.

que serão desmontados em seus elementos constituintes, denominados unidades de análise ou unidades de registro. Tal fragmentação em unidades maiores ou menores rompe com uma ordem pré-existente e depende da subjetividade do pesquisador, dos seus propósitos, assim como da definição das mesmas unidades.<sup>196</sup>

A etapa seguinte consiste na organização de **categorias** onde as unidades de análise, registro e significado, que tenham relação entre si, em função de enunciados, características ou mensagem serão agrupadas. Corresponde à etapa de categorização a um conjunto de unidades de análise. A última etapa consiste na construção de um meta-texto, e que segundo Constantino,

exige esforço para expressa, inclusive, as intuições do pesquisador. Não pode limitar-se à descrição, mas precisa atingir níveis de inferências e de interpretações. Devem ser comunicadas as novas compreensões, explicitadas as novas descobertas emergentes da análise, tornando compreensíveis os fenômenos ou processos investigados.<sup>197</sup>

Cabe salientar que respeitando esta estrutura da AC, existe uma grande diversidade de aplicação do método. Na nossa pesquisa procuraremos utilizá-la para compreender a visão do *Jornal Espírita*, a partir dos editoriais e dos artigos, sobre a ciência e suas relações com o Espiritismo.

### 1.3.2 A ANÁLISE DO JORNAL ESPÍRITA

A leitura de cada uma das edições do *Jornal Espírita* tem por base que ele enquadra-se como gênero jornalístico opinativo, onde o articulista funciona como difusor de opiniões “seja as opiniões próprias, seja as que lê, ouve ou vê.(...) Atuando como conselheiro, como formador de opinião.”<sup>198</sup>

Sobre este gênero jornalístico Melo afirma que a informação diz respeito a saber o que se passa, e a opinião é saber o que se pensa sobre o que se passa. E mais, os gêneros que se agrupam na área de opinião assumem duas feições: autoria (quem emite a opinião) e angulação (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido á opinião).

---

<sup>196</sup> CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Pesquisa Histórica e Análise de Conteúdo. Pertinências e Possibilidades. In: *Revista de Estudos Ibero-Americanos*, V. XXVIII, n.1. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2002. p.191

<sup>197</sup> CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Op. Cit. p.192

<sup>198</sup> MELO, José Marques de. *Opinião no jornalismo brasileiro*. Porto Alegre: Ed. Vozes, 1985 p.18

Tendo por base esta definição o autor propõe quatro categorias (gêneros narrativos) para classificação do jornalismo opinativo: editorial, comentário, artigo e resenha.<sup>199</sup>

Nesta dissertação trabalhamos com dois destes gêneros narrativos. O editorial que “expressa a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento.”<sup>200</sup> E que nas “organizações de porte médio ou nas pequenas empresas, traz a opinião do dono do jornal (proprietário).”<sup>201</sup>

Este gênero possui quatro características básicas: a impessoalidade, a topicalidade (tema bem delimitado), a condensabilidade (maior ênfase nas afirmações) e a plasticidade (flexibilidade, maleabilidade).<sup>202</sup>

O segundo gênero que selecionamos é o artigo. A definição de artigo, a despeito das divergências sobre seu entendimento, obedece à concepção de “uma matéria jornalística onde alguém (jornalista ou não) desenvolve a idéia e apresenta uma opinião.”<sup>203</sup>

Este gênero é ainda caracterizado por dois elementos, a atualidade e a opinião. E a opinião emitida no artigo “vincula-se á assinatura do autor; o leitor a procura exatamente para saber como o articulista, pensa e reage diante da cena atual”.<sup>204</sup>

Quanto à finalidade, o artigo pode ser doutrinário ou científico. O primeiro “se destina a analisar uma questão da atualidade, sugerindo ao público uma determinada maneira de vê-la ou de divulgá-la”.<sup>205</sup>

E assevera: “É uma matéria através da qual o articulista participa da vida da sua sociedade, denotando a sua condição de intelectual comprometido como o presente.”<sup>206</sup> Já o artigo científico é aquele que “destina-se a tornar público o avanço da ciência, repartindo com os leitores novos conhecimentos, novos conceitos.”<sup>207</sup>

Melo destaca ainda que no artigo o estilo é do articulista, é que “sendo uma colaboração espontânea ou solicitação nem sempre remunerada, o artigo confere liberdade completa ao seu autor. E esclarece que trata-se de liberdade em relação ao tema, ao juízo de valor emitido, e também em relação ao modo de expressão verbal.”<sup>208</sup> Referindo-se, especificamente, ao jornalismo brasileiro, o autor considera que este tipo de gênero narrativo

---

<sup>199</sup> Op. Cit p. 47,48

<sup>200</sup> Op. Cit. p.48

<sup>201</sup> Op. Cit. p.48

<sup>202</sup> Op. Cit. p.82

<sup>203</sup> Op. Cit. p.92

<sup>204</sup> Op. Cit. p.93

<sup>205</sup> Op. Cit. p.93

<sup>206</sup> Op. Cit. p.93

<sup>207</sup> Op. Cit. p.93

<sup>208</sup> Op. Cit. p.94

tanto pode ser de competência de um jornalista (pertencente aos quadros do jornal), quanto “um colaborador – escritor, professor, pesquisador, político, profissional liberal – convidado a escrever sobre o assunto da sua competência.” E que no passado o espaço aberto era maior para colaboração de intelectuais.<sup>209</sup>

Feitos estes esclarecimentos sobre o gênero ao qual pertence o *Jornal Espírita*, partiremos para aplicação da AC aos artigos e editoriais que formaram nosso *corpus* documental. Não sem antes reafirmamos que na nossa análise sobre a ciência e espiritismo trabalharemos com um único jornal, o *Jornal Espírita*, especificamente a década de 1930.

Deste período restaram do jornal no acervo da Federação Espírita do Rio Grande do Sul (Fergs) somente os números dos anos de 1931, 32, 33, 35, 36, 38, 39 e 40.<sup>210</sup> E ainda assim incompletos, com anos onde existem quase todas as edições e anos com poucos números. No entanto, apesar disto a amostra é representativa do pensamento dos espíritas sobre a ciência e suas relações com o Espiritismo, pois contem inúmeros artigos e editoriais que tratam direta ou indiretamente do tema.

Para o ano de 1931 restaram 7 edições<sup>211</sup>, para o ano de 1932 existem 20 edições, 1933 existem 15 edições, 1935 existem 20 edições, 1936 existem 21, 1938 existem 20 edições, 1939 existem 22, e para o ano de 1940 ainda existem 18 números do *Jornal Espírita* no acervo da Federação Espírita do Rio Grande do Sul (Fergs). Totalizando 144 edições para os anos entre 1931 a 1940.

Para nossa análise utilizaremos somente os artigos e editoriais que tratavam da questão da cientificidade do espiritismo, mesmo que estes estivessem no corpo do texto, haja vista que muitas vezes o título não fazia menção direta ao tema. Por esta razão optamos algumas vezes em não transcrever o artigo e o editorial completo, mas partes ou parágrafos dos mesmos, mas que não comprometem o sentido dado na argumentação dos articulistas. Reafirmamos que neste processo não consideramos os textos ou artigos transcritos de outros jornais e publicações, bem como as notas ou notícias que compunham a seção intitulada diversas.

Num total de 144 números do *Jornal Espírita* pesquisados, apontados acima, recolhemos apenas aqueles artigos e editoriais que se referem à questão da ciência, totalizando 72. Deste total, 56 eram artigos e 16 compunham editoriais.

---

<sup>209</sup> Op. Cit. p.95,97

<sup>210</sup> Não foram encontrados números do *Jornal Espírita* em outras Casas ou Sociedades Espíritas de Porto Alegre, nem mesmo em arquivos públicos como o Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

<sup>211</sup> O *Jornal Espírita* possui uma periodicidade quinzenal, de modo que circulam em um ano geralmente 24 edições.

**Tabela 2**  
**Quantidade de jornais consultados**  
**e número de artigos e editoriais com o tema ciência e Espiritismo**

<i>Ano</i>	<i>Jornais consultados</i>	<i>Artigos</i>	<i>Editoriais</i>
1931	7	5	3
1932	20	20	1
1933	15	13	4
1935	20	4	2
1936	21	7	2
1938	22	4	1
1939	21	3	3
1940	18	0	0
<b>Total</b>	<b>144</b>	<b>56</b>	<b>16</b>

Nesta tabela de número dois percebemos que o número de artigos e editoriais é irregular nos anos pesquisados. Não foi possível identificar, por exemplo, porque em 1932 e 1933 o número de artigos que tratavam da questão da ciência foi maior em comparação aos outros anos. O número de exemplares pesquisados não justifica este aumento, tendo em vista que nos anos seguintes a média de jornais que tivemos acesso se manteve estável e até foi maior. Nem tão pouco conseguimos explicar o gradativo decréscimo de artigos e editoriais até a década de 1940. Uma possível, mas precária explicação, talvez resida no fato que Paulo Hecker assumiu o *Jornal Espírita* no início da década de 1930, e que neste momento o jornal ganhou novo fôlego, com mais articulistas participando do jornal. Contudo, nosso objetivo não reside nestas tentativas de entendimento, mas em levantar a partir da AC os argumentos dos articulistas e dos editoriais frente à questão da ciência e o Espiritismo com vistas a entender quais as representações em jogo.

Na seqüência eles foram divididos em duas grandes categorias, que denominamos a partir da própria aplicação da metodologia da AC. Para a criação destas categorias e das subcategorias o critério foi a leitura intensa dos textos dos articulistas para a identificação de sua postura frente à ciência e o espiritismo. Como os artigos e os editoriais não somente se posicionavam a favor ou contra a ciência, procuramos identificar quais eram seus argumentos na defesa ou na crítica à ciência. Deste modo foram criadas duas grandes categorias: “O Espiritismo como Crítica à Ciência” e “O Espiritismo Identificado com a Ciência”. Categorias que ressaltamos surgiram em função da aplicação da metodologia, e que não foram determinadas *a priori*.

Nestas duas categorias foram distribuídos os 72 artigos e editoriais, em quatro formas de entrada no tema ciência e espiritismo, que acabaram por formar cinco subcategorias: *O Espiritismo e o materialismo*, *O Espiritismo e o ataque aos cientistas*, *O Espiritismo, a metapsíquica e a parapsicologia*, *O Espiritismo como uma ciência singular*, e a última, *O Espiritismo como herdeiro da tradição científica*.

Esta divisão em subcategorias, e mesmo em categorias, surgiu após intensa e minuciosa leitura segundo os passos da AC. Buscamos primeiro romper o texto do jornal, fragmentá-lo, separar os artigos e editoriais do corpo do jornal, para após tornar a reuni-los em grupos que na primeira leitura não era capaz de revelar a recorrência de assuntos, as continuidades da argumentação, de estabelecer claramente as semelhanças e diferenças na forma como eram tratadas as questões relativas à ciência e ao espiritismo. Foram destas semelhanças e diferenças entre os textos dos editoriais e artigos que pudemos estabelecer as categorias e as formas de entrada no tema.

A contabilização destes dados, a separação em categorias e subcategorias, confirmou a hipótese de que a ênfase na ciência e a singularidade da ciência Espírita eram também recorrentes entre os articulistas do *Jornal Espírita*. Esta hipótese é baseada na suposição simples de que a definição do Espiritismo dada por Allan Kardec nas várias obras que formam o corpo da doutrina e nos textos complementares publicados pelo codificador, nas quais ele também defende o caráter científico da doutrina,<sup>212</sup> teria de ter continuidade neste grupo de espíritas que escrevem para o *Jornal Espírita* dirigido por Paulo Hecker. Comparando a definição de Espiritismo colhida do *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, publicado em 1864,

---

<sup>212</sup> Referimo-nos ao *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo* (1865) e *A gênese, os Milagres e as Predições* (1868) e a *Revista Espírita* (1858)

O Espiritismo é a nova ciência que vem revelar aos homens, por provas, irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual, e suas relações com o mundo corporal; ele no-lo mostra, não mais como uma coisa sobrenatural, mas, ao contrário, como uma das forças vivas e incessantemente ativas da Natureza, como a fonte de uma multidão de fenômenos incompreendidos, até então atirados, por esta razão, ao domínio do fantástico e do maravilhoso.<sup>213</sup>

E outra que Allan Kardec escreve, ainda, sobre as limitações da ciência materialista e a singularidade da ciência espírita.

Os tempos são chegados em que os ensinamentos do Cristo devem receber seu complemento; em que o véu, lançado propositadamente sobre algumas partes desse ensinamento, deve ser levantado; em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, deve inteirar-se do elemento espiritual, em que a religião, cessando de menosprezar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, essas duas forças, apoiando-se uma sobre a outra, e andando juntas, se prestarão um mútuo apoio. Então a Religião, não recebendo mais o desmentido da Ciência, adquirirá uma força inabalável, porque estará de acordo com a razão, e não se lhe poderá opor a irresistível lógica dos fatos.<sup>214</sup>

Retirada, também, de *O Evangelho Segundo Espiritismo*, revelam claramente, como veremos nos capítulos seguintes, que elas serão apropriadas e aparecerão de maneira recorrente nos artigos e editoriais do *Jornal Espírita*.

Outros argumentos dos articulistas referentes à metapsíquica e a parapsicologia não estão presentes em Kardec, mas aparecem nos argumentos dos articulistas e nos editoriais. Isto se deve ao fato de a metapsíquica<sup>215</sup>, criada por Charles Richet ter surgido no início do século XX. No entanto, revelam que os espíritas do *Jornal Espírita* buscam atualizar seus argumentos, aproximando-se de áreas que se pretendiam científicas, e que também tinham por objeto aquilo que anteriormente era pertencente ao campo do supranormal e sobrenatural, negado tanto por metapsiquistas quanto por espíritas.

Os números e percentagens do levantamento dos artigos e editoriais dão uma idéia mais clara dos argumentos mais recorrentes quando os articulistas referem-se à questão da ciência e o Espiritismo. A categoria O Espiritismo como crítica a ciência aparece com 30,3%, já a que definimos como O Espiritismo identificado com a ciência soma 69,6%. As

<sup>213</sup> KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo O Espiritismo*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1996. p. 36

<sup>214</sup> Op. Cit. p. 37

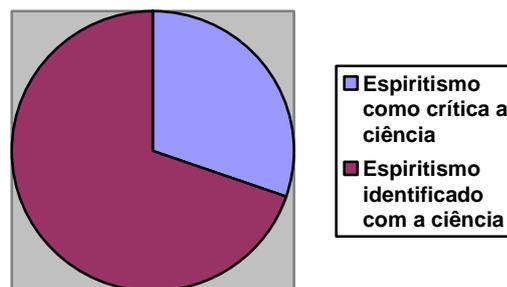
<sup>215</sup> Segundo Charles Richet “a matapsíquica é uma ciência que tem por objeto a produção de fenômenos, mecânicos ou psicológicos, devidos a forças que parecem serem inteligentes ou a poderes desconhecidos, latentes na inteligência humana.” In: RICHET, Charles. *Tratado de Metapsíquica*, Vol. I. São Paulo: Lake, s/data.

subcategorias O Espiritismo e o materialismo 32,3% e O Espiritismo e o ataque aos cientistas 67,6%. As que estabelecemos como divisões ligadas a identificação com a ciência, a subcategoria O Espiritismo, parapsicologia e a metapsíquica aparece com 20,5%, O Espiritismo como ciência Singular 47,4% e referente ao Espiritismo como Herdeiro da tradição científica 32%.

O Gráfico a seguir deixa mais claro a classificação dos artigos e editoriais entre as duas categorias criadas para o entendimento da posição dos articulistas frente a questão da ciência e o espiritismo.

### GRÁFICO 1

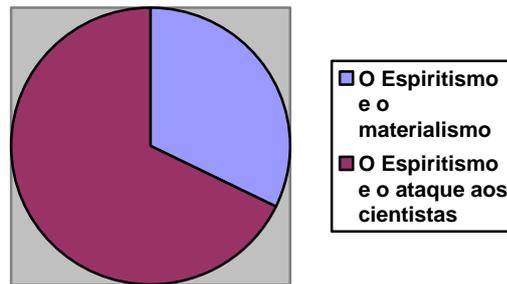
Distribuição de artigos e editoriais nas duas categorias  
*O Espiritismo como crítica a ciência e O Espiritismo identificado com a ciência.*



Já o gráfico 2 demonstra a distribuição na subcategoria referente ao que intitulamos O Espiritismo como crítica à ciência.

### GRÁFICO 2

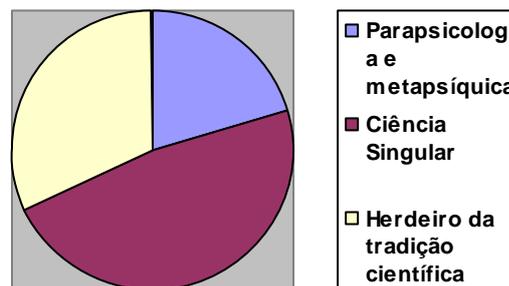
Distribuição de artigos nas categorias  
*Crítica ao materialismo e ataque aos cientistas*



O último gráfico, o de número 3, traz a distribuição dentro da subcategoria “O Espiritismo identificado com a ciência”.

### GRÁFICO 3

Distribuição dos artigos e editoriais na categoria  
*O Espiritismo identificado com a ciência*



Contudo a aplicação da AC nesta dissertação tem por fim identificar como era tratada a questão da relação entre ciência e espiritismo a partir dos artigos e editoriais do *Jornal Espírita*. A sua singularidade não está em dizer se o jornal é favorável ou não a determinada questão política ou social. Ou qual a posição do *Jornal Espírita* sobre a ciência, se é favorável ou não aos conhecimentos científicos. Tendo em vista que se trata de um jornal engajado, no qual *a priori* pela própria definição do Espiritismo dada por Allan Kardec, ele é uma ciência, esta questão estaria de pronto respondida. Como veremos adiante a questão é mais complexa, e AC é o ponto de partida para uma análise mais vertical da questão, que envolve como os espíritas se viam em relação à ciência, como viam os outros grupos pretensamente científicos, como viam os grupos ligados à ciência oficial; quais eram enfim no

período de análise do *Jornal Espírita*, os argumentos dos articulistas através dos quais procuravam reafirmar a representação do Espiritismo como uma ciência.

Por ora, neste capítulo, além do que expusemos sobre aplicação da análise de conteúdo, procuraremos resumir o que caracteriza cada uma destas formas de entrada no tema (categorias e sub-categoriais), que nomeiam os capítulos e sub-capítulos desta dissertação. Este resumo sintetiza os argumentos dos quais se servem os espíritas para tratar do tema.

A primeira grande categoria é intitulada O Espiritismo como crítica a ciência, que dá título ao segundo capítulo, está dividida em O Espiritismo e o materialismo e O Espiritismo e o ataque aos cientistas.

A primeira destaca o materialismo como fruto do contexto racional e científico. Como uma reação ao domínio do dogmatismo religioso. Aponta que ele é um excesso cometido em nome da ciência, que livre das amarras da religião nega qualquer fato considerado fora do seu campo de análise, desvinculando-se de qualquer especulação de caráter transcendental e religioso. A crítica é dirigida a ciência, principalmente a este “feito colateral”, da postura científica: o materialismo. O espiritismo apresenta-se então como uma forma de reparar este efeito conciliando ciência e fé.

A outra subcategoria que denominamos de O Espiritismo e o ataque aos cientistas. Nela destacamos que os espíritas apesar de se declararem adeptos dos postulados científicos não são aceitos por grande parte da comunidade científica e pela ciência oficial. São por eles taxados, muitas vezes, de alucinados e de aplicarem o método científico a fatos e fenômenos fora do campo de investigação da ciência, ou seja, aos fenômenos metafísicos.

Esta negativa em aceitar o descrédito da ciência oficial a investigação dos fenômenos espíritas, fez, ainda, que os articulistas do jornal buscassem historiar as dificuldades que os cientistas tiveram em aceitar novos fatos, que passado algum tempo, acabaram por serem incorporados como verdades científicas. A crítica é dirigida àqueles cientistas que por diversas razões não atribuem crédito as investigações espíritas. Esta divisão entre cientistas abertos a investigação destes fenômenos e os que as rejeitam *a priori* estes fatos, e constantemente abordada pelos espíritas. Utilizando-se, inclusive, da divulgação dos nomes de renomados cientistas, como o astrônomo francês Camilo Flammarion e o inglês Willian Crookes.<sup>216</sup>

---

<sup>216</sup> Evolucion. *Revista de Espiritismo* Laico. 1979 Ano XI nº 66 p. 03 Camillo Flammarion (1842-1925), astrônomo francês, desenvolveu ampla pesquisa sobre a paranormalidade, e Willian Crookes (1832-1919) físico e químico inglês, descobridor de um novo elemento químico o Tálio.

A segunda categoria denominada de O Espiritismo identificado com a ciência está dividida em três subcategorias. Na primeira delas denominada de O Espiritismo, parapsicologia e a metapsíquica os articulistas procuram destacar a aproximação com a parapsicologia e com os estudos metapsíquicos, pois que ambas se dedicam a estudar uma série de fenômenos cuja natureza se assemelha a dos estudados pelo espiritismo.

No que se refere à parapsicologia os articulistas muitas vezes a tratam como ciência, ciência nascente, assim como a ciência espírita. No entanto, diferente da parapsicologia, tendo em vista que além de estudar os fenômenos ligados as capacidades desconhecidas ou paranormais, os espíritas incluem um componente espiritual - sobrevivência do espírito após a morte, reencarnação até a constatação da existência de Deus - nas suas premissas e conclusões. Cabe ressaltar, ainda, que a referência a parapsicologia justifica-se pela ausência do componente religioso, o que nos faz supor que gozasse de maior aceitação nos meios científicos e acadêmicos, e que uma aproximação dos espíritas com esta área de estudos legitimaria suas pesquisas. Em linhas gerais o mesmo aconteceria com a metapsíquica criada pelo pesquisador e cientista francês Charles Richet, que no ambiente acadêmico procurou dar feição científica as suas pesquisas sobre inúmeros fenômenos considerados paranormais.

Na segunda intitulada de O Espiritismo como ciência singular ele é apresentado não só como ciência, herdeira do método científico e da experimentação, mas como uma ciência uma singular que conjuga os pressupostos das ciências, como método, a observação e as experimentações com a fé. Assumindo contornos próprios, procurando distinguir-se no rol das ciências que tratam da natureza e são investigadas com vistas aos estabelecimentos de regularidades e leis. Em consonância com os postulados que incorporam os fenômenos espirituais aos fenômenos da natureza. Não há ruptura entre os objetos de estudo da física, por exemplo, e o objeto de estudo do espiritismo, ambos estudam a natureza, mas em estados diferentes.

A terceira e última subcategoria apresenta o Espiritismo como herdeiro da tradição científica, e a intitulamos de O Espiritismo como herdeiro da tradição científica. Nela os articulistas do *Jornal Espírita* apresentam-se como filiados a uma doutrina de caráter científico. Uma doutrina que não abre mão das experiências, das observações, das análises, das provas, das teorizações a semelhanças das ciências exatas e naturais, como a física e a química. Postulam-se as explicações científicas em detrimento das de caráter puramente dogmático e religioso. Muitas vezes o tom da argumentação assume caráter apoteótico, e coloca o neo-espiritualismo e o espiritismo na linha sucessória dos grandes homens das ciências desde o século XVI.

O corte vertical que iremos fazer nos capítulos seguintes segue a orientação obtida neste levantamento feito através da aplicação da Análise de Conteúdo (AC), através da qual buscamos identificar como era tratada a questão da ciência entre os articulistas do *Jornal Espírita*. Por meio dela confirmamos a idéia estabelecida *a priori* de que os intelectuais espíritas que escreviam para o jornal reproduziam concepção de ciência e os argumentos colocados por Allan Kardec, nas tendências sobre a singularidade da ciência espírita e a crítica ao materialismo. Outros dados também surgiram deste levantamento, como as semelhanças entre o Espiritismo a metapsíquica e a parapsicologia. Todos merecerão um aprofundamento de análise a partir destas linhas gerais que caracterizam cada uma destas categorias e subcategorias identificadas, onde pretendemos associar a partir dos artigos e editoriais o contexto e os estudos sobre o tema.

## CAPÍTULO II

### *O ESPIRITISMO COMO CRÍTICA A CIÊNCIA*

#### 2.1 ENTRE DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS: UM RÁPIDO PANORAMA

Este segundo capítulo trata de assuntos colocados a partir do conjunto de artigos e editoriais relativos ao materialismo e àquilo que denominamos de ataque aos cientistas. O primeiro deles constitui um dos pontos mais importante no contexto histórico no qual o Espiritismo surge na França do século XIX. Isto devido a sua crítica ao materialismo, – e a ciência degenerada em puro materialismo - e as explicações de origem puramente teológica. Para os espíritas, em várias de suas obras, a Igreja Católica mantinha um clima de fantasia em relação a questões fundamentais como o surgimento e desenvolvimento da espécie humana e a recorrência de posturas filosóficas maniqueístas, como as idéias de céu e inferno.<sup>217</sup> Este assunto fica bastante explícito na questão 799 de *O Livro dos Espíritos* na qual Kardec pergunta aos espíritos: “De que maneira o Espiritismo pode contribuir para o progresso? Destruindo o materialismo, que é uma chaga da sociedade, ele faz os homens compreenderem onde está o seu verdadeiro interesse”. E na conclusão do mesmo *Livro dos Espíritos* a afirmação é ainda mais enfática: “O Espiritismo é o mais terrível antagonista do materialismo”.<sup>218</sup>

O ponto seguinte apontado neste capítulo – o da crítica aos cientistas - é também recorrente nos artigos e editoriais do *Jornal Espírita* de Paulo Hecker. Kardec anteriormente também trata do assunto no diálogo que estabelece com o crítico, apontando-o as suas

---

<sup>217</sup> Sobre estas questões consultar **KARDEC**, Allan. *A gênese, os Milagres e as Predições* (1868). Brasília: FEB, 1985. e **KARDEC**, Allan. *O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo* (1865). Na primeira obra Kardec, entre outros assuntos, trata da formação do planeta e do surgimento das espécies em sintonia com os conhecimentos científicos do século XIX. Na segunda procura demonstrar que são insustentáveis as idéias de céu e inferno apregoadas pela igreja, refutando principalmente a questão das penas eternas. Apresenta a justiça divina sob um ângulo mais racional, onde o céu e o inferno surgem ligados aos estados de consciência.

<sup>218</sup> **KARDEC**, Allan. *O Livro dos Espíritos* (185). São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1985. p.312 e 401

limitações ao criticar um assunto sobre o qual não tem domínio, justamente por fazer um juízo antes de estudar a fundo a questão:

Que juízo formaríeis de um homem que, sem conhecimento de literatura, sem ter estudado a pintura, se erigisse em censor de uma obra literária ou de um quadro?

É de lógica elementar que o crítico conheça, não superficialmente, mas, a fundo, aquilo de que se fala, sem o que, sua opinião não tem valor.

Para combater um cálculo é necessário opor-se-lhe outro cálculo, o que exige saber calcular. O crítico não se deve limitar a dizer que tal coisa é boa ou má; é preciso que justifique a opinião por uma demonstração clara e categórica, baseada sobre os princípios da arte ou da ciência a que pertence o objeto da crítica. Como poderá fazê-lo, quando não conhecer esses princípios?<sup>219</sup>

Antes, porém, de tratarmos a partir dos artigos e editoriais do *Jornal Espírita* estas questões, é necessário que recuperemos algumas distinções e descrevamos a trajetória do Espiritismo no Brasil. Procurando minimamente situar o leitor em uma trajetória histórica que permita compreender o que foi o Neo-espiritualismo, suas diferenças com a doutrina espírita e o contexto histórico do espiritismo no século XIX, fundamental para entendermos a continuidade de alguns argumentos. Para na seqüência explorarmos os argumentos utilizados pelos articulistas, que invariavelmente remetem ao contexto histórico e que também podem ser associados às abordagens acadêmicas sobre o Espiritismo.

### **2.1. 1 NEO-ESPIRITUALISMO OU MODERNO ESPIRITUALISMO**

As pesquisas sobre os fenômenos paranormais ou sobrenaturais remetem-nos a constituição de um campo de estudos sobre o espiritualismo chamado de neo-espiritualismo ou espiritualismo moderno, que teve como seu marco inicial os fenômenos ocorridos com as irmãs Fox nos Estados Unidos, em Hydesville em 1848. No entanto, Arthur Conan Doyle<sup>220</sup>, em sua *História do Espiritismo*, e Eliane Moura Silva identificam dois precursores do moderno espiritualismo, no século XVIII.

<sup>219</sup> **KARDEC**, Allan. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1998. p.55 Kardec neste livro estabelece um recurso didático para o melhor entendimento das críticas sofridas pelo espiritismo. São dois diálogos, o primeiro do qual extraímos este trecho é travado com o crítico, o segundo com o céptico.

<sup>220</sup> **DOYLE**, Arthur Conan. *História do Espiritismo*. São Paulo: Editora Pensamento, s/data. Notabilizou-se este autor não pelos seus estudos sobre o Espiritismo ou por sua conversão a nova doutrina dos espíritos, mas como autor da personagem renomado mundialmente, o investigador Sherlock Homes.

O primeiro foi o místico, Kaspar Lavater (1741-1801), pastor calvinista de Zurique, teólogo e filósofo. Lavater, que ficou conhecido em toda a Europa, esteve ligado às teorias fisiognomonistas<sup>221</sup> e muitos de seus trabalhos tratavam dos mecanismos da concepção e da condição da alma. Ele defendeu, ainda, “as possibilidades de comunicação objetivas entre os diferentes planos material e espiritual, entre mortos e vivos”.<sup>222</sup> O segundo, chamado Emmanuel Swedenborg (1688 - 1772), nasceu em Estocolmo e era filho de pastor luterano e professor de teologia na Universidade de Upsala. Tornou-se, também, místico de grande renome em todo continente Europeu. Como resultado de seus estados de êxtase surgiram obras<sup>223</sup> nas quais ele afirmava “que o Mundo dos Espíritos era habitado pela maior parte das almas dos mortos, conservando todas as características de suas personalidades humanas, movendo-se em um meio construído por seus pensamentos, seus impulsos e projeções de imagens mentais”<sup>224</sup>

Contudo, como nos referimos acima, foi nos Estados Unidos, na década de 1840, século XIX, que ocorreram uma série de pesquisas sistemáticas sobre estes fenômenos, dando início a Moderno Espiritualismo ou Neo-espiritualismo. As pesquisas e investigações giravam em torno dos fenômenos – pancadas e ruídos atribuídas aos espíritos – que ocorriam na residência das irmãs Fox em Hydesville. Nesta pequena aldeia do condado de Wayne, próximo a New York, os membros da família Fox pertencentes à Igreja Presbiteriana local começaram a ouvir inúmeros ruídos e pancadas - *raps* - dadas nas paredes da residência. Estes ruídos que atemorizavam toda a família pareciam vir de várias partes da casa. Depois de algum tempo, destes perturbadores e repetidos acontecimentos, as filhas mais novas do casal

---

<sup>221</sup> Allan Kardec fez referencia a arte ou ciência fisiognomônica em artigos da *Revue Spirit* de 1860: “Esta ciência é baseada no principio incontestável de que é o pensamento que põe os órgãos em jogo, que imprime aos músculos certos movimentos. Daí se segue que, estudando as relações entre os movimentos aparentes e o pensamento, dos movimentos vistos poderemos deduzir o pensamento, que não vemos. (...) A forma exterior se modifica, assim, pelas impressões da alma, de onde se segue que, dessa forma, algumas vezes se podem deduzir essas impressões, como do gosto podemos deduzir o pensamento. Tal é o princípio geral da arte ou, se se quiser, da ciência fisiognomônica.” In: **KARDEC**, Allan. *Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos*. Ano III, 1860, Rio de Janeiro: FEB, 2004. p.301.

<sup>222</sup> **SILVA**, Eliane Moura. *O Espiritualismo no Século XIX: Reflexões teóricas e históricas sobre correntes culturais e religiosidade* Campinas: Textos Didáticos, IFCH, Unicamp, nº 27 maio de 1997. p. 15 e 16

<sup>223</sup> Entre as inúmeras obras científicas e teológicas de Emmanuel Swedenborg destaca-se *Arcanos Celestes* na qual traz relatos de suas diversas experiências espirituais. Disponível em: [www.swedenborg.com.br/sweden/obras.htm](http://www.swedenborg.com.br/sweden/obras.htm). Outras obras poderiam, ainda ser citadas *O Mundo dos Espíritos*, *Divina Providência* e *O Céu e as suas maravilhas e o Inferno*, todas elas importantes para compreender o pensamento de Swedenborg e disponíveis para consulta no acervo da Federação Espírita do Rio Grande do Sul (Fergs).

<sup>224</sup> Op. Cit. p. 10, 11 e 15. O nome de Swendenborg, reunido aos de São João Evangelista, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, O Espírito de Verdade, Sócrates, Platão, Fénelon e Franklin, também aparece nos prolegômenos de *O Livro dos Espíritos*, como parte de uma equipe de espíritos que teriam respondido as perguntas formuladas por Allan Kardec sobre a natureza, origem e destino dos espíritos. Ver: **KARDEC**, Allan. *O Livro dos Espíritos*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1985. p.42

Fox, Margarteh e Kate, realizaram algumas experiências, repetindo as pancadas que ouviam, e provocando pancadas que também eram repetidas. Não demorou muito para que um código de comunicação fosse estabelecido com este autor “desconhecido”, e para que ele revelasse que não pertencia ao mundo dos vivos. Por este meio de comunicação precário as irmãs descobrem que o autor dos *raps* tinha sido morto e enterrado nesta casa que agora era ocupada pela família Fox, fato que anos depois foi confirmado. Mais do que um simples episódio de origem sobrenatural, estes acontecimentos com a família Fox, abriram um campo de investigação sobre estes fenômenos, onde os *raps* eram uma espécie de código *Morse*, entre dois mundos, o mundo espiritual e o mundo material, entre os vivos e os mortos. Poucos anos depois estas investigações levaram a realização do *I Congresso Espírita* nos Estados Unidos ocorrido em Cleveland, Ohio, em 1852.<sup>225</sup>

A partir destes fenômenos ocorridos com as irmãs Fox, diversos outros análogos começaram a ser pesquisados também na Europa. Estas investigações e a estruturação de um campo de estudos sobre os fenômenos paranormais foram então incentivadas por publicações sobre o tema, viagens de pesquisadores e de médiuns americanos para vários países Europeus.

Estas publicações<sup>226</sup> que circulam de um continente ao outro e o contato dos pesquisadores e teóricos americanos - como o juiz e ex-senador americano John W. Edmund e o jornalista Epes Sargent (1813-1880) – com a Europa, incentivaram o desenvolvimento das pesquisas e estudos sobre o tema.<sup>227</sup> Pesquisas que, assim, como nos Estados Unidos vão ser realizadas por membros de uma elite intelectual e científica, como veremos adiante.

Durante todo o século XIX, na Europa e na América do Norte, foram fundadas Sociedades de Estudos Psíquicos e Metapsíquicos para a investigação destes fenômenos

<sup>225</sup> MACHADO, Ubiratan. *Os intelectuais e o Espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis*. Niterói: Publicações Lachatrê, 1996. p 45, 46 e 47 e DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. p. 23

<sup>226</sup> Em artigo intitulado: *Primórdios da Imprensa Espiritualista e Espírita* publicado no jornal *Mundo Espírita*, Curitiba, julho de 1988, p.9 encontramos uma lista de jornais e revistas americanos extraídos da obra de Frank Podmore *Médiuns do Século XIX* (a qual infelizmente não tivemos acesso). Entre eles destacamos *Spiritual Philosopher*, publicado em Boston, em 1850, onde se faz referência aos acontecimentos com a família Fox, o jornal *Spirit Messenger*, editado em Massachusetts, em 1850, a revista *Heat and Lux*, editada em Boston, em 1851, e o *The Spiritual Telegraph* editado em Nova York, em 1853. Todos estes jornais e revistas ligados ao *Spiritualism anglo-saxão*, ou seja, ligados àquilo que se denomina de Neo-espiritualismo ou Moderno Espiritualismo, onde o fenômeno mediúnico assume em geral maior importância do que as questões morais e religiosas. Allan Kardec na edição do primeiro número da *Revue Spirite*, de janeiro de 1858, comenta sobre a escassez de publicações na França: “Admiram-se de na América, enquanto só os Estados Unidos possuem 17 jornais consagrados ao assunto [fenômeno mediúnico], sem contar um número de escritos não periódicos, a França, o país da Europa onde mais rapidamente as idéias se aclimataram, não possui nenhum.” In: KARDEC, Allan. *Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos* Ano I, 1858, Rio de Janeiro: FEB, 2004. p 21

<sup>227</sup> SILVA, Eliane Moura. *O Espiritualismo no Século XIX: Reflexões teóricas e históricas sobre correntes culturais e religiosidade*. Campinas: Textos Didáticos, IFCH, Unicamp, nº 27 maio de 1997. p.25 Eliana Silva destaca que Epes Sargent, autor de *The Scientific Basis of Spiritualism* (publicado pela Federação Espírita Brasileira) freqüentava círculos de intelectuais que incluíam Edgar Allan Poe.

espirituais.<sup>228</sup> Entre estas Sociedades podemos citar a *Society for Psychical Research*, fundada na Inglaterra, e dedicada ao estudo dos fenômenos relacionados à Metapsíquica e a Parapsicologia, O Instituto Metapsíquico Internacional, na França, e a Sociedade Dialéctica de Londres, que segundo o jornal a *Evolucion* era uma

respetable institución inglesa integrada por decenas de hombres de ciencia y cultura, que designo de su seno em 1869 uma Comisión conocida como ‘Comité de los 33’ para estudiar los fenómenos espiritistas y luego de três años de minuciosas investigaciones arriba a uma conclusión favorable al Espiritismo.<sup>229</sup>

Paralelamente às atividades destas sociedades que reuniram entre seus membros vários conceituados membros da comunidade científica, outras iniciativas foram levadas a cabo por renomados cientistas europeus, como resultado de interesses de pesquisas particulares ou acadêmicos. Provavelmente William Crookes (1832-1903), cientista inglês, que se dedicou a estudar os fenômenos espíritas obtidos através da médium *Miss Florence Cook*, seja o maior, ou pelo menos o que teve maior impacto e repercussão na comunidade científica.

Além de Crookes podemos citar outros cientistas como Johan Karl Zollner (1834-1882), cientista alemão, físico e professor universitário na Inglaterra e Irlanda, conhecido por investigar os fenômenos ocorridos na presença de Mme D’Esperance<sup>230</sup>, Camillo Flammarion (1842-1925), astrônomo francês, desenvolveu ampla pesquisa sobre a paranormalidade, utilizando-se de vários médiuns. Cesare Lombroso (1836-1909), criminologista, que popularizou suas pesquisas com a médium Eusapia Paladino, Alexandre Aksakoff (1832 – 1903) filósofo e cientista russo, que investigou e pesquisou vários médiuns, Oliver Lodge (1851 – 1940), físico inglês, que investigou os fenômenos que ocorriam com Eusapia Paladino e Eleanor Piper, dentre inúmeros outros cientistas europeus e americanos.<sup>231</sup> E também Allan Kardec, que por sua biografia pode ser considerado um homem de ciências e um intelectual, desenvolveu pesquisas e estudos com vários médiuns. Kardec escreve sobre

<sup>228</sup> Dentre estes fenômenos espirituais podemos incluir as pancadas (*raps*), as mesas girantes, a escrita direta, o transporte de objetos, as materializações, as previsões, dentre inúmeras outros.

<sup>229</sup> *Evolucion. Revista de Espiritismo Laico*. Ano: XI nº 66 Venezuela, 1979. p. 3 a 6.

<sup>230</sup> *Madame d’ Esperance* ou *Mrs. Hope* era de origem inglesa, nasceu em 1849 e faleceu em 1918. Ficou conhecida em toda Europa, notadamente pelas faculdades mediúnicas que incluíam materializações de espíritos. Participou de diversas experiências com vários cientistas em todo o continente. Escreveu sobre suas faculdades mediúnicas o livro *Shadow Land* ( Região das Sombras). In: **DOYLE**, Arthur Conan. *História do Espiritismo*. São Paulo: Editora Pensamento, s/data p. 292 a 298

<sup>231</sup> *Evolucion. Revista de Espiritismo Laico*. Ano: XI nº 66 Venezuela, 1979. p. 3 a 6.

um deles na *Revue Spirit*. Trata-se do médium Daniel Douglas Home<sup>232</sup>, muito conhecido na Europa e estudado por vários pesquisadores. No primeiro número da *Revista Espírita* afirma tê-lo conhecido e ficado impressionado com suas capacidades.<sup>233</sup>

Na seção sobre o Espiritismo e o ataque aos cientistas, iremos tratar melhor dos episódios envolvendo William Crookes, e outros cientistas europeus. Podemos, no entanto adiantar, que Crookes, não se enquadra no perfil dos cientistas que são alvo das críticas dos articulistas do *Jornal Espírita*. Ele e outros são evocados para legitimar e confirmar as teorias espíritas, de comunicação e sobrevivência dos mortos. A crítica dos articulistas é dirigida não às exceções, mas à maioria da comunidade científica ou do campo científico que define a ciência oficial.<sup>234</sup>

Eliane Moura Silva situa-os num contexto histórico marcado por uma série de inovações no campo da tecnologia, expressos pela utilização da eletricidade, pelo uso de novos meios de comunicação, pelos avanços na indústria e nos meios de transporte, patrocinadas pela física e pela química, dentre outras ciências.

E dentro de um quadro racional e científico, que ela insere as investigações em torno do movimento espiritualista ou moderno espiritualismo.

O movimento espiritualista colocou-se como uma revolução do pensamento de sua época, **num século que aboliu os preconceitos e perseguições religiosas e teve na ciência um avanço intelectual, um aliado valioso.** [grifo nosso] Este movimento aplicou a ciência nas comunicações como os mortos, investigou os fenômenos na sua lógica e veracidade mas, também combateu o materialismo simplista e lançou bases para pensar as verdades religiosas, antes dominadas pelo dogmatismo da religião tradicional. Começou como ciência do mundo espiritual, da sobrevivência da alma, uma fé racional encarando os fatos sobrenaturais à luz da razão, sob princípios

<sup>232</sup> Daniel Douglas Home nasceu em 1833 perto de Edimburgo, e faleceu em 1886. Ainda criança mudou-se para os Estados Unidos, onde manifestou seus dotes psíquicos. Sua capacidade fora então investigada por professores de Harvard, e por inúmeros intelectuais, dentre eles pelo Juiz Edmunds, da Suprema Corte de New York. Dos Estados Unidos retornou a Europa para tratamento de saúde. Percorreu vários países, inclusive a França, onde em Paris Kardec o conheceu, demonstrando suas capacidades, principalmente as da levitação: *Tantos são os casos de levitação de Home que facilmente seria escrito um longo artigo sobre este particular aspecto de sua mediunidade.* In: DOYLE, Arthur Conan. *História do Espiritismo*. São Paulo: Editora Pensamento, s/data. p. 169 - 186

<sup>233</sup> KARDEC, Allan. *Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos*. Ano: I n° 01, 1858, Rio de Janeiro: FEB, 2004. p. 99

<sup>234</sup> As pesquisas realizadas por Willian Croocks e outros cientistas europeus sobre os fenômenos mediúnicos usadas na argumentação pelos espíritas, mereceria uma pesquisa própria. Muitos deles acabaram por tornarem-se espíritas, como César Lombroso (1832-1909), muito conhecido da antropologia criminal. E outros, que por se dedicarem a estas pesquisas e não as refutarem formalmente, passaram a ocupar uma posição marginal no campo científico, rompendo com as regras do campo do qual trata Pierre Bourdieu. Segundo Bourdieu o campo científico é um espaço de jogo, de luta concorrencial. O que está em jogo são o monopólio da autoridade científica, a capacidade técnica e poder social; capacidade de falar e de agir legitimamente. Ver BOURDIEU, Pierre. *O Campo Científico*. In: ORTIZ, Renato. *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 123

éticos e de veracidade comprovada, sem negação ou aceitação sistemática para, alguns anos mais tarde, transformar-se em um movimento religioso e filosófico específico. Uma ciência que virou religião e uma religião que virou ciência.<sup>235</sup>

Este contexto fortemente racional e científico do século XIX, explica a investida destes cientistas sobre os acontecimentos considerados paranormais ou sobrenaturais, e a criação de um campo de investigações ligado aos fenômenos do neo-espiritualismo. E, em verdade, o interesse científico que abre espaço a investigação de novos objetos colocados aos cientistas, mesmo diante do clima hostil a estudos desta natureza por parte das academias, sociedades e associações científicas.

Bernardo Lewgoy formula uma explicação que acreditamos se ajusta perfeitamente ao contexto histórico e a posição dos cientistas da segunda metade do século XIX.

Não ainda plenamente cristalizado, o campo científico da época tem um flerte com aliados de um horizonte ideológico científicista ainda em expansão, no qual a pesquisa psi parecia coadunar-se com uma série de expectativas que remontavam à crítica iluminista à religião e a crença nos poderes libertadores da “religião” e da “razão”. De fato, o século 19 tem uma aguda consciência do desconhecido como fenômeno tangível, material e pesquisável, evocável por desbravadores, cientistas e literatos, que viam nesse contato o desbravamento da última fronteira científica.<sup>236</sup>

Em suma, o Moderno Espiritualismo, ou mais apropriadamente o Neo-espiritualismo - tendo em vista que o prefixo neo indica uma mudança em relação a outro espiritualismo, o antigo, pressuposto de todas as religiões e crenças que acreditam na sobrevivência da alma – define-se não só como uma crença de origem teológica e filosófica, mas na certeza positiva da sobrevivência da alma e na comunicação entre mortos e vivos. Obtida através de pesquisas consideradas de natureza científica e pelo método experimental que a caracteriza. Onde, muitas vezes, o moral e o religioso, são relegados a um plano secundário, em função da primazia dada ao fenomenológico. E neste ponto o neo-espiritualismo não se confunde com o Espiritismo, que segundo Allan Kardec

(...) é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas **as conseqüências morais** [grifo nosso] que dimanam dessas mesmas relações.<sup>237</sup>

<sup>235</sup> SILVA, Eliane Moura. *Reflexões Teóricas e Históricas sobre o Espiritualismo entre 1850-1930*. São Paulo, 1997. Disponível em: WWW.unicamp.br/elmoura

<sup>236</sup> LEWGOY, Bernardo. *Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista. Antigas e novas configurações*. Civitas – Revista de Ciências Sociais, v. 6, n. 2, jul-dez 2006 p. 157

<sup>237</sup> KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1998 p.50

### 2.1.2 O ESPIRITISMO

Na segunda metade do século XIX, Allan Kardec, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail fez publicar uma série de livros como resultado de suas pesquisas sobre os fenômenos espirituais. O primeiro deles *O Livro dos Espíritos* (1857) foi logo seguido por outros quatro: *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo* (1865) e *A gênese, os milagres e as Predições* (1868) formando os quatro livros do que se convencionou chamar de o Pentateuco Espírita. Estas publicações deram origem à codificação de uma doutrina de tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso, denominada de Espiritismo, que para Allan Kardec é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.<sup>238</sup> Seus adeptos ou profíteses eram chamados espíritas ou espiritistas.<sup>239</sup>

O Hippolyte Rivail nasceu em Lion, na França, em 03 de outubro de 1804. Em sua formação teve grande influência o pedagogo Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) diretor do Instituto de Educação fundado em Yverdon, na Suíça.

Sobre esta influência de Pestalozzi sobre Kardec Dora Incontri considera que

o que aproxima Pestalozzi e Kardec é a sua crença de que a educação seja a grande resposta aos problemas essenciais da humanidade. [E que] com Kardec a pedagogia pestalozziana alcança um salto qualitativo, porque a idéia de que a criança é um ser encarnado aclara e torna muito mais abrangentes os princípios pedagógicos defendidos por Pestalozzi e Rivail.<sup>240</sup>

Estas afirmações de Dora Incontri destacam um traço fundamental das biografias de Allan Kardec, a sua formação como pedagogo e educador como forte preocupação moral. Mas Allan Kardec também é apresentado como bacharel em letras e ciências e doutor em medicina, além de lingüista com domínio sobre o alemão, o inglês, o italiano, o espanhol e o

<sup>238</sup> KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1998. p.50

<sup>239</sup> O termo espiritista acabou sendo superado pelo de espírita, designação pela qual são hoje conhecidos seus adeptos no Brasil e no mundo.

<sup>240</sup> INCONTRI, Dora. *Pestalozzi e Kardec Quem mestre de quem?* p. 20 e 21. In: Revista *A Reencarnação*, nº 428 Ano: LXXI 2004

holandês.<sup>241</sup> Sua formação era variada e incluía conhecimentos de pedagogia, astronomia, fisiologia e matemática.

Antes de publicar o *Livro dos Espíritos*, em 1857, Hippolyte Léon Denizard Rivail já havia escrito várias obras na França, elas iam desde cursos sobre gramática até programas de estudos de química e a astronomia. Dentre as inúmeras podemos citar, *O Curso Prático e Teórico de Aritmética, Plano Proposto para Melhoria da Educação Pública, Gramática Francesa Clássica de Acordo com o novo Plano, Curso de Cálculo Mental* e o *Programa dos Cursos Usuais de Física, Química, Astronomia e Filosofia*, dentre inúmeras publicações.<sup>242</sup>

Em 1854 Allan Kardec teve os primeiros contatos com as mesas girantes<sup>243</sup> a partir de informações obtidas por magnetizador amigo seu Sr. Fortier. Desde esta dada desenvolve uma série de pesquisas sobre a mediunidade, seguindo um método que considerava baseado na observação e experimentação<sup>244</sup>.

Podemos melhor compreender as considerações Kardec, a época destas experiências, através de um comentário seu contido na sua biografia:

Apliquei a essa nova ciência, como até então tinha feito, o método da experimentação; nunca formulei teorias preconcebidas; observava atentamente, comparava, deduzia as conseqüências; dos efeitos procurava

---

<sup>241</sup> SAUSSE, Henri. *Biografia de Allan Kardec*. In: KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1998. p.11

<sup>242</sup> OLIVEIRA, Gládis Pedersen. *Dois Expoentes da Educação no Século XIX*. In: Revista *A Reencarnação* Ano: LXXI, nº 428 2º semestre de 2004. p.42. Na biografia de Allan Kardec organizada por Zeus Wantuil encontra-se a lista completa das obras publicadas por Hippolyte Léon Denizard Rivail: WANTUIL, Zeus, e THIESEN, Francisco. *Allan Kardec (Pesquisa Bibliográfica e Ensaio de Interpretação)* Vol. II 2ª Ed. Rio de Janeiro: FEB, 1984.

<sup>243</sup> “Toda a Europa ficou transtornada pela experiência de girar uma mesa (...) A partir do momento em que o fenômeno se tornou uma coqueluche parisiense, estava com seu direito de ingresso assegurado em nossa sociedade.” MACHADO, Ubiratam. *Os Intelectuais e o Espiritismo – de Castro Alves a Machado de Assis*. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996. p. 47 É nestes termos que Ubiratam Machado se refere as mesas girantes, como uma “coqueluche” parisiense, dando a dimensão do interesse pelas experiências com as mesas que falavam, um interesse, como ele afirma mais adiante, muito mais ligado as diversões salão do que a pesquisas científicas. Para os freqüentadores dos salões realizaram a experiência das mesas girantes bastava um pequeno grupo de pessoas se reunirem em torno de uma pequena mesa, apoiando levemente as mãos sobre ela e ao mesmo tempo encostando os dedos mínimos no participante ao lado até fecharem o círculo. Isto feito formulavam-se perguntas diversas, que a mesa respondia erguendo um dos pés e batendo em sinal de sim ou não, ou mesmo levitando.

<sup>244</sup> Sobre a questão do método utilizado por Allan Kardec é necessário uma série de observações, que remetem ao Positivismo Comteano, e mais amplamente ao contexto racional e científico do século 19. Sobre esta questão, que iremos desenvolver mais adiante, é pertinente a definição dada por Gabriel Delanne(1857-1926), considerado um dos autores cuja obra é tida como complementar ao trabalho de Allan Kardec. Segundo Dellanne no *Espiritismo* “não temos dogmas nem pontos de doutrina inabaláveis; fora das comunicações dos mortos e da reencarnação, que são absolutamente demonstrados, admitimos todas as teorias que se ligam à origem da alma e o seu futuro. Em uma palavra, somos **positivistas espirituais**, [grifo nosso] e que nos dá incontestável superioridade sobre as outras filosofias, cujos adeptos estão encerrados em estreitos limites.” In: DELANNE, Gabriel. *O Espiritismo Perante a ciência*. Tradução Carlos Imbassahy. Rio de Janeiro: FEB, 1939. p. 202

remontar às causas pela dedução, pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo como válida uma explicação, senão quando ela podia resolver todas as dificuldades em questão.<sup>245</sup>

Allan Kardec afirma no mesmo comentário, que não nas suas experimentações adota uma postura positivista e não idealista, para que não fosse arrastado pelas ilusões. Uma postura condizente com as adotadas pelos homens de ciência à época, hostis a explicações mágicas e místicas.

Nestes três anos, desde os primeiros contatos com fenômenos mediúnicos, em 1854, até 1857, ano da edição do *Livro dos Espíritos*, pelo editor *Didier*, Kardec participou de inúmeras observações e experiências, com diversos médiuns, mais de dez, notadamente com as médiuns Japhet ( ? ) e Ermance Defaux(1841- ?). Como resultado deste período de observação e análise surgiu a primeira obra de Allan Kardec, que segundo ele “foi o resultado da comparação e da fusão de todas [as] respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes refeitas no silêncio da meditação, que formei a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, a qual apareceu em 18 de abril de 1857.”<sup>246</sup> Segue-se a esta publicação a fundação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas em 1º de abril de 1858, e a criação da *Revista Espírita*, em janeiro de 1858, dirigida por Allan Kardec até março de 1869, ano de sua morte.

Entrava em cena no cenário religioso uma nova doutrina. Uma doutrina que surgiu criando um novo vocábulo para designá-la, chamado espiritismo, através do qual procurava precisar a sua definição. Para Kardec, o termo espiritualismo era bastante amplo, pois que todas as crenças que acreditavam na sobrevivência da alma eram espiritualistas, já a nova palavra espiritismo designava uma crença na realidade positiva da existência de espíritos e na sua comunicação como o mundo visível.<sup>247</sup>

A Doutrina Espírita trouxe um elemento novo para o panorama religioso Europeu, apresentando-se como herdeira da cientificidade e do racionalismo<sup>248</sup>, tendo como supostos precursores Sócrates e Platão, que lhe antecederam e que apresentavam inúmeros pontos em comum, como, por exemplo, a idéia da reencarnação. Apresentava-se também como doutrina cristã, mas não envolta no fanatismo religioso e na fé cega – postura que identificavam na Igreja Católica - mas construída, pretensamente, através dos métodos de investigação das ciências, procurando dos efeitos remontar às causas, do fenômeno insólito das mesas girantes

<sup>245</sup> KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1998. 16

<sup>246</sup> Op. Cit. p.19

<sup>247</sup> KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1985. p. 9

<sup>248</sup> ISAIA, Artur César. *A questão social nas obras da codificação espírita*. In: Anais da XXIII da SBPH. Curitiba, 2003. p. 371

à manifestação de uma inteligência extra-física. Como resultado, a Doutrina Espírita é tida como propiciadora de uma fé raciocinada, baseada na observação, na experiência, na análise e nas implicações filosóficas e morais decorrentes.

Para Allan Kardec os fenômenos mediúnicos que investigou não constituíam manifestações colocadas fora dos limites da natureza; ao contrário, deveriam ser concebidos como objetos de análise das investigações postas como científicas. Desta forma a observação, a experimentação e análise foram aplicadas para investigá-lo, supostamente da mesma maneira que a física ou química investigava os vários fenômenos naturais e estabeleceu suas leis. O espiritismo apresentou-se não como uma doutrina de caráter dogmático ou estritamente religioso, mas como uma ciência experimental, como uma ciência positiva.

A singularidade do Espiritismo residiu justamente na busca desta aliança com a ciência, com seus métodos e em pensar-se como herdeira de todo o conhecimento científico que remonta ao século XVII.

A ciência seria a base segura sobre a qual se estabeleceriam as afirmações filosóficas e religiosas, e se comprovaria a sobrevivência dos espíritos, a comunicabilidade entre encarnados e desencarnados e existência de Deus. Ao mesmo tempo, o Espiritismo apresentava-se como uma forma de combate ao materialismo e ao ateísmo que dominavam o cenário social e intelectual.

As proposições espíritas, no entanto, não são as únicas a combater a postura reducionista do materialismo e o dogmatismo religioso. Seu surgimento se deu em meio a uma série de movimentos de caráter místico e filosóficos, donde se destaca o celtismo “que se apresentava como uma inspiração religiosa e filosófica contra o materialismo, reducionista e redutor, e contra o dogmatismo estreito e agnóstico da Igreja oficial.”<sup>249</sup>

Em síntese, para compreendermos o pensamento de Kardec e o surgimento do espiritismo devemos nos deter também na análise do contexto histórico e cultural do século XIX, marcado pelas conseqüências da Revolução Francesa, da Revolução Industrial, do desenvolvimento da ciência e pelos movimentos místicos, utópicos e pelo Romantismo.

Conforme Ceres Medina,

O século XIX, no qual transcorreu sua vida, mostrou faces contraditórias. Entre as conseqüências sociais profundas da Revolução Francesa, aos efeitos não menos profundos da Revolução Industrial, as formação do Império

---

<sup>249</sup> MEDINA, Ceres de Carvalho. Reflexões sobre o Pensamento de Allan Kardec. *Revista Nures* (PUCSP), n.3 maio/set. 2006. p.5

Napoleônico com suas marchas e contramarchas políticas se deu a construção da moderna ciência e o ensejo do surgimento, ou ressurgimento, de movimentos de caráter místico e utópico marcados profundamente pelo ideário romântico. Colhido nesta malha contraditória, Kardec responde aos desafios de seu tempo: desenvolve um trabalho que pretendia ser uma nova ciência positiva, pois que repousava em fatos rejeitando especulações embora se debruçasse atentamente sobre fenômenos ditos místicos.<sup>250</sup>

Neste quadro sumário que construímos sobre o Espiritismo, Hippolyte Léon Denizard Rivail ou, mais apropriadamente, Allan Kardec, é apresentado como um homem racional, que codifica uma doutrina que se pretende uma ciência, o Espiritismo. Uma ciência com a singularidade de propor uma aliança entre a ciência e religião, dotada de um método supostamente baseado na “observação” e na “experimentação”, ambas as premissas de um saber que se quer científico.

É fundamental que fixemos este panorama sobre o Espiritismo e sobre o próprio Kardec, bem como as características do Neo-espiritualismo e seus objetos de investigação, posto que muitas vezes nossos articulistas vão remeter a este contexto, recuperando, no todo ou em parte, suas colocações. Relevante também para que possamos perceber as continuidades e rupturas diante dos discursos posteriores.

Por fim, o perfil que traçamos de Kardec, as definições que recuperamos sobre o Espiritismo e a trajetória do espiritualismo, e suas diferenças<sup>251</sup> com o Espiritismo são importantes também para compreendermos sobre quais matrizes se desenvolveu o Espiritismo no Brasil; e principalmente como estes conceitos e a conjuntura histórica do século 19 foram expressos pelos articulistas do *Jornal Espírita*, em Porto Alegre.

### **2.1.3 O ESPIRITISMO NO BRASIL**

Os trabalhos de cunho histórico sobre o Espiritismo no Brasil que tratam do século XIX acabam de modo recorrente por identificar datas, personagens e temas relacionados à sua

<sup>250</sup> MEDINA, Ceres de Carvalho. Op. Cit. p. 5

<sup>251</sup> Na diferenciação que traçamos rapidamente entre Espiritualismo e Espiritismo apontamos o enfoque religioso e moral do Espiritismo como traço fundamental desta distinção. O assunto poderia se prolongar e ser mais bem desenvolvido, mas como este não é nosso objetivo, simplesmente indicamos resumidamente um ponto de diferenciação. No entanto, indicamos Eliane Moura Silva para o desdobramento da discussão. A autora referindo-se a este tema “entende que o espiritualismo revela-se de forma ampla e difundida, prolongando-se em ciências agnósticas dos fenômenos espirituais, sem preocupações escatológicas e religiosas” Mais adiante em nota, ao referir-se sobre o Espiritismo no Brasil, identifica uma clara tendência “do movimento espírita em não considerar as diferenças teóricas, religiosas e filosóficas de movimentos espiritualistas diferentes.” Ver SILVA, Eliane Moura. *O Espiritualismo no Século XIX: Reflexões teóricas e históricas sobre correntes culturais e religiosidade*. Campinas: Textos Didáticos, IFCH, Unicamp, nº 27 maio de 1997. p. 23 e 26

trajetória, numa espécie de “histórico” sempre repetido sobre a Doutrina Espírita no País. É comum tomarmos vários trabalhos históricos nos quais se repetem versões sobre o desenvolvimento da Doutrina Espírita no Brasil. Muitos, é claro, se referem a questões importantes para o entendimento dos sucessos e percalços da Doutrina Espírita no País, por exemplo, a clássica diferença entre os espíritas científicos e os religiosos. Uma cisão percebida desde a criação das primeiras instituições espíritas. Outros ainda identificam os dois pólos irradiadores do Espiritismo no Brasil: Rio de Janeiro e a Bahia, e sua importância para a difusão da doutrina. Mas em geral todos trazem lacunas sobre a participação de outros Estados na história do Espiritismo no Brasil. É também óbvio que nem todos têm intenções mais amplas, e de modo geral restringem-se ao principal palco do espiritismo que era o Rio de Janeiro, antiga Corte e depois Capital Federal. A despeito da importância de outras cidades e Estados, como, por exemplo, o Rio Grande do Sul que ocupava um papel importante na difusão do Espiritismo no cenário nacional.<sup>252</sup>

Segundo Angélica Boff,

Trata-se de um Estado que nesta época obtêm distinção diante do País, através do cultivo da cultura intelectual e científica. O Governo Positivista-castilista privilegia este aspecto, abrindo espaço e alimentando qualquer iniciativa intelectual. Dada esta conjuntura, o Espiritismo Kardecista recém chegado ao Brasil, encontra no estado gaúcho solo fértil para sua decolagem, divulgação e avanço dos estudos, pesquisas e adesão do povo. Tanto é que, no Brasil, o Rio Grande do Sul encontra-se entre os três Estados mais espíritas, junto de Minas Gerais e Rio de Janeiro.<sup>253</sup>

Nossa intenção, a despeito das limitações e críticas apontadas sobre os trabalhos que tratam da história do Espiritismo no Brasil, é reconstituir alguns destes marcos fundamentais, para que sirvam de base para entendimento do contexto que precedeu aos articulistas do *Jornal Espírita*, e que de alguma sorte eles foram herdeiros. Nosso objetivo é construir um pano de fundo histórico, para identificarmos nos artigos e editoriais selecionados a recorrência de temas e abordagens (como, por exemplo, a questão da divisão entre espíritas científicos e místicos), e fundamentalmente, situarmos historicamente a abordagem os nossos articulistas, atentos para as mudanças próprias do seu período, como as teorias da metapsíquica de Charles Richet.

---

<sup>252</sup> Refiro-me, mais especificamente, aos trabalhos de Ubiratam Machado, Sylvia Damazio e Emerson Giumbelli indicados na bibliografia desta dissertação.

<sup>253</sup> **BOFF**, Angélica Berch. *Espiritismo, Alienismo e Medicina: Ciência ou Fé? Os saberes Publicados na Imprensa Gaúcha da Década de 1920*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado defendida na UFRGS, 2001. p.184

O primeiro momento de difusão da doutrina espírita no Brasil teve como foco irradiador o Rio de Janeiro, especificamente, o grupo composto pela colônia francesa. Foi a partir dos membros deste grupo, dentre os quais destacam-se Adolphe Hubert, editor do *Courrier du Brésil*, Mme. Perret Collard, e Casimir Lieutaud, diretor do Colégio Francês, que os brasileiros entraram em contato com os princípios postulados pelo Espiritismo. Um dos membros do grupo, Casimir Lieutaud, faz publicar o primeiro livro espírita no país, intitulado *Les Temps sont Arrivés*, em 1860.

Mas logo o interesse arrefeceu, e surge um outro pólo de difusão da nova doutrina, agora assumindo postura mais polêmica, e extrapolando o círculo fechado dos intelectuais que se reuniam na colônia francesa na Corte. Trata-se de Salvador, onde em 1865, foi fundado o primeiro grupo espírita do Brasil, *O Grupo Familiar do Espiritismo*, pelo jornalista e professor Luis Olímpio Telles de Meneses.

Um ano depois, em 1866, Luis Olímpio publica a sua tradução da *Filosofia Espiritualista: o Espiritismo. Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita*, para logo a seguir envolver-se em polêmica com o Arcebispado local, chegando mesmo a publicar uma resposta pública às críticas do clero, intitulada *O Espiritismo: Carta ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Arcebispo da Bahia, d. Manuel Joaquim da Silveira*. A discussão assume vulto, e continuou pelos jornais, através de um pároco local designado pelo arcebispado.

É também Telles de Meneses que, em 1869, fez publicar o primeiro jornal espírita no Brasil, *O Echo do Além Túmulo*<sup>254</sup>, constantemente citado como o marco inicial da imprensa espírita no Brasil e referido inúmeras vezes nos trabalhos históricos sobre o Espiritismo. Ele chega ainda, em 1871, a propor a criação da *Sociedade Espírita Brasileira*, encaminhando o estatuto e solicitando a aprovação para o seu funcionamento, o qual foi taxativamente negado, pois esta autorização dependia de decisão do Arcebispado da Bahia. Este fato marcou o deslocamento das lutas dos espíritas brasileiros da Bahia para o Rio de Janeiro, local que no início da década de 1860, o espiritismo atraiu a atenção dos membros da colônia francesa e dos intelectuais a eles ligados.<sup>255</sup>

Nesta nova fase no Rio de Janeiro o Espiritismo esteve associado ao movimento abolicionista e republicano. Muitos daqueles que participaram do Manifesto Republicano de 1870, como Bittencourt Sampaio, Otaviano Hudson, Antônio da Silva Neto, Quintino

---

<sup>254</sup> Outros jornais surgidos na Europa nesta década de 1860 tinham nomes semelhantes, *A Voz do além Túmulo* de Bordeaux. E em 1865, o *L'Echo D'Outre-Tombe*, publicado, em Marselha. In: *Primórdios da Imprensa Espiritualista e Espírita* publicado no jornal *Mundo Espírita*, Curitiba, julho de 1988. p.09

<sup>255</sup> MACHADO, Ubiratam. *Os Intelectuais e o Espiritismo – de Castro Alves a Machado de Assis*. Niterói: Publicações Lachâtre, 1996. p. 87– 90.

Bocaiúva, eram considerados espíritas ou simpatizantes do Espiritismo. Um exemplo desta relação dos espíritas com o movimento republicano, e principalmente abolicionista, está no fato de a própria Federação Espírita Brasileira (FEB), fundada em 1884, ter feito uma subscrição popular para alforriar escravos.

Foi Silva Neto pertencente ao grupo destes abolicionistas e republicanos que fundou um dos principais grupos espíritas do país a *Sociedade de Estudos Espíritas – Grupo Confúcio*, em 1873. Por iniciativa deste grupo foram publicadas pelo editor Garnier, *O Livro dos Espíritos*, *O Céu e o Inferno* e *O Livro dos Médiuns*, todos em 1875, com tradução de Joaquim Carlos Travassos, secretário do Grupo.

Pouco depois, em 1876, foi criado por alguns membros do *Grupo Confúcio* a *Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade*, dirigida por Bittencourt Sampaio. Esta mesma sociedade, sob o comando do Prof. Angeli Torterolli, altera posteriormente, seu nome para *Sociedade Acadêmica de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade*, buscando imprimir a seus estudos um caráter mais científico. Esta busca por uma orientação mais científica, levada a cabo pela *Sociedade Acadêmica*, e as divergências com os de postura mais religiosa, vai ser um traço muito característico do Espiritismo no Brasil. Isto é evidente quando acompanhamos a criação dos grupos e sociedades nos anos subseqüentes.

Em 1878 foi criado o *Grupo Espírita Caridade* como conseqüência de uma divergência entre os membros da *Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade*. O mesmo motivo que um ano antes, em 1877, havia dado origem a *Congregação Espírita Anjo Ismael*, de inclinação mais religiosa.

Dois anos se passaram e em 1880, era criada a *Sociedade Espírita Fraternidade*. Esta sociedade deu origem ao *Grupo dos Humildes*, de orientação mais religiosa, que depois recebe o nome de *Grupo Ismael*, quando de sua incorporação a FEB. E a *Sociedade espírita Psicológica Fraternidade*, que se dedicou a face mais científica do Espiritismo, com experiências de hipnotismo, efeitos físicos e materialização. Esta última foi dissolvida em 1893.<sup>256</sup>

Em meados da década de 1880, foi fundada a Federação Espírita Brasileira (FEB) no Rio de Janeiro, tendo como seu primeiro presidente o major Raimundo Ewerton Quadros.<sup>257</sup>

<sup>256</sup> DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. p. 101 - 109

<sup>257</sup> Um fato que merece uma investigação aprofundada é a participação dos militares no movimento espírita brasileiro. Muitas vezes são os militares que ocuparam as presidências e cargos importantes nas sociedades espíritas no século 19 e primeira metade do século 20. A começar pelo primeiro presidente da FEB, Raimundo Ewerton Quadros, que ocupou os postos de Presidente do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro e Presidente da Escola Naval, além da Presidência do Clube Militar, sendo seu sexto presidente. E reformado como Marechal em

Um ano depois da criação do jornal *O Reformador*, seu órgão oficial de divulgação até hoje. No entanto, as divergências permanecem entre os científicos e religiosos, até a Presidência do médico Adolfo Bezerra de Menezes em 1889, que imprimiu, a partir de então, uma postura mais religiosa ao movimento espírita. Sobre esta divisão em posturas divergentes, que marcou a criação destas primeiras sociedades espíritas, Sylvia Damazio, revela que ela era mais complexa, do que a cisão entre científicos e religiosos. Pelo menos três correntes poderiam ser identificadas. A científica, que privilegiava a parte experimental e as experiências com os fenômenos físicos, a denominada de Espiritismo Puro que só aceitavam a ciência e a sua doutrina filosófica, mas não o seu desdobramento religioso, e por último a corrente mística, de orientação evangélica, que considerava toda obra de Allan Kardec.<sup>258</sup>

Quanto ao Rio Grande do Sul, mais especificamente em Porto Alegre, não existem muitos trabalhos<sup>259</sup> de cunho histórico acerca da trajetória do espiritismo. Não é possível acompanhar, por exemplo, se ocorriam, na fundação das sociedades espíritas, as divergências entre científicos e místicos, como acontecera no Rio de Janeiro.<sup>260</sup> Resta-nos, portanto, identificar minimamente algumas datas, instituições e momentos desta história do Espiritismo em Porto Alegre, que antecederam ou foram contemporâneas do *Jornal Espírita* de Paulo Hecker.

Em Porto Alegre as primeiras sociedades espíritas foram fundadas no final do século XIX e início do século XX. Trata-se da Sociedade Espírita Allan Kardec, fundada em 13 de julho de 1894, e o Instituto Espírita Dias da Cruz, em 27 de fevereiro de 1907<sup>261</sup>, marcando o início da institucionalização do movimento espírita na cidade. É provável que grupos espíritas

1895. É também de Ewerton Quadros a primeira tradução *dos Quatro Evangelhos* de Roustaing ( Jean Baptiste Roustaing 1805-1879), em 1883, obra no qual se defendia, entre outras, a idéia que Jesus não tivera um corpo de carne, mas um corpo fluídico. Quanto ao envolvimento de militares gaúchos no espiritismo, ele também é bastante expressivo. Um exemplo, é participação do Gal. Pedro Michelena, Ex-Presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul de 1941 a 1947, que em 1937, durante o *Estado Novo*, procura um antigo colega de turma o Cap. Felinto Muller para tratar da intervenção ocorrida na FEB. In: Revista *A Reencarnação* Ano: XXXVIII Porto Alegre, dezembro de 1971. p. 19

<sup>258</sup> DAMAZIO, Sylvia F. *Da elite ao povo: advento e expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. p.105 e GIUMBELLI, Emerson. *O Cuidado dos Mortos. Uma história da Condenação e Legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997. p. 56-67.

<sup>259</sup> Refiro-me a Angélica Bersch Boff, José Roberto de Lima Dias e a Sinuê Neckel Miguel, visto que procuram resgatar o contexto histórico de difusão e expansão do Espiritismo no final do século 19 e primeiras décadas do século XX, utilizando-se basicamente da imprensa espírita e da grande imprensa. Ver: BOFF, Angélica Berch. *Espiritismo, Alienismo e Medicina: Ciência ou Fé? Os saberes Publicados na Imprensa Gaúcha da Década de 1920*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado defendida na UFRGS, 2001,. DIAS, José Roberto de Lima. *A Evolução: um instrumento cultural da imprensa espírita no final do século XIX em Rio Grande*. Monografia de Especialização defendida na FURG, 2003. e MIGUEL, Sinuê Neckel. *A inserção do Espiritismo no Rio Grande do Sul: Processo Identitário, institucionalização e legitimação (1890-1900)* Monografia de Conclusão de Curso defendida na UFRGS, 2006.

<sup>260</sup> Acreditamos que elas transpareciam, por exemplo, nos artigos e nos editoriais do *Jornal Espírita*, como vermos adiante.

<sup>261</sup> Revista *A Reencarnação*. Ano XXVIII, dezembro de 1971. p.81

familiares tenham se reunido antes da criação destas sociedades, no entanto, acreditamos que foi a partir delas que se articula um movimento organizado e articulado, pois ambas não tardaram em lançar seus primeiros periódicos. A *Revista Espírita*, fundada em 04.09.1898, por Joaquim Xavier Carneiro, um dos fundadores da Sociedade Espírita Allan Kardec, cuja circulação ocorreu até 1905. E o jornal *A Eternidade*, em 1909, cujo responsável pela edição era Oscar Breyer ligado ao Instituto Espírita Dias da Cruz. (vide Cap. I).

É importante destacar que do ano de criação da Sociedade Espírita Allan Kardec até o final da década de 1930 foram fundadas inúmeras casas e sociedades espíritas na Capital, aproximadamente 27 até 1940<sup>262</sup>, algumas delas editando seus próprios jornais ou revistas.

O movimento espírita parece neste momento experimentar um momento de divulgação de suas concepções e princípios, fato corroborado pelas palestras públicas em cinemas e teatros da capital, conforme apresentado no capítulo 1, onde procuramos construir um perfil do *Jornal Espírita*, dos seus principais articulistas e retratar o contexto histórico. O próprio *Jornal Espírita* confirma esta nossa percepção, pois nem mesmo esteve ligado a uma sociedade espírita, e se propunha, através de um grupo de intelectuais espíritas, esclarecer o público sobre o que seria o Espiritismo.

É exatamente este momento de divulgação e de tentativa de popularização do Espiritismo que nos propomos a analisar. Não pretendemos realizar um trabalho que busque compor ou reconstituir a trajetória do Espiritismo em Porto Alegre ou no Estado. Mas recortar um período, trabalhar um jornal que reuniu grande parte dos intelectuais espíritas do período, e mais especificamente, os editoriais e os artigos que tratam da face científica do Espiritismo. Sem dúvida que ao fazermos isto estamos de alguma forma tentando preencher uma lacuna histórica, ao mesmo tempo em que investigamos a leitura que fizeram este jornal e seus articulistas do Espiritismo, e de suas relações com o saber científico. Proposta que procuraremos desenvolver quando recuperarmos artigos ou trechos na continuidade deste capítulo e no seguinte.

Um trabalho que revele a trajetória da doutrina Espírita, seus principais líderes, os grupos envolvidos, suas relações com o Estado<sup>263</sup> e com a sociedade – incluindo sua relação com o clero local – a divergências internas do movimento, entre outros pontos, é em grande medida um trabalho ainda por fazer. Sem dúvida, diálogos com a sociologia e a antropologia

---

<sup>262</sup> Revista *A Reencarnação*. Ano XXVIII, dezembro de 1971. 03

<sup>263</sup> Um trabalho bastante interessante é o desenvolvido por Sinuê Neckel Miguel sobre o Movimento Espírita e sua busca pela unificação. Nele são analisados, entre outros assuntos, as relações que os espíritas estabelecem com os representantes dos poderes estatais, muitas vezes reelaborando seu discurso diante de uma ação coercitiva. Ver: **MIGUEL**, Sinuê Neckel. *Espiritismo Unificado: Movimento espírita brasileiro e suas relações com o estado (1937-1951)*. Monografia de conclusão de curso na UFRGS, 2007.

devem ser buscados. E mesmo a constituição de um programa de estudos, para se possa incorporar como objeto, em outros assuntos como as relações entre protestantes e espíritas, questão que surgiu no decorrer desta pesquisa. Refiro-me a interessante artigo de Leandro Telles publicado no jornal *Correio do Povo* em 1971. Nele é narrado trechos da obra de Friedrich Bieri, imigrante de formação evangélica, nascido na Suíça, em 14.06.1844. Segundo Leandro Telles Friedrich Bieri mudou-se para São Leopoldo em 24.08.1871, e em 1901 fez publicar a *Der Trostreiche Unsinn* ( A Besteira Consoladora). Sobre esta obra Telles escreve:

É um livro apologético do Espiritismo. Talvez um dos primeiros ou quiçá o primeiro a ser escrito no Rio Grande do Sul. O nome do livro é explicado no prefácio: ‘Costuma-se afirmar que essa nova doutrina é besteira, quem estudar com afinco essa besteira, terá de concordar, que é uma besteira consoladora’. Na terceira página se encontra uma quase confissão: ‘Comecei a estudar o Espiritismo e encontrei no mesmo o que muito tempo procurei em vão: uma religião cristã numa forma compreensível e sensata, o ensinamento de Jesus baseado no reconhecimento da razão.’<sup>264</sup>

Por ora, acreditamos que estes marcos históricos da trajetória do Espiritismo, mesmo que trazidos de modo bastante sucinto, servirão de base para entendermos em meio a que contexto se deu a elaboração dos artigos do *Jornal Espírita*, que por vezes remetem a idéias e concepção sobre a história do Espiritismo no século 19. Ele serve também para tenhamos condições de perceber as continuidades e rupturas, traduzidas na incorporação de novos argumentos ou na repetida referência aos conceitos e afirmações de Allan Kardec sobre o tema ciência e Espiritismo.

## 2.2 O ESPIRITISMO E O MATERIALISMO

Uma das questões recorrentes nos artigos e editoriais do *Jornal Espírita* foi o combate ao materialismo. Cerca de 32,3% dos textos selecionados, na categoria **O Espiritismo como crítica a Ciência** trazem argumentos que apontam para as limitações do pensamento materialista. O próprio Allan Kardec como vimos, considerava esta questão como fundamental, dado que o Espiritismo tinha como principal alvo o combate ao materialismo,

---

<sup>264</sup> Jornal *Correio do Povo*, 13.06.1971, Ano: 76, nº210, p 48. Leandro Telles informa ainda, que Friedrich Bieri faleceu em 17. 06.1924, e sepultado no Cemitério da Comunidade Evangélica de Porto Alegre.

cuja conseqüência mais inquietante era o ateísmo.<sup>265</sup> No entanto, esta crítica não impediu Allan Kardec e nem mesmo os articulistas de considerarem o positivismo como uma etapa do pensamento humano, que sucedeu a do domínio das explicações teológicas, e que justamente foi o positivismo que em parte foi o responsável pela rapidez da propagação do Espiritismo.<sup>266</sup>

Buscaremos nesta seção da dissertação recuperar a atmosfera intelectual e teórica a qual se referem os articulistas quando tratam do Espiritismo e relacionar esta discussão ao contexto histórico no qual estavam inseridos. De imediato nos depararemos com um artigo que entende o positivismo como uma das etapas do pensamento humano, e na seqüência com outros, trazendo as limitações e re-apropriações da teoria positivista pelo Espiritismo.

O primeiro artigo escolhido para a análise é de autoria de Lourenço Picó, nele o autor encadeia uma série de etapas do pensamento humano, partindo do cristianismo até o período áureo do positivismo,

Seu influxo [cristianismo] foi, raras exceções, de caráter sentimental, de exaltação da fé. Mais tarde, o mundo cristão reagiu contra a escolástica e a sua disciplina do espírito que impunha a solução pela renúncia. Estudou-se, então, a Grécia Antiga, e uma nova época iniciou-se com o renascimento. A insuficiência da fé, a suspeita da inutilidade de se sacrificarem as inclinações naturais em troca de uma quimera celestial cada vez mais problemática e incerta, lançou de novo os homens no caminho das suas antigas aspirações, da luta pela posse dos bens materiais terrenos, únicos verdadeiros e aproveitáveis.

Esta tendência para os bens terrenos chegou a seduzir até os representantes da Igreja. Com o dinheiro, erigido em deus todo poderoso [no original] do céu e da terra, não só se conseguiu o desfrutar e a posse de tudo o que o mundo oferece de bom, deleitável e sensual, se não também se conseguiram as indulgências para os pecados, bênçãos, recomendações e toda a classe de bem-aventuranças por meio de escapulários, relíquias e bulas permutáveis na fronteira do outro mundo. Esses excessos foram as causas do cisma que abalou a Igreja romana, e foi sem dúvida motivo de escândalo para as almas simples e crentes. **Mais tarde, com o auge do positivismo, após a derrota do dogma, o materialismo científico e filosófico se apossou das elites intelectuais e das massas. Essas concepções ainda perduraram, mas não entre os escóis.** [grifo nosso]

Neste texto percebemos que autor recupera uma série de momentos históricos pelos quais passou o pensamento humano, para no final do artigo contrapor um período puramente dogmático a outro, predominante, entre as elites intelectuais e as massas, marcado pelo

<sup>265</sup> KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1985. p. 401

<sup>266</sup> KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1998. p.74

materialismo científico. Esta forma de pensar, no entanto, segundo o articulista, apesar de perdurar, não mais estava presente entre as pessoas escol, entre os melhores exemplos da sociedade. Numa referência, indireta, aos próprios espíritas, e provavelmente ao próprio autor do artigo. É clara aqui a intenção de crítica ao materialismo, pois se o período dos dogmas religiosos havia passado os homens de escol não poderiam se limitar somente as explicações materialistas, apesar dos avanços trazidos pelo racionalismo, e mais especificamente, pelo positivismo.

Sobre a questão do positivismo, como uma etapa do pensamento, é possível presumir que os próprios espíritas haviam passado por algo semelhante nas suas trajetórias pessoais; como evidência que sustenta nossa argumentação recorreremos à própria biografia de Allan Kardec e Paulo Hecker diretor e proprietário do *Jornal Espírita*. Allan Kardec quando dos primeiros contatos com os fenômenos espíritas, declarou que para pesquisar tais fenômenos, *era preciso ser positivista e não idealista, para não se deixar arrastar pelas ilusões.*<sup>267</sup> Algo similar aconteceu com Paulo Hecker, que durante o período em que cursava direito tornou-se positivista, e posteriormente, espírita kardecista.<sup>268</sup>

O certo é que tanto Allan Kardec como Paulo Hecker viveram um período histórico marcado pela circulação de uma série de teorias sociais, dentre elas, o próprio positivismo. Assim como o próprio articulista Lourenço Picó (1876-1940), contemporâneo de Paulo Hecker, nascido na Espanha, em Barcelona, e que percorreu vários países da América Latina.<sup>269</sup>

A referência a este contexto histórico marcado pela difusão das concepções materialistas surge também nos artigos de Teodoro Doleys, com o mesmo sentido de oposição entre explicações teológicas e racionais, como podemos perceber no trecho transcrito do artigo,

No seu combate a credulidade irracional do homem medieval, a ciência exorbitou dos justos limites e caiu no excesso oposto da negação de Deus e de toda a espiritualidade. Ela cumpriu a missão que lhe fora incumbida pela vontade do Criador e demonstrou a inanidade das especulações teológicas, mas ao mesmo tempo, fez assomar a cena da evolução da Verdade, o espectro funesto do materialismo e do ateísmo. *É pra dar combate a estas idéias perigosas e para combater o lado puramente espiritual do Cristianismo que foi iniciado o movimento neo-espiritualista.* [esta última frase está em itálico no original]<sup>270</sup>

<sup>267</sup> Op. Cit. p. 17

<sup>268</sup> Vide capítulo I desta dissertação quando elaboramos o perfil do *Jornal Espírita* e dos seus principais articulistas.

<sup>269</sup> Revista *A Reencarnação*, Porto Alegre, novembro de 1940, Ano: nº p. 07

<sup>270</sup> *Jornal Espírita* Porto Alegre, 01.02.1933, Ano: XV nº 03 p. 02

Neste texto de Doleys o que se deveria combater eram tanto os excessos cometidos em nome das explicações puramente teológicas, quanto aqueles que se fazia em nome da razão e da ciência, uma ciência puramente materialista, que acabava por levar ao ateísmo. Podemos perceber, ainda, que esta ênfase no aspecto científico, mais fenomenológico, da doutrina espírita, leva o articulista a opor explicações puramente espirituais ao movimento neo-espiritualista, e não ao espiritismo, que por sua feição mais religiosa, vai merecer críticas do próprio articulista, como veremos adiante, quando abordarmos a crítica que foi dirigida a ciência oficial.

Provavelmente a explicação para ênfase no papel da ciência, esteja no fato de que ambos os articulistas, experimentam um período histórico marcado pela difusão de inúmeras teorias científicas – da qual faz parte o próprio Espiritismo - no país. Teorias estas que tiveram especial acolhida no Rio Grande do Sul, no final do século XIX e início do século XX, com os governos de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, principalmente o positivismo comteano, que assumiu lugar de destaque na organização do Estado.

A partir da Proclamação da República (1889), adota-se no Rio Grande do Sul um modelo de administração pública inspirado no Positivismo e nas suas concepções sobre progresso social e científico.

O PRR (Partido Republicano Rio-Grandense) foi um dos meios de difusão das idéias comteanas no Estado, e foi dele que saíram Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros para Presidência do Estado.

Júlio de Castilhos, líder do Partido até sua morte em 1903, era um ardoroso defensor das idéias de Comte, e procurou seguir fielmente os seus preceitos sobre a organização do Estado, traduzido defesa de um orçamento equilibrado, na ênfase no papel da educação e na separação entre os poderes espirituais e temporais.

Castilhos e os demais positivistas adotaram concepções que visavam à defesa das liberdades individuais, a condenação da escravidão, a educação elementar universal e a intervenção do Estado para proteger os trabalhadores industriais.<sup>271</sup>

As administrações de Castilhos e Borges remetem-nos ao um período marcado pela circulação das idéias oriundas do positivismo, mas também por aquelas advindas do naturalismo, do darwinismo social, do saint-simonismo,...o que constituiu um clima

---

<sup>271</sup> **RODRÍGUEZ**, Ricardo Vélez. Castilhismo: uma filosofia da República - atualidade da doutrina de Julio de Castilhos, no centenário da sua morte. In: **AXT**, Günter. *Júlio de Castilhos e o paradoxo republicano*. Porto alegre: Nova Prova, 2005. Coleção Sujeito & Perspectiva, Vol. 1. p. 32

intelectual marcadamente cientificista. Nesta perspectiva o culto a ciência, seus postulados, a moral científica e seus métodos, estavam na ordem do dia.

Segundo Benito Bisso Schmidt,

Os últimos anos do século XIX e os primeiros do XX foram marcados pela difusão de diversas teorias científicas que deixaram marcas profundas no estudo da natureza (com o evolucionismo de Darwin) e da sociedade (com o positivismo de Comte e o darwinismo social de Spencer), no direito e na psiquiatria (como a criminologia de Cesare Lombroso e Enrico Ferri) e mesmo na religião (com o kardecismo).(...)Todas tinham a convicção de que a ciência e a técnica poderiam resolver os problemas básicos da humanidade. Idéias estas que tiveram acolhida no Brasil, sobretudo nos grupos urbanos.<sup>272</sup>

O próprio Allan Kardec experimenta um período histórico marcado basicamente por duas correntes evolucionistas. A primeira definida pelo materialismo, cujas principais expressões são o positivismo, com a sua radicalização em torno da ciência, e o materialismo dialético de Marx. A segunda, de caráter espiritualista, expressa pelo Idealismo alemão e pelo Ecletismo, ambas numa clara tendência em negar a ciência o acesso a realidade - que poderia ser atingida apenas pela razão filosofante -, e pelo Catolicismo na sua postura anti-evolucionista, expressa no ultramontanismo.<sup>273</sup> Uma tentativa de conciliação destas duas posturas, vai marcar a obra do codificador do Espiritismo, como veremos adiante, quando tratarmos do Espiritismo como uma ciência singular.

Por ora, basta que fixemos que estas teorias sociais marcadas pelo evolucionismo – principalmente sua vertente positivista -, e que marcam o pensamento de Allan Kardec, não vão somente se circunscrever ao século XIX e a Europa, mas irão influenciar o Brasil, que como vimos, nos primeiros anos do século XX, dará livre trânsito as teorias cientificistas, especialmente o Rio Grande do Sul.

E bastante provável que esta atmosfera intelectual<sup>274</sup>, tivesse reflexos na trajetória pessoal dos articulistas, dado que o próprio editor do jornal tinha sido positivista, antes de

<sup>272</sup> SCHIMIDT, Benito Bisso. *O Deus do progresso: a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República*. Revista Brasileira de História, vol. 21 nº 41 São Paulo, 2001. p. 02

<sup>273</sup> INCONTRI, Dora. Personagens e lideranças espíritas do Brasil-Império ao Brasil-República. A recuperação de um diálogo histórico, 2008. Disponível em: <http://pedagogiaespirita.org.br/texto/13htm>. p.02 e 03

<sup>274</sup> A caracterização que Emerson Giumbelli faz da segunda metade do século XIX, recuperando as afirmações de Maciel R. S. de Barros, quando este trata da ilustração brasileira, reforça o quadro que traçamos para este período. O autor define-o como uma momento marcada por três correntes de pensamento no Brasil: uma cientificista, assinalada pelo positivismo, darwinismo social e pelo evolucionismo, uma outra liberal, expressas no republicanismo e no abolicionismo, e uma terceira de caráter conservador, que domina o pensamento católico. Ver: GIUMBELLI, Emerson. *O Cuidado dos Mortos. Uma história da Condenação e Legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997. p. 60

tornar-se espírita, e também no discurso dos articulistas do *Jornal Espírita* que, via de regra, apresentava sinais destas matrizes teóricas nos artigos em que tratam da ciência e o espiritismo.

No artigo A. D. Pratas a oposição entre o materialismo e o espiritualismo foi novamente evocada por este articulista, tal qual haviam feito Lourenço Picó e Teodoro Doleys,

Os obreiros, entretanto, seguem a divina vontade, pouco a pouco vão surgindo para divulgarem a santa palavra do Evangelho; mas ainda hoje, como então, haveremos de reconhecer que, perante a extensão da seara que dia a dia aumenta com a divulgação que a filosofia **materialista** [grifo nosso] tem conseguido sob a influência das errôneas confissões religiosas que nos tem orientado, ainda hoje se reconhece a deficiência numérica dos obreiros para arrotear tanto terreno, param, enfim, reformarem a humanidade, elevando-a a uma situação espiritual que lhe faculte merecer os gozos do reino de Deus.(...)

O materialismo tem encontrado nas deficiências do **espiritualismo dogmático** [grifo nosso] a força precisa para se desenvolver e tomar vulto; e, arraigados aos preconceitos e por uma cobardia imprópria da sinceridade, ocultam-se muitos dos que alguma coisa de belo já começam a vislumbrar.(...)

Assim, Deus, não elevando em demasia o número dos seus trabalhadores, evidencia que o **Espiritismo** [grifo nosso] é obra Sua, visto ter força para enfrentar todas as opiniões adversas, sem o menor desânimo ou uma simples vacilação; ter, enfim, conseguido fixar-se e firmar-se em todo o orbe, impondo-se no respeito geral, não só pelo **positivismo científico** [grifo nosso] dos conhecimentos até hoje adquiridos, mas também pela sublimidade da moral, integral e irredutivelmente adaptada aos maravilhosos ensinamentos que, há vinte séculos, nos foram ministrados pelo Mestre dos Mestres, - o Rabi da Galiléia: Jesus Cristo.<sup>275</sup>

A oposição serviu para demonstrar as limitações das duas perspectivas teóricas, tanto do materialismo quanto do espiritualismo, frente ao Espiritismo que se apresentou como obra de Deus, e que havia se fixado e se firmado, além de sua moral, no mundo pelo seu positivismo científico. Na clara apropriação do método científico, mas não do ceticismo oriundo do materialismo. Numa espécie de reinterpretação do cristianismo num contexto racional e científico. O articulista deixa também transparecer no seu texto uma leitura mais ampla das correntes teóricas do século XIX, que influenciaram Allan Kardec, e que são recuperadas quando enfatiza a credibilidade e a chancela que o positivismo científico dá à doutrina espírita, reforçando o novo sentido que o Espiritismo se propõe, quando se apresenta conhecimento baseado na experiência e no método científico.

<sup>275</sup> *Jornal Espírita*, Ano: XVIII nº 16 Porto Alegre, 16.08.1936. p. 02

Entretanto, é importante que ao retermos a crítica ao materialismo, recorrente nos articulistas do *Jornal Espírita*, não associemos a isto, uma desqualificação do método científico, pois os articulistas combateram os excessos cometidos em nome da razão, que levam ao ateísmo, é não a própria ciência; dado que foi através dos recursos que a ciência disponibiliza que definem seu conhecimento como científico.

Um exemplo da utilização do método científico para validação do conhecimento espírita foi apresentada do artigo de J.L. Lemos. Nele a crítica ao materialismo, não o confunde com método científico, posto que é o próprio método que confirma o fato espírita. No trecho selecionado a seguir podemos acompanhar o pensamento do autor.

As igrejas não resolveram o problema da alma e do seu destino. Adotaram, sob a forma dogmática, noções sobre o universo que não podem ser mais admitidas. Foi apresentada a hipótese materialista que teve grande aceitação, mas deve ser considerada como uma fase de reação da ciência moderna contra as velhas concepções.

**O materialismo preparou, entretanto, contra as suas previsões, o terreno para a vitória da idéia espiritualista que ele supunha combater e afastar das cogitações da ciência.**

**Os próprios métodos desta, admitidos como “criterium” da verdade, foram aplicados aos fatos do espiritismo, que deu novo rumo as pesquisas.**[grifo nosso]

Apareceram as revelações, ou melhor, as novas revelações do mundo espiritual, sem o cortejo das lendas e superstições antigas.

Tornou-se patente a impossibilidade de ser formulada uma síntese filosófica com as doutrinas materialistas.

Surgiu a concepção grandiosa do novo espiritualismo que, organizando a esperada síntese, servirá de guia a humanidade.<sup>276</sup>

Nele o articulista aponta que as intenções frustradas do materialismo em afastar qualquer cogitação de ordem espiritual do campo da ciência, enfatizando que foi “ele mesmo que preparou a vitória do espiritualismo”, numa referência direta a apropriação do método científico para a pesquisa e validação dos fenômenos espíritas. J.L Lemos resume de modo exemplar aquilo que apareceu anteriormente nos outros articulistas, ou seja, à concepção de que são os próprios métodos da ciência – inerentes as concepções materialistas -, admitidos como *criterium de verdade*, que foram capazes de revelar uma nova ciência: o Espiritismo. São muito evidentes as intenções do articulista em apresentar ao leitor, nas páginas do jornal, o Espiritismo como dotado de um método científico, assim como são claras as intenções em desqualificar as posturas filosóficas do materialismo.

<sup>276</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 01.01.1938 Ano: XX nº 01 p. 05

Gabriel Delanne (1857-192),<sup>277</sup> espírita francês, pesquisador e defensor da face científica do Espiritismo, cujas obras devem ter sido parte das leituras do proprietário do *Jornal Espírita* e de seus articulistas - dada a importância de Delanne no cenário espírita brasileiro, com vários de seus livros traduzidos pela FEB<sup>278</sup> -, sintetiza o tipo de relação que os espíritas estabeleceram com o positivismo. Segundo Delanne os positivistas têm por objetivo o estudo da natureza através dos sentidos, da observação e da análise. Tudo que escapa a esta ordem de coisas, não constitui objeto das suas pesquisas. Não negam absolutamente a existência da realidade postulada pelos metafísicos, mas acreditam que ela está fora do alcance do entendimento.<sup>279</sup> Já para os espíritas, o estudo da realidade metafísica se constitui em objeto da ciência, ao ponto de Delanne definir os espíritas como positivistas espirituais.

No trecho a seguir, no qual ele escreve sobre as características do Espiritismo, podemos acompanhar na íntegra o seu raciocínio sobre este assunto.

Não temos dogmas nem pontos de doutrina inabaláveis; fora das comunicações dos mortos e da reencarnação, que estão absolutamente demonstrados, admitimos todas as teorias que se ligam à origem da alma e ao seu futuro. Em uma palavra, somos **positivistas espirituais**, [grifo nosso], o que nos dá incontestável superioridade sobre outras filosofias, cujos adeptos estão encerradas em estreitos limites<sup>280</sup>.

Os articulistas, mesmo não fazendo referência a Gabriel Delanne, reproduzem nos seus artigos, o mesmo tipo de argumento. Apresentam o Espiritismo como uma ciência que utiliza os mesmos meios e recursos, que as ciências físicas, mas que vai além da investigação dos fenômenos pesquisados por estas ciências. Investiga fenômenos pertencentes a uma realidade metafísica, cuja existência pode ser comprovada, não pela especulação filosófica, mas pela observação metódica. Isto é bastante evidente quando tratarmos das experiências de William Crookes, que pesquisa os fenômenos espíritas utilizando meios que a ciência oferece, e que é constantemente evocado pelos espíritas como exemplo de confirmação da realidade espiritual, a despeito de um clima hostil mais amplo de crítica a ciência oficial por parte dos espíritas.

---

<sup>277</sup> François Marie Gabriel Delanne nasceu em Paris em 1857 e morreu em 1926. Engenheiro, cientista e filósofo francês se notabilizou pela defesa da face científica do Espiritismo. Em 1885, foi Vice-presidente da União Espírita Francesa, e em 1900, fez o discurso de abertura do Congresso Espírita e Espiritualista. Em 1885, lança seu primeiro livro, *O Espiritismo Perante a Ciência*, que é sucedido por inúmeros outros que tratam das relações do Espiritismo com a ciência. Disponível em: <http://www.panoramaespirita.com.br>

<sup>278</sup> Dentre as diversas obras de Gabriel Delanne editadas pela FEB citamos: **DELANNE**, Gabriel. *O Espiritismo perante a ciência*. (Tradução Carlos Imbassahy). Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1939, e *A Reencarnação*. (Tradução Carlos Imbassahy). Rio de Janeiro: FEB, 1937.

<sup>279</sup> **DELANNE**, Gabriel. *O Espiritismo perante a ciência*. Rio de Janeiro: FEB, 1939. p. 40 e 41

<sup>280</sup> Op. Cit. 202

A designação de positivista espiritual, poderia se aplicar, por exemplo, muito bem, ao articulista Carlos Fuhro, na medida em que procura romper com os limites de investigação colocada pelo materialismo, baseado mais em posturas dogmáticas, do que no exame dos fatos. No trecho selecionado a seguir temos exata expressão dos seus argumentos.

Nem aquele [os cientistas], e tão pouco estes [os religiosos], admitem a existência de uma realidade, de uma verdade que exceda os limites das suas idéias, isto é, daquilo que chamaremos a sua crença. **O materialista**, [grifo nosso] tanto quanto o homem de fé cega, **não crêem em possibilidades e explicações menos circunscritas que o campo de ação do seu próprio pensamento e de suas atitudes habituais.**[grifo nosso]

“Mistificação, Ilusão e Alucinação” são termos por meio dos quais julgam poder fulminar e reduzir a NADA [no original], possibilidades e **fatos que nunca se deram ao trabalho de examinar de perto.**[grifo nosso] Não reparam em que as suas supostas explicações são uma arma de dois gumes: - mistificados, iludidos, alucinados, podem estar eles tanto quanto qualquer simples mortal, mistificado, iludido e alucinado pelo **presunçoso dogmatismo de certos cientistas e de certos teólogos.** [grifo nosso]

Todo homem que se aferra a uma idéia sem examinar a solidez das suas “provas” transforma-se em fanático, e, **segundo a autoridade real ou imaginária que lhe confira a sua especialidade científica**, a sua posição na sociedade, o seu cargo oficial, etc.<sup>281</sup>

Neste trecho o articulista dirige a crítica a todos aqueles que se apegam as suas idéias sem exame dos fatos - por vezes traduzidas em dogmatismos -, sejam eles cientistas ou teólogos. No entanto, não há uma condenação ao conhecimento científico, posto que através dele que os espíritas procuram legitimar-se como ciência, mas sim as limitações as investigações impostas pelo materialismo aos fenômenos fora de seu campo de investigação. É ainda evidente a intenção de apresentar os fenômenos espíritas baseado em provas sólidas, cuja recusa na aceitação destes, só pode revelar o fanatismo ou a ilusão dos sentidos, invertendo a crítica dirigida aos espíritas como alucinados e vítimas de ilusão.

Em resumo, podemos compreender que toda esta discussão que recuperamos sobre o espiritismo, o materialismo e o positivismo, nos artigos e editoriais do *Jornal Espírita*, como compondo um quadro onde o a ciência espírita é representada como avessa ao materialismo e ao ateísmo e a radicalização em torno dos objetos tradicionais das ciências, e também como contrária ao dogmatismo espiritualista. Traços comuns ao discurso de Allan Kardec, mas que acreditamos, encontraram no Estado um terreno fértil para a ênfase na face científica do Espiritismo, devido ao clima intelectual e filosófico que o dominou no século 19, cujos reflexos se fazem sentir nos artigos publicados no *Jornal Espírita*. Mesmo ao apontar as

<sup>281</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 16.07.1936 Ano: XVIII nº 14

limitações do positivismo científico, os articulistas o apresentam como dotado de um método que não negam, pois este é capaz de legitimar seu conhecimento como solidamente científico.

### 2.3 O ESPIRITISMO E O ATAQUE AOS CIENTISTAS

O conjunto de artigos e editoriais do *Jornal Espírita* que tratam da crítica aos cientistas, ou mais apropriadamente a ciência oficial, corresponde a 67,6% do total analisado para a categoria intitulada **O Espiritismo como Crítica a Ciência**. Isto demonstra que, de modo geral, os articulistas denunciam uma tendência mais ampla da comunidade científica em rejeitar seu campo de investigação. O que não os impede de também citar nomes desta mesma comunidade científica, para legitimar e validar os objetos de investigação do Espiritismo, como o do cientista inglês William Crookes, cujo trabalho foi apresentado por um dos articulistas do jornal como paradigmático.

O que procuraremos fazer nesta seção da dissertação é trazer alguns artigos representativos do pensamento dos articulistas do *Jornal Espírita*, que nos permitam discutir acerca da crítica que os espíritas dirigem à comunidade científica quando tratam das experiências científicas que envolvem os fenômenos considerados paranormais. Um destes artigos recolhidos é de Teodoro Doleys, segundo este articulista,

A ciência oficial, naquela época manifestamente materialista, ficará perplexas. Quando o Prof. Crookes, abalizado e erudito experimentador e membro da Academia, incumbiu-se da acurada exploração e elucidação deste caso, o mundo científico exultou. Empregando o jogo de palavras rimadas em latim: Ubi Crookes(Crúcs), ibi luz (onde está Crookes, lá está a luz), a ciência oficial esperava a cada instante o demascaramento da médium – uma menina de 16 anos – e a aniquilação da “indigna fantasmagoria”. Todavia, o primeiro relatório, publicado em *Quartely Journal of Science*, trouxe aos adversários da nascente ciência parapsicológica uma amarga decepção. Crookes confirmou plenamente a realidade irretorquível dos fatos e acrescentou a celebre frase: “eu não afirmo que isto seja possível, eu afirmo que isto existe positivamente”. A perplexidade dos círculos oponentes aumentou ainda com a maneira como outros homens de prestígio científico referendaram e sublinharam os resultados, entre eles, capitalmente, o insigne biólogo Alfred Russel Wallace.<sup>282</sup>

Este fato citado por Teodoro Doleys, um dos ativos articulistas do *Jornal Espírita*, destaca Crookes como um elemento de prestígio no meio científico e o apresenta na condição

<sup>282</sup> *Jornal Espírita* Ano: XV nº 23 01.12.1933 p. 2

de um cientista que decepciona a academia, quando afirma que os fenômenos por ele estudados existem positivamente. O apelo a estes argumentos de autoridade foram freqüentes, não só em relação à Crookes, mas a outros cientistas, como Alfred Russel Wallace (1823-1913), conhecido biólogo, naturalista e co-descobridor, junto com Darwin das leis da seleção natural e evolução das espécies, e também estudioso do psiquismo, citado no artigo de Doleys.<sup>283</sup> O próprio articulista revela uma tendência em enfatizar as investigações científicas em detrimento de uma vinculação religiosa, chegando mesmo a tecer críticas a Allan Kardec, que considera em alguns momentos como vítima de mistificação e pouco científico.<sup>284</sup> Em um texto, publicado após a sua morte, e não considerado para contabilidade dos artigos e editoriais que formam o *corpus* documental desta pesquisa ficam explícitas as críticas a Allan Kardec,

Do ponto de vista puramente científico, as obras de Kardec deixam muito a desejar. Eles não contem nem o mínimo sequer que uma investigação séria deve reclamar. As exigências imprescindíveis de investigação positiva aí estão completamente negligenciadas. Resta apenas a fé cega em 'revelações'. E a isto precisamente que a nossa época de transformações de almas deve derrogar.(...) O Espiritismo científico que é, e deve ser, se pretende preencher devidamente a sua finalidade, a base científica do potente movimento neo-espiritualista, nada lucra com o estudo das obras de Allan Kardec.<sup>285</sup>

Provavelmente estas críticas, dirigidas inclusive a Kardec, se justificam pela ênfase que este articulista dava a ciência e ao método científico, pois ao evocar o exemplo de William Crookes, o fez não só para afirmar que inclusive cientistas de renome constatavam o fato espírita, mas também para denunciar a recusa da maioria dos cientistas em estudar os fenômenos considerados paranormais. Ao constatar a positividade das experiências de Crookes, ele dirige ao mesmo tempo, a crítica aos membros da academia e da ciência oficial. O destaque dado às experiências científicas de Crookes é tanto, que Doleys apresenta o objeto de suas pesquisas como pertencente ao campo da “nascente ciência parapsicológica”, incluindo as suas experimentações como experiências do campo da parapsicologia - provavelmente considerada mais impermeável a idéias religiosas - e não do espiritismo, como era e é recorrente entre os espíritas.

<sup>283</sup> *Evolucion. Revista de Espiritismo Laico*. Ano: XI nº 66 1979 Venezuela p. 3

<sup>284</sup> Não temos condições de analisar esta questão da crítica a Kardec em profundidade, mas é importante registrar um dado importante. Teodoro Doleys não é apregado pelo movimento espírita por sua postura, mas tido como um destacado membro. Esta afirmação é uma transcrição da Revista *A Reencarnação* órgão oficial da Fergs. Nesta mesma revista destacam-no pela sua cultura, pois dominava varias línguas e lia muito da literatura espírita inglesa, além de ser um nome muito conhecido na imprensa profana e assíduo colaborador do *Jornal Espírita*. *A Reencarnação* Ano: I nº 2 11.1934 p.4

<sup>285</sup> *Jornal Espírita* Ano: XVII 13 01.07.1935 p. 04

No livro *Fatos Espíritas* publicado pela FEB em 1971, as experiências de Crookes publicadas no *Quartely Journal Of Science*, em 1874, e citadas por Teodoro Doleys, são apresentados dentro de uma linha explicativa, também como portadoras de positividade e confirmadoras da realidade dos fenômenos espíritas, mas dando validade ao *status* científico do Espiritismo, e não da parapsicologia. Esta publicação da FEB ainda aponta as limitações da ciência e o vasto campo de pesquisa que se abre, dentro do campo científico, assim como se pode depreender da leitura do artigo de Doleys.

O trecho transcrito a seguir, de caráter metafórico, sintetiza este tipo de concepção. Em verdade, é uma citação de Crookes, publicada nos *Fatos Espíritas*.

Assim como um viajante que explora um país longínquo, cujas maravilhas não fossem até então conhecidas senão por notícias e contos de caráter vago e pouco exato, assim desde quatro anos procedo assiduamente a pesquisas em uma região das ciências naturais que oferece ao homem de ciência um solo quase virgem<sup>286</sup>

Outros cientistas e mesmo comissões científicas são evocados nesta obra editada pela FEB para confirmar a seriedade das pesquisas e positividade dos resultados obtidos. Muitos foram arrolados como adeptos do Espiritismo, o que de fato se aplica a alguns deles, como Camille Flammarion(1842-1925)<sup>287</sup>, astrônomo francês e amigo de Allan Kardec, quanto à grande maioria podemos entender que sua inserção se enquadra mais no campo de investigação aberto pelo neo-espiritualismo, e não como propriamente profícuos de uma doutrina, a exemplo do Willian Crookes. É desta forma que Teodoro Doleys articulista do *Jornal Espírita* entende o Espiritismo, mais um campo de investigação científica e menos uma religião. Apesar desta postura crítica, Doleys foi um membro ativo do movimento espírita gaúcho, e acreditamos que as suas contundentes considerações têm de ser entendidas dentro das divergências do próprio movimento.

Noutro artigo podemos perceber o quanto é caro a Doleys que os elementos probatórios partam de membros da própria comunidade científica. É o método científico que comprova a existência do mundo dos Espíritos.

---

<sup>286</sup> *Fatos Espíritas observados por William Crookes e outros sábios com uma carta dirigida ao tradutor, em fevereiro de 1897, pelo eminente criminalista Cesar Lombroso*. Tradução de Oscar D'Argonnel. Rio de Janeiro: FEB, 1971. p.19

<sup>287</sup> Camille Flammarion faz um célebre discurso no túmulo de Allan Kardec, no qual exalta a excelência metodológica do codificador da Doutrina Espírita e a importância do Espiritismo para a humanidade. Ver: **KARDEC**, Allan. *Obras Póstumas*. Brasília: FEB, 1990. p.21

É obvio dizer que este movimento, em vista da mentalidade profundamente mudada do homem moderno, não podia ser iniciado com predicacões de doutrinas abstratas. **O ceticismo científico e a douta negação materialista podiam ser combatidos e anulados somente pelas suas próprias armas. A prova científica e irrefutável da imortalidade e a conseqüente prova da existência de Deus.** [grifo nosso]

**A ciência oficial agarra-se ainda desesperadamente ao animismo escamoteando-lhe a sua verdadeira significação.** [grifo nosso] Vãs manobras. O animismo abrange os fenômenos produzidos pela psique imortal dos vivos e é, fundamentalmente, o Espiritismo do Aquém. O espiritismo abrange a atividade da mesma psique desencarnada e o animismo do Além.<sup>288</sup>

Teodoro A. Doleys recorre neste artigo à estratégia de apresentar o movimento espírita como resultado das mesmas provas e evidências de que se serve a ciência oficial para desqualificar os resultados das pesquisas sobre o fenômeno espírita. Procura usar as mesmas armas da ciência para refutar os resultados da própria ciência, que atribui os resultados obtidos nas pesquisas de Crookes, por exemplo, - as levitações, materializações, transportes de objetos - como manifestações anímicas, inerentes ao ser humano, mas não como fenômenos produzidos por espíritos. E novamente a denuncia dos limites da ciência oficial em incorporar novos objetos e levantar hipóteses destes fenômenos serem produzidos por espíritos.

Outros articulistas do *Jornal Espírita* como veremos adiante, também remetem a William Crookes como modelo de cientista, que por sua alta qualificação no mundo acadêmico o isentaria de um comprometimento de ordem puramente subjetiva no estudo destes fenômenos. Esta constatação nos dá a oportunidade de, a partir dos argumentos dos articulistas, examinar o que eles consideram os limites do campo científico ao qual pertence Crookes. Podemos, entretanto, de antemão entender que a referencia constante a Crookes pelos articulistas revela a intenção de participar deste meio científico, delimitado pela ciência oficial, sobre a qual as críticas foram dirigidas na forma quase de denuncia pela sua recusa em incorporar novos objetos. O que podemos entender, também, como busca de legitimação acadêmica e como desejo incontido de apresentar ou, mais apropriadamente, reforçar as representações em torno da cientificidade<sup>289</sup> do Espiritismo.

<sup>288</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 01.01.1932, Ano: XIV n°12 e 13 p.03

<sup>289</sup> O termo cientificismo nos jornais espíritas pesquisados posteriormente ao período por nos estudado é qualificado como pejorativo, contrapondo-se ao conceito de ciência. Trazendo esta discussão para o período estudado nesta dissertação creio que ela poderia reforçar a idéia de que os articulistas do *Jornal Espírita*, buscavam legitimar-se como uma ciência, não como um conhecimento de pretensões científicas, ou uma pseudociência.

Sobre o período, no qual se desenvolvem as experiências de Crookes, podemos entendê-lo como uma época de flexibilidade de fronteiras, no qual novos objetos – como os fenômenos espíritas – poderiam ser pesquisados<sup>290</sup>, a despeito de uma atmosfera hostil por parte das instituições representantes da ciência oficial, tais como academias, associações médicas, sociedades reais, evidentes no momento das experiências de Crookes.

Segundo Emerson Giumbelli, “Era uma época em que se discutia em laboratórios a existência da alma e, a partir dessas experiências, alguns cientistas diziam estar convencidos da possibilidade de intervenção de ‘espíritos’ nas coisas do mundo”<sup>291</sup>.

Os articulistas do *Jornal Espírita* ao rememorarem as experiências de Crookes na década de 1930, parecem não só afirmar as pretensões científicas do Espiritismo, mas apresentá-lo neste contexto, que consideramos de difusão e propaganda da doutrina espírita entre os porto-alegrenses e gaúchos, como uma ciência, não só evocando Allan Kardec como argumento de autoridade, mas cientistas europeus de renome.

Esta nossa constatação sobre as intenções dos articulistas do jornal encontra apoio ainda em Giumbelli quando se refere à utilização, por parte dos espíritas brasileiros, das experiências e resultados obtidos por cientistas como William Crookes.

Ainda segundo este autor, “O fato de tais relatos serem utilizados pelos espíritas brasileiros para legitimar suas concepções como ‘científicas’ é uma demonstração de que suas referências não se limitavam às obras de Kardec”.<sup>292</sup>

Outro articulista do *Jornal Espírita*, Frederico Augusto da Silva, sobre quem praticamente não temos muitos dados, a não ser que, como é óbvio, era articulista do jornal de Paulo Hecker, deixa ainda mais nítida a crítica a ciência oficial e a intenção que tem de denunciar o que ele define como oficialismo científico.

Acompanhemos neste artigo, transcrito a seguir, os contornos que assumem a sua argumentação.

O Espiritismo quer do seu ponto de vista filosófico e religioso, quer científico, tem atraído as vistas dos cientistas e dos estudiosos, tanto pela variedade e evidencia de seus fenômenos, como pela limpidez e beleza de sua doutrina. Há mais de meio século que sábios de toda parte do mundo acham-se empenhados no estudo de tão complicados fenômenos que vieram revolucionar a ciência oficial. E, se não conseguiram ainda resultados completos quanto à natureza e origem de alguns, tais como os de **levitação de corpos pesados, escrita direta e materialização** [grifo nosso], uma

<sup>290</sup> LEWGOY, Bernardo. *Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista. Antigas e novas configurações*. Civitas, Porto Alegre, v.6, nº 2 2006 p. 157

<sup>291</sup> GIUMBELLI, Emerson. *O Cuidado dos Mortos. Uma história da Condenação e Legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997. p.70

<sup>292</sup> Op. Cit. 70

coisa ficou líquida: **a realidade cabalmente demonstrada dos fatos espíritas, que estão sendo estudados à luz de um elevado critério e rigor científico. Willian Crookes, um dos personagens de maior relevo científico do seu tempo, afirmou de público, corajosamente, afrontando prevenções e hostilidades da época, a realidade de tais fenômenos. E, quando contra ele levantou-se o alarido do oficialismo científico, respondeu: “não digo que isto seja possível, digo que é”.** [grifo nosso] Seguiram-se as discussões, os inquéritos abertos pelas revistas e periódicos e, por último, a divulgação pela imprensa diária em torno do empolgante assunto, dando-lhe um cunho tal de evidencia e atualidade que não foi mais possível retirá-lo da tela e fazer silêncio sobre ele.(...)

Não há como contestar que a religião, qualquer que seja ela seja, tem que se apoiar na ciência. A época dos dogmas passou. Tudo, pois, quanto aqui for dito que não haja sido demonstrado cientificamente, ou não seja calcado em fatos comprovados, deverá repousar sobre as regras e preceitos de uma boa lógica.<sup>293</sup>

Novamente este articulista, a semelhança de Doleys, apresenta os fenômenos estudados por espíritas, como a levitação de corpos pesados, escrita direta e a materialização, como comprovados pelo método científico e apoiados na seriedade de nomes como o de William Crookes. As pesquisas e experiências do cientista inglês são evocadas dando-se ênfase a um contexto marcado não só pelo que ele denomina de oficialismo científico - termo empregado como a revelar a insistência da academia em negar a realidade dos fenômenos, mesmo diante de provas irrefutavelmente científicas -, mas como uma forma de dar a ver atmosfera social mais ampla contrária a este tipo de investigação. A leitura do trecho do artigo no qual o articulista qualifica esta época como uma época de prevenções e hostilidades a realidade de tais fenômenos reforça a nossa interpretação.

Ao escrever em Porto Alegre, na década de 1930, o articulista do *Jornal Espírita*, Frederico Augusto da Silva, recupera uma discussão sobre a incorporação de fenômenos sobrenaturais ou paranormais ao campo de investigações a ciências exatas, que já tinham se esgotado décadas antes, quando ainda havia espaço, por estreito que fosse para investigações de tais fenômenos. Principalmente os realizados por iniciativas individuais como as de Crookes e outros cientistas europeus.

Sobre esta questão a afirmação de Bernardo Lewgoy é bastante esclarecedora.

Trata-se de um período em que as imagens de ciência e as instituições que a definem e praticam tem um animo cartográfico, aventureiro e literário nunca mais recuperado, transformada após em engrenagem organizacional

---

<sup>293</sup> *Jornal Espírita* Porto Alegre 1938 Ano: XX nº 11 p. 03

objetivada em corporações conservadoras, que desinvestiram os fenômenos parapsicológicos [e espíritas] de objetividade e dignidade acadêmica.<sup>294</sup>

Não que o corporativismo acadêmico não existisse na época de Crookes, conforme retratado pelo articulista, mas a inserção destes acontecimentos emblemáticos no texto do jornal permite-nos presumir que eles – os espíritas gaúchos - também viviam num período de hostilidade acadêmica e social, onde a idéia de ciência espírita era evocada para definição de sua identidade. Esta nossa inferência em torno do papel central que a idéia de ciência assume na definição do que é ser espírita, relacionam-se mais amplamente com o contexto brasileiro. Mesmo que estas experiências sobre fenômenos espíritas não tenham se realizado no Brasil a maneira como ocorreu na Europa e nos Estados Unidos - aqui muito mais como referência da literatura científica estrangeira, do que propriamente experiências -, eram constantes as reivindicações dos espíritas para que elas fossem realizadas pelos cientistas brasileiros<sup>295</sup>, o que cabalmente confirmar a realidade dos fenômenos, assim como acontecera na Europa.

Podemos inferir que a intenção tanto em Teodoro Doleys quanto em Frederico Augusto da Silva ao selecionar e rememorar os acontecimentos de ligados as pesquisas de Crookes era reforçar as representações do Espiritismo como uma ciência, e também interferir na formação de uma definição acerca do espiritismo. Mais científico, e menos religioso, por exemplo, na flagrante postura de Teodoro Doleys de ênfase na parte científica do espiritismo. Ao mesmo tempo em que ambos revelam as pretensões de participar, como membros da ciência espírita, do campo científico, no qual Willian Crookes assume papel de renomado cientista, inclusive como Presidente da Academia Real de Ciências.

A incorporação das experiências de Crookes na argumentação destes articulistas possibilita-nos explorar melhor esta questão da construção da definição do Espiritismo que sublinha o seu aspecto científico, além nos permitir analisar os espíritas em relação ao campo científico e a ciência oficial. William Crookes (1832-1919) foi um reconhecido químico e físico inglês, descobridor de um novo elemento químico o Tálho. Como destacado membro da comunidade científica chegou mesmo a assumir posições importantes como a Presidência da *British Association for Advancement of Science* e da *Royal Society of London*. Na década de 1870 dedicou-se a estudar os fenômenos espíritas, inclusive criando aparelhos e medidores, além de utilizar os recursos para a experimentação que dispunha como homem de ciência, tais como balanças, alavancas, dinamômetros, registros gráficos, entre outros. Ao final das suas

---

<sup>294</sup> LEWGOY, Bernardo. *Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista. Antigas e novas configurações*. Civitas, Porto Alegre, v.6, nº 2 2006 p. 158

<sup>295</sup> GIUMBELLI, Emerson. *O Cuidado dos Mortos. Uma história da Condenação e Legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997. p.172

experiências Crookes encaminhou a *Royal Society*, que através de seu Secretário George Stokes, rejeita a publicação dos resultados de suas experiências. Os resultados parciais da pesquisa foram então publicados pelo *Quartely Journal of Science*<sup>296</sup>, em 1874, e posteriormente outros dados obtidos nas pesquisas vieram a público em 1889, quando ele os fez publicar nos *Proceeding of the Societh for Psychical Research*, os relatos das sessões com o Sr. Douglas Home. Os resultados obtidos por Willian Crookes foram amplamente criticados pela comunidade científica depois que se apresentaram favoráveis a realidade dos fenômenos espíritas, os estímulos e elogios iniciais – porque se acreditava que Crookes iria comprovar a fraude - deram lugar a duras e severas críticas.<sup>297</sup>

Este acontecimento, como vimos, foi explorado no artigo de Teodoro Doleys, quando ele faz rememorar este episódio e transcreve a frase: *eu não afirmo que isto seja possível, eu afirmo que isto existe positivamente*, frase de Crookes ao referir-se ao fenômeno por ele estudado. Uma conclusão bastante viável, para o porquê da recuperação deste episódio, provavelmente é aquela no qual objetivo do articulista está intimamente ligado a dar ver as forças políticas envolvidas no campo científico, que rejeitam *a priori*, e sem isenção e objetividade, as pretensões científicas dos espíritas. O campo científico na definição de Bourdieu é um espaço de jogo, de luta concorrencional. Onde o que esta em jogo é o monopólio da autoridade científica (capacidade técnica e poder social), mas também capacidade de falar e agir legitimamente.<sup>298</sup> Mesmo não sendo propriamente um cientista, um membro do campo, mas mais um leitor assíduo da literatura científica, Doleys e Frederico Augusto da Silva, atacam os membros que representam a ciência oficial, definida ainda, segundo Bourdieu,

como um conjunto de recursos científicos herdados do passado que existem no estado objetivado (instituições, obras..), e no estado incorporado sob a forma de hábitos científicos, sistemas de esquemas gerados de percepção, de apreciação e de ação, que são o produto de uma forma específica de ação pedagógica, e que torna possível a escolha dos objetos.<sup>299</sup>

---

<sup>296</sup> *Fatos Espíritas observados por William Crookes e outros sábios com uma carta dirigida ao tradutor, em fevereiro de 1897, pelo eminente criminalista Cesar Lombroso*. Tradução de Oscar D'Argonnel. Rio de Janeiro: FEB, 1971. p. 19

<sup>297</sup> **FERREIRA**, Juliana Mesquita & **MARTINS**, Roberto de Andrade. As investigações de Willian Crookes sobre espiritualistas com médiuns e suas pesquisas sobre o efeito radiométrico na década de 1870. In: **ALFONSO-GOLDFARB**, Ana Maria & **BELTRAN**, Maria Helena Roxo (orgs.) *O laboratório, a oficina e o ateliê: a arte de fazer o artificial*. São Paulo: EDUC, 2002. p. 170, 172, 178, 181.

<sup>298</sup> **BOURDIEU**, Pierre. O campo científico. In: **ORTIZ**, Renato. *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 122

<sup>299</sup> Op. Cit. 136 e 137

Foi contra esta postura dos representantes da ciência oficial, em negar a incorporação de novos objetos e recusar os resultados de Crookes, que articulista Frederico Augusto da Silva e outros, como veremos adiante, dirigiram suas intensas críticas, pois lhes interditava o acesso ao *status* de ciência.

Um elemento de prova do qual se serviu William Crookes, e que foi recuperado nos artigos e editoriais do *Jornal Espírita*, é a fotografia dos espíritos materializados; um gênero de prova que os espíritas praticamente consideravam irrefutável. A fotografia clássica de Crookes com o espírito materializado Katie King, na qual o experimentador e o espírito aparecem juntos, constituem uma espécie de referencial para outros registros fotográficos que se sucedem. Estas experiências de materialização e posterior fotografia dos espíritos, obtidas através da mediunidade de Florence Cook, nas quais o espírito de Katie King apresenta seus contornos nítidos, e a fotografia transcendental de um modo geral, foram utilizadas pelos articulistas e pelos editoriais do *Jornal Espírita* como provas inquestionáveis da realidade do mundo dos espíritos e do método do qual se serviu o cientista inglês.

No editorial do *Jornal Espírita* Paulo Hecker trouxe esta questão da prova fotográfica, no mesmo texto no qual começa por apontar a pedantismo da ciência oficial e os erros de observação daqueles que negam os fenômenos, dado que podem ser comprovados por uma série de experiências, inclusive com o uso da fotografia.

Neste trecho do editorial temos a expressão exata pensamento do editorialista e do *Jornal Espírita* sobre o tema.

A ciência oficial, blasonando sabedoria, do pedestal universitário, proclama não acreditar no espírito, apesar dos esforços que faz nos laboratórios e necrotérios para o descobrir. Pretendem os sábios da matéria, por meio do microscópio, enxergar a alma e, com o bisturi, necropsiando cadáveres, divisar-lhes a morada ou, no mínimo, a esteira que assinala a sua passagem. Os doutos professores quando, de escalpelo em punho, tentam achar em defuntos, o espírito ou o seu rastro, incorrem em palmar absurdo. Pois, se o corpo pereceu, foi porque o espírito alou para regiões siderais.(...)  
Doutores, os métodos para observação e os meios de discernir o espírito e respectivos predicados, não podem, de maneira alguma, ser os que se empregam para estudar o organismo e partes componentes.

**Modernamente, depois de descoberta a fotografia transcendental, como a denominou o erudito presidente do Instituto de Metapsíquica de Paris, não há mais negar: Os espíritos, em condições determinadas, e já cientificamente estabelecidas, podem ser retratados.** [grifo nosso]<sup>300</sup>

<sup>300</sup> *Jornal Espírita* Porto alegre 01.02.1936 Ano XVIII nº 3 p. 1



### Ilustração 1- Experiência de materialização feita por Crookes

**FONTE:** Fotografia colhida do álbum do *Primer Centenario Del Espiritualismo Moderno 1848-1948*. Organizado pela *Confederacion Espiritista Argentina*. Pertencente ao acervo da Federação Espírita do rio Grande do Sul (Fergs).<sup>301</sup>

Neste editorial Paulo Hecker trata da fotografia transcendental como um prova da existência dos espíritos, desde sejam respeitadas as condições cientificamente estabelecidas para sua obtenção. Refere-se a Charles Richet, criador da ciência metapsíquica, que estabelece de modo sistemático os meios de obtenção de fotografias dos espíritos. Adiante, no capítulo 3, veremos com mais atenção as evocações que fazem os articulistas e os editoriais as

<sup>301</sup> William Crookes se referiu assim quando das fotografias com Katie King: “Uma das fotografias mais interessantes é aquela em que estou em pé, ao lado de Katie, tendo ela o pé descalço sobre determinado ponto do assoalho. In: *Fatos Espíritos observados por William Crookes e outros sábios com uma carta dirigida ao tradutor, em fevereiro de 1897, pelo eminente criminalista Cesar Lombroso.*” Tradução de Oscar D’Argonnel. Rio de Janeiro: FEB, 1971. p.77

experiências da metapsíquica e da parapsicologia. O importante é que fixemos que mais uma vez o que aparece na referência a fotografia é a crítica a ciência oficial, coisa que por sinal o texto deixa claro, ao designá-la como blasonando sabedoria, jactando-se do seu conhecimento.

A fotografia a época do editorial do *Jornal Espírita* é recorrente nos jornais espíritas de grande circulação no país como a *Revista Internacional do Espiritismo*, de São Paulo, que as reproduzia e trazia inúmeros artigos sobre o assunto, assim como são reunidas em álbuns comemorativos dos acontecimentos de Hidesville em 1848.

A seguir reproduzimos umas das inúmeras fotografias espíritas e um título de chamada de matéria que aparecem nas páginas deste jornal editado, em São Paulo, na década de 1930, período em que circula o *Jornal Espírita* na capital.



*Fig. 12. — Photographia da medium e materialização do sr. Spurgeon, podendo se ver sobre a mesa uma porção de teleplasma que semelhante à metade de uma capsula, corresponde tudo ao que serve de marco ao rosto em miniatura.*

#### **Ilustração 2 - Fotografia materialização parcial**

**FONTE:** *Revista Internacional do Espiritismo*. Matão, São Paulo, Ano: VI n° 04 15.04.1930

Nestas imagens como no artigo de Paulo Hecker, a fotografia espírita é nitidamente utilizada para que o leitor tivesse a sensação de que esta diante de uma prova conclusiva da

realidade do fenômeno. A imagem fotográfica, apesar da sua qualidade muitas vezes precária, deveria constituir um gênero de prova capaz de sancionar o *status* científico do espiritismo, dado que a fotografia neste contexto é evocada como constituindo recurso marcado pelo realismo, pela exatidão e pela fidelidade da imagem fotográfica.<sup>302</sup> Este fato não é estranho a própria história da fotografia entendida por vezes, ao longo do século XIX, como testemunho fiel e reprodução exata e matemática da realidade, ou como afirmou Matheus Brady: “a câmera fotográfica é olho da História”, o que poderia também abrir largos usos no campo científico.<sup>303</sup> A utilização da imagem fotográfica ou referencia textual, então, revela claramente a intenção do editorialista em apresentar a fotografia como um recurso da ciência na comprovação da existência dos espíritos.



**Ilustração 3 - Título de matéria sobre materialização**

**FONTE:** *Revista Internacional do Espiritismo*. Matão, São Paulo, Ano: VIII nº 03 15.04.1930

É claro que a imagem fotográfica não é um espelho do real, como afirma Boris Kossoy, “que apesar de toda a credibilidade que se atribui á fotografia enquanto ‘documento fiel ‘dos fatos (...) devemos admitir que a obra fotográfica resulta de um somatório de construções e de montagens”<sup>304</sup>. No entanto, ela é utilizada pelo jornal como um recurso capaz de convencer da realidade dos fenômenos espíritas, revelando as intencionalidades do jornal em apresentar o Espiritismo com a exatidão de uma ciência física.

<sup>302</sup> BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & Fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 72

<sup>303</sup> FABRIS, Annateresa. A Invenção fotográfica: repercussões sociais. In: FABRIS, Annateresa.(org.) e outros. *Fotografia. Usos e funções no século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1998. p.23,24

<sup>304</sup> KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama Fotográfica*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002. p.42

Fora como se a tecnologia e ciência confirmassem a realidade dos espíritos, dado que os aparelhos fotográficos não estavam sujeitos as alucinações, assim como apontavam os críticos ao se referir aos espíritas. Conforme Mario Celso de Andrade, a fotografia foi utilizada pelos espíritas como prova objetiva da realidade espiritual.

Ao ser empregada no registro dos supostos fenômenos paranormais, a fotografia se tornou, (...) uma das muitas 'provas objetivas' da existência da vida após a morte, ao revelar um campo de fenômenos invisíveis e muitas vezes impenetráveis aos sentidos humanos. Assim a fotografia dos espíritos pode ser entendida não apenas como uma modalidade fotográfica que procurava comprovar por meios técnicos a existência de manifestações espírituais, mas também como uma das formas que irão ilustrar a primazia do olhar como fonte de conhecimento dos fenômenos do mundo.<sup>305</sup>

Trata-se, segundo os articulistas, de através da fotografia como evidência científica, representar o espiritismo como uma ciência, uma ciência que para se estabelecer luta contra os preconceitos sociais e acadêmicos.

Em síntese, as articulistas Teodoro Doleys e Frederico Augusto da Silva, e os editoriais do *Jornal Espírita* voltam seu ataque à ciência oficial, pois é ela que dita o que é, e o que não é científico, o que pode, e o que não pode ser considerado objeto da ciência. No entanto, procuram construir uma concepção de ciência que incorpora os métodos utilizados pelos cientistas, pois é através destes mesmos métodos que alcançam a pretendida condição como ciência.

---

<sup>305</sup> **ANDRADE**, Mario Celso Ramiro de. *O Gabinê Fluidificado e a Fotografia dos Espíritos. A representação do invisível no território da arte em diálogo com a figuração de fantasmas, aparições luminosas e fenômenos paranormais*. Tese de doutorado no Departamento de Artes Plásticas da USP. São Paulo, 2008. p. 29

## CAPITULO III

### *O ESPIRITISMO IDENTIFICADO COM A CIÊNCIA*

Neste terceiro capítulo procuremos discutir, a partir dos artigos e editoriais do *Jornal Espírita*, as relações do Espiritismo com a metapsíquica e a parapsicologia, sua proposta de singularidade como ciência e a sua inserção como herdeiro da tradição científica. Estes três eixos de discussão formam as três últimas subcategorias criadas para tratar do tema Espiritismo e ciência. Estas três subcategorias correspondem a 69,6 % dos artigos e editoriais pesquisados, e pertencem à grande categoria que denominamos de **O Espiritismo identificado com a ciência**. Estes conjuntos de textos compõem a grande maioria dos textos analisados para esta pesquisa, muito superior aos 30,3 % referentes à categoria intitulada de **O Espiritismo como crítica à ciência**.

Como veremos a crítica ao conhecimento científico não está ausente destes artigos e editoriais, no entanto, é mais explícita a tentativa do Espiritismo de se legitimar como ciência apontando para as semelhanças ou para uma tradição comum. Para tanto, os articulistas procuram identificar-se com áreas como a metapsíquica - uma área que também se propunha científica -, ou apresentam-se como herdeiros de um pensamento científico, principalmente, quando, por exemplo, apontam para as semelhanças entre Kardec e Newton, entendidos ambos, como revolucionários do pensamento científico. O mesmo se dá quando os articulistas abordam a questão da singularidade da doutrina espírita, apontando mais para a especificidade da ciência espírita do que para uma postura que, através da crítica, situa-se fora dos limites do conhecimento científico e do conjunto das ciências.

#### **3.1 O ESPIRITISMO, METAPSÍQUICA E A PARAPSIKOLOGIA**

Uma idéia central que emerge da leitura dos artigos e editoriais do *Jornal Espírita* que tratam da metapsíquica ou da parapsicologia - correspondendo a 20,5% do total para esta categoria - reside no fato de que, à semelhança do Espiritismo, ela é uma ciência que se

dedica ao estudo de fenômenos considerados até então como paranormais. Tanto uma como a outra, são apresentadas como dotadas de método racional e científico, capaz de dar-lhes credibilidade acadêmica. A despeito das diferenças entre as duas, principalmente pelo fato de a metapsíquica atribuir os fenômenos a uma causa mais física, fisiológica<sup>306</sup>, e não incorporar questões morais e religiosas, os articulistas a evocam como capaz de reafirmar a realidade dos fenômenos espíritas.

Além desta constatação que surge da leitura do conjunto destes textos, podemos compreender estas referências a metapsíquica ou parapsicologia,<sup>307</sup> como uma reatualização das pretensões científicas do Espiritismo.

O termo metapsíquica foi empregado pela primeira vez, em 1897, quando Charles Richet reuniu o conjunto de suas experiências na forma de memórias. Charles Richet já era, então, um prestigiado membro das academias e sociedades científicas.

Charles Robert Richet nasceu em Paris em 26 de agosto de 1850. Diplomou-se em medicina, em 1872, na Faculdade de Medicina de Paris, e obteve, em 1878, o título de Doutor em Ciências. Neste mesmo ano foi nomeado professor adjunto da Faculdade, e em 1887 ocupou a cátedra de fisiologia, ocupou como professor titular até 1925. Foi, ainda, colaborador de Jean Martin Charcot nos estudos sobre a hipnose, em 1875. Contudo, ficou célebre quando, em 1913, recebeu o Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina. E em 1935, morreu na mesma cidade, Paris, depois de publicar uma série de livros sobre seus estudos psíquicos, entre eles o *Tratado de Metapsíquica*.<sup>308</sup>

Cerca de duas décadas depois da criação do termo Metapsíquica por Charles Richet, foi lançado, em 1922, o *Tratado de Metapsíquica*. Nele, o professor de fisiologia da Faculdade de Medicina de Paris define de modo claro o conceito da nova ciência, no qual rejeitava a idéia de supranormal ou sobrenatural, entendendo os fenômenos psíquicos

---

<sup>306</sup> Charles Richet considerava a Metapsíquica mais um fragmento da fisiologia, e que em breve pertenceria a Fisiologia Clássica. Ver **MAGALHÃES**, Samuel Nunes. *Charles Richet. O Apóstulo da Ciência e do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2007. p. 128 Apud **OSTY**, Eugene. *Charles Richet (1850-1935)*. Paris (França): Institut Metapsychique International, 1936.

<sup>307</sup> Metapsíquica é a denominação francesa para os estudos sobre os fenômenos psíquicos. Na Inglaterra esta área é chamada de Pesquisa Psíquica. E mais recentemente, o termo Parapsicologia acabou por designar o campo de pesquisas desta área: “(...) Parapsicologia, denominação difundida devido ao fato de o casal Rhine ter estabelecido o Laboratório de Parapsicologia na Duke University no final da década de 1920.” Ver **MACHADO**, Fátima Regina. *Parapsicologia no Brasil: entre a cruz e a mesa branca*. Disponível em: [http://www.ceticismoaberto.com/paranormal/parapsicologia\\_brasil.htm](http://www.ceticismoaberto.com/paranormal/parapsicologia_brasil.htm).

<sup>308</sup> **MAGALHÃES**, Samuel Nunes. *Charles Richet. O Apóstulo da Ciência e do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2007. p. 32, 38,39, 45, 120 e 207. Neste livro o autor afirma que o termo metapsíquica foi empregado pela primeira vez, em 1897, quando Charles Richet era Presidente da *Society for Psychical Research*. (p. 120). No entanto, Richet afirma no *Tratado de Metapsíquica* que ele propôs o termo em 1905. Ver: **RICHET**, Charles. *Tratado de Metapsíquica*. (Tradução Maria José Marcondes Pestana e João Teixeira de Paula). Vol. I e II. São Paulo: LAKE, s/data. p. 20.

“inabituais”<sup>309</sup>, como necessariamente naturais e normais. Segundo Richet, “Uma ciência que tem por objeto a produção de fenômenos, mecânicos ou psicológicos, devido a forças que parece serem inteligentes ou a poderes desconhecidos, latentes na inteligência humana.”<sup>310</sup>

No *Tratado de Metapsíquica* Richet divide os fenômenos psíquicos em dois grandes grupos, a que ele chamou de metapsíquica objetiva e metapsíquica subjetiva. A primeira corresponde aos fenômenos propriamente materiais, como movimento de objetos sem contato, materializações fotografáveis, sonoridades, luzes, todos que de algum modo podem impressionar os sentidos. A outra trata dos fenômenos unicamente mentais, sem alteração das leis físicas conhecidas.<sup>311</sup>

Estas designações dos fenômenos proposta pela metapsíquica aparecem nos artigos do *Jornal Espírita*, em uma clara associação entre esta classificação e a proposta por Allan Kardec, na década de 1860, no *Livro dos Médiuns*. Um exemplo é o articulista Lorenzo Picó, no texto transcrito a seguir.

Pelo que até agora nos tem mostrado esse personagem misterioso, desconhecido do nosso **eu** [no original], podemos formar uma idéia do que, e mediante as condições requeridas, é capaz de realizar. No que se refere ao que podemos chamar sua vida pública, temo-lo visto transmitir num instante o seu pensamento através de obstáculos e distâncias – fenômenos **psicométricos** -; ver além dos continentes e dos mares – fenômenos de **clarividência**; - retrotrair-se para o passado e adentrar-se para o porvir – fenômenos de **criptomnésia** e de **premonição**; - perceber o que há de oculto nas coisas – **criptestésia pragmática**; - comunicar-se com os vivos, comunicação de subconsciência á subconsciência e comunicação medianímica entre vivos. Ver o interior do corpo – autoscopia -; mover os objetos sem contato visível – **cinemática** -. Ele tem sido visto nos estados sonambúlicos sair do corpo astral e torná-lo visível a grandes distâncias – **bilocação**. E nos fenômenos chamados **metagnômicos**, temo-lo visto produzir uma multidão de manifestações de grande alcance intelectual e espiritual, impossível de expor aqui, mas que podemos assegurar ser nesses estados que o homem chega a convencer-se desse personagem universal pelo qual somos. Esses fatos e caráter **metapsíquico** se nos oferecem agrupados em duas categorias: fenômenos **anímicos e espíritos**. E, posto que, como diz **Richet**, entre esses fatos e as suas teorias, e os fatos positivos estabelecidos pela ciência, não existe contradição alguma, pode dizer-se que, por fim, depois de tantos esforços na pesquisa e averiguação de tudo que compreende o homem, sua natureza e respectivas faculdades, se tem chegado a poder **estabelecer uma verdade que põe de manifesto a transcendência do homem imortal** [grifos nossos].<sup>312</sup>

<sup>309</sup> O termo ciência dos fatos inabituais serve também, segundo Richet, para designar a Metapsíquica. Ver: **Magalhães**, Samuel Nunes. *Charles Richet... p.121*.

<sup>310</sup> **RICHET**, Charles. *Tratado de Metapsíquica*. (Tradução Maria José Marcondes Pestana e João Teixeira de Paula). Vol. I, São Paulo: LAKE, s/data. p. 23

<sup>311</sup> Op. Cit. 22

<sup>312</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 16.06.1936, Ano: XVIII, nº 12, p. 02

Neste artigo de Lorenzo Picó, podemos ver nitidamente a incorporação de inúmeros conceitos recolhidos de Charles Richet. Assinalamos em negrito alguns destes conceitos. A criptestesia, de um modo geral, é a capacidade de se comunicar a distância com outro indivíduo, conhecida depois como telepatia. Ela, também, seria responsável pelo conhecimento de certos fatos do passado, do presente e do futuro, enfim, por todos os fenômenos relacionados à clarividência ou lucidez. As premonições, uma espécie de criptestesia premonitória, que se traduz na capacidade de prever o futuro. A cinemática ou telecinesia que um fenômeno ligado a criptestesia objetiva, que é a capacidade de mover objetos sem nenhum tipo de contato.<sup>313</sup>

Todos estes fenômenos nomeados por Charles Richet, no *Tratado de Metapsíquica*, e recuperados pelo articulista, foram apresentados como o resultado de averiguações científicas, que comprovam a *transcendência do homem mortal*. Na intenção de provocar no leitor do jornal uma relação direta entre estes fenômenos e a comprovação da realidade espiritual. No entanto, Richet na própria definição da metapsíquica, apresentada acima, não afirma que os fenômenos são provocados por inteligências outras, mas “a forças que parece serem inteligentes **ou** [grifo nosso] a poderes desconhecidos, latentes na inteligência humana”.

Outro dado que surge da leitura deste artigo, e que poderia fazer o leitor associar o Espiritismo e a Metapsíquica, diz respeito às semelhanças na classificação dos fenômenos propostas por Charles Richet e aquela que Allan Kardec utilizou, na década de 1860, no *Livro dos Médiuns* para classificar a mediunidade. Segundo Kardec, por sugestão dos próprios espíritos, os médiuns estavam também divididos em duas grandes categorias: médiuns de efeitos físicos e médiuns de efeitos intelectuais. Os primeiros ligados as manifestações físicas (metapsíquica objetiva), e outros a manifestações inteligentes (metapsíquica subjetiva). Na leitura do artigo a correspondência, por exemplo, entre a telecinesia e os médiuns de transladações e de suspensões é bastante direta. O mesmo se deu com as premonições da criptestesia premonitória de Richet e os médiuns de pressentimento, que segundo Kardec tem uma intuição vaga das coisas vulgares que ocorrerão no futuro.<sup>314</sup>

Podemos presumir que esta e outras referências à metapsíquica e à parapsicologia – termo cunhado por Joseph Banks Rhine (1895 -1980), nos Estados Unidos, na década de

---

<sup>313</sup> Op. Cit. p. 99, 170 e 248

<sup>314</sup> **KARDEC**, Allan. *O Livro dos Médiuns*. (Tradução de Guillon Ribeiro). Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1987. p. 221 e 224

1930, para o estudo dos fenômenos já pesquisados pela metapsíquica<sup>315</sup> - que encontramos nos artigos do *Jornal Espírita* são uma espécie de reatualização da cientificidade do Espiritismo. Na década de 1930 - num período já distante dos primeiros trabalhos de Allan Kardec (meados do século 19) -, as pesquisas de Charles Richet e os estudos de Rhine, com a parapsicologia, pareciam confirmar as pretensões científicas do Espiritismo. A metapsíquica surgia, então, como um conhecimento, à semelhança do Espiritismo, baseado na observação e na experimentação, e dotada de bases teóricas capazes de constituí-la como uma ciência. Não mais um experiência isolada, como em William Crookes, e em outros cientistas ligados às pesquisas do neo-espiritualismo, mas uma ciência, assim como o Espiritismo, mesmo que as cogitações morais tivessem sido excluídas por Richet.<sup>316</sup>

São inúmeras as alusões à metapsíquica nos artigos e nos editoriais do jornal, destacando a excelência do seu método e a fé esclarecida que proporciona. Os dois pequenos trechos do editorial do *Jornal Espírita* e do artigo de Narciso Berlese são um exemplo da forma como o tema é introduzido. No primeiro, intitulado, *O Espiritismo*, Paulo Hecker é taxativo sobre o método da metapsíquica: “Não inovemos, conservemos melhorando **os métodos que a ciência metapsíquica** já assentou para a consecução da fenomenologia espírita.”<sup>317</sup> Neste pequeno fragmento do editorial percebe-se que a metapsíquica assume um papel de referencial metodológico para as pesquisas dos fenômenos espíritas; caberia aos espíritas conservar e melhorar aquilo que ela já havia assentado por esta ciência.

No artigo de Narciso Berlese, a questão foi apresentada a partir de um tipo de argumento caro aos espíritas, o de que os princípios cristãos encontram no Espiritismo, a sua complementação e a sua explicação, ou seja, de que ele é capaz de proporcionar uma fé esclarecida.

Jesus nos apresentou uma doutrina cheia de verdade e amor. Ofereceu-nos os melhores preceitos para o aperfeiçoamento da alma, meditando-os, descobrimo-lhes a beleza e a veracidade. Aceitos pela razão, fortificam-nos e esclarecem-nos: confirmam-nos os princípios do metapsiquismo.<sup>318</sup>

<sup>315</sup> MACHADO, Fátima Regina. Parapsicologia no Brasil: entre a cruz e a mesa branca. p. 2 Disponível em: [http://www.ceticismoaberto.com/paranormal/parapsicologia\\_brasil.htm](http://www.ceticismoaberto.com/paranormal/parapsicologia_brasil.htm).

<sup>316</sup> No Tratado Richet propôs quatro períodos para o estudo dos fenômenos metapsíquicos. O 1º período mítico, que vai até Mesmer (1778), 2º período magnético, de Mesmer às irmãs Fox (1847), 3º período espiritual, das irmãs Fox a William Crookes, e o 4º período científico, que começa com William Crookes. Ele entendia seu período como a era científica do estudo destes fenômenos, e pretendia que se iniciasse com o *Tratado de Metapsíquica* o período clássico. Ver RICHET, Charles. *Tratado de Metapsíquica*. (Tradução Maria José Marcondes Pestana e João Teixeira de Paula). Vol. I e II. São Paulo: LAKE, s/data. p.35

<sup>317</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 01.10.1931, Ano: XIII, nº 17

<sup>318</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 16.04.1932, Ano: XIV, nº 08 p. 01

Mas podemos notar que o articulista não se refere ao Espiritismo, mas sim ao metapsiquismo, numa clara identificação entre um e outro.

Isto ficou evidente e muito mais explícito no editorial do *Jornal Espírita* de Paulo Hecker, intitulado *Dupla Face*.

A consoladora Doutrina Espírita, embora codificada há menos de um século, tem sofrido deturpações, algumas até fundamentais, e outras tantas restaurações, que lhe tem tirado a harmonia do conjunto e empanado a diáfama beleza da sabedoria dos seus transcendentos ensinamentos.

Foi assim que a religiosidade e as rezarias, á guisa de modos de concentrar, alteraram-se a maneiras de ser estáveis do Espiritismo prático, com foros de processos idôneos, no exercício do psiquismo experimental. Concomitante, na religião espírita, introduziram-se práticas esdrúxulas, adotadas sem prévio exame nem espírito organizador, atos que não expressam símbolos nem reclames d'alma, apenas, bagagem trazida dos arraiais.

Originaram-se desses descaminhos, os inconvenientes graves da entrada das superstições na esfera religiosa, e da invasão desta no campo científico.(...)

É preciso que as coisas voltem aos seus lugares, traçando-se a linha divisória entre a religião e a ciência espíricas, a bem da primeira poder ser por todos adotada, e a segunda, desenvolvida com exclusividade a competência dos técnicos que nela se tenham especializado pelo estudo. (...)

É ciência quando estuda os fatos, subindo até a fenomenologia espírita, para, pelo método experimental, deduzir as leis que os regem; coordenando-os, empós, em grupos seriados, gradativos para, racionalmente explicá-los.(...)

**Como ciência, é a metapsíquica ou psiquismo experimental,**[grifo nosso] ramo do conhecimento exatos, com embasamento positivo, privativo de quem estuda.(....)

Do simples enunciados dos dois lados da formosa Doutrina, ressalta evidente que espiritistas religiosos poderão ser todos os homens de boa vontade; mas, operadores espíricos, apenas os sábios.<sup>319</sup>

Nele Paulo Hecker recupera uma questão fulcral para o entendimento da história do Espiritismo no Brasil, os conflitos entre os religiosos e os científicos, presente desde a criação dos primeiros grupos e sociedades espíritas no país no Rio de Janeiro na década de 1870. Acreditamos que esta argumentação de Hecker deu mostras de que esta discussão tinha reflexos ainda, na década de 1930, e que estes se fizeram sentir entre os espíritas porto-alegrenses, que incorporavam o debate a nível local.

Partindo desta constatação mais ampla, podemos perceber da leitura deste artigo de fundo, que a ênfase foi posta nos perigos ligados ao fato de se imiscuir práticas religiosas no espiritismo experimental, e também, nas deturpações ocorridas na face religiosa do

<sup>319</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 16.02.1939, Ano: XXI, nº 04 p.01

Espiritismo, com a incorporação de rituais e práticas supostamente estranhas a doutrina espírita. É também nítida a intenção de separação entre aqueles considerados os espiritistas religiosos, que segundo o autor, podem *ser todos os homens de boa vontade*, e operadores espíritos, entre os quais certamente estaria incluído o próprio Paulo Hecker, como membro de uma elite intelectual e espírita capaz realizar as pesquisas e as experiências ligadas à face científica do Espiritismo.

Neste editorial é, ainda, fundamental observar a relação direta que Paulo Hecker estabeleceu entre o Espiritismo e a Metapsíquica de Richet, ao afirmar que como ciência ele é a metapsíquica ou o psiquismo experimental. O editorialista não especula sobre as semelhanças, mas levou o leitor a assumir a metapsíquica como sinônimo de espiritismo experimental. A intenção, bastante provável, é de que a metapsíquica reforçasse a face científica da doutrina espírita, ao mesmo tempo, que ajudava a construir a concepção de que se tratava de uma área de domínio restrito aos especialistas, os cientistas; no caso dos espíritas, os operadores espíritos.

Neste texto não observamos uma crítica aos estudos focados na fenomenologia espírita, comum entre os grupos que assumiam uma postura mais mística no Espiritismo no Brasil, mas sim um empenho em identificar os perigos relacionados à face religiosa do Espiritismo, posto que foram, principalmente, segundo Paulo Hecker, os exageros incorporados nela que levaram às deturpações na doutrina ao longo do tempo.

Podemos entender, mesmo, que toda a argumentação do proprietário e diretor do *Jornal Espírita* neste editorial, é um dado que nos faz situá-lo como um espírita vinculado mais à face científica do espiritismo. Ele, também, permite que identifiquemos a intenção do autor de representá-lo como uma ciência, corroborada pelo fato de apresentar a metapsíquica como quase sinônimo da parte científica do espiritismo.

Outros articulistas o jornal seguem a mesma linha de raciocínio de Paulo Hecker, dando provas de que não se trata de uma opinião isolada do editor, mas sim que ela encontrava acolhida entre outros colaboradores do jornal, e mesmo no movimento espírita. Isto deve, muito provavelmente, ao fato de que a metapsíquica corresponde aos anseios de validação científica da doutrina espírita por parte de determinados grupos de espíritas, como veremos adiante.

No artigo abaixo, assinado por um articulista, cujo pseudônimo era kardecista, novamente o Espiritismo enquanto ciência foi apresentado como a metapsíquica ou psiquismo experimental, nos mesmos termos utilizados por Paulo Hecker.

A codificação da Doutrina dos espíritos veio dar uma diretriz nova ao curso das idéias, abrindo largas brechas no carrancismo, então, dominante e conduzindo os sábios pelo raciocínio, a campos novos de pesquisas e experimentações. Como salutar e benéfica inferência desse estado de coisas, nasceu mais uma disciplina científica que teve por iniciador o eminente Richet, denominada metapsíquismo e que os filósofos alemães chamam parapsicologia, para distinguí-la da psicologia clássica que era empírica.

**A móvel metapsíquica é uma ciência na acepção mais rigorosa do vocábulo,**[grifo nosso] por integrar um método de pesquisas baseado na observação e experimentação, tem ela por fim estudar os fenômenos psíquicos por meio de reações fisio-biológicas e outros processos mecânicos.(...)

**O Espiritismo como ciência é a metapsíquica ou psiquismo experimental;**[grifo nosso] e como religião, é o restaurador do cristianismo, o identificador dos Evangelhos, a doutrina sagrada que ressurge para melhorar os homens por lhes ensinar que terão que ser perfeitos, porque a lei do progresso é fatal e essa é a finalidade da natureza(...)<sup>320</sup>

Esta relação entre a metapsíquica e o espiritismo recorrente neste e outros artigos e editoriais do *Jornal Espírita*, e, manifestada, por vezes, com certo ar de taxativa afirmação acerca da correspondência direta que havia entre ambas, encontram uma possível explicação na influência que a metapsíquica de Charles Richet exerceu entre os espíritas brasileiros no final do século XIX. Uma ascendência que se deu, principalmente, entre aqueles grupos de espíritas mais intelectualizados, que atuavam no Rio de Janeiro, e que visavam sobremaneira apresentar o Espiritismo mais como uma ciência.

Silvia Damazio, afirma que esta influência se fez sentir fortemente entre os espíritas que atuavam junto a Federação Espírita Brasileira (FEB), e sobre a própria FEB.

De fato, o presidente em exercício, dr. Dias da Cruz, nem místico nem religioso, manteve uma postura neutra, o que possibilitou ao grupo mais agressivo dos científicos, liderado por Torterolli, assumir o controle informal da FEB e, por extensão, dos núcleos filiados. A partir de 1893 a Federação, a União, a Academia, a Fraternidade e mais de vinte grupos federados passaram a ser controlados pelos científicos que, sob a égide da Ciência e a prática **Metapsíquica**,[grifo nosso] ficaram resguardados da ação policial.<sup>321</sup>

Pelos artigos analisados do *Jornal Espírita* podemos afirmar que o entusiasmo pela metapsíquica não restringiu aos espíritas cariocas ou aqueles ligados à Federação Espírita Brasileira (FEB), mas alcançou os espíritas porto-alegrenses, especificamente, o grupo de intelectuais que colaboravam com o jornal de Paulo Hecker, na década de 1930.

<sup>320</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 01.07.1932, Ano: XIV nº 12 e 13, p.05

<sup>321</sup> **DAMAZIO**, Sylvania F. *Da Elite ao Povo. Advento e expansão do Espiritismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1994. p.123

As motivações, no entanto, parecem em parte diferentes, principalmente, em função das conjunturas históricas distintas. Os espíritas do Rio de Janeiro procuraram na metapsíquica uma forma para escapar à repressão das autoridades sanitárias e policiais, o que não se deu com os espíritas porto-alegrenses<sup>322</sup>, pelo menos e o que podemos depreender dos artigos e editoriais analisados. No Rio de Janeiro, no final do século 19, os espíritas sofreram ações de repressão das autoridades sanitárias e policiais, em função dos artigos 156 e 157 do *Código Penal* de 1890, que estabeleciam sanções aqueles que exerciam ilegalmente a medicina ou inculcavam curas de moléstias, entre outros. A metapsíquica ao ser apresentada como uma disciplina científica serviu como recurso de defesa das práticas espíritas.<sup>323</sup>

Já em Porto Alegre, na década de 1930, os articulistas do *Jornal Espírita*, não só dão provas de que a metapsíquica ainda era um tema presente no discurso espírita, mas que expressava as intenções de parte dos espíritas gaúchos, principalmente aqueles mais intelectualizados, em apresentar o Espiritismo como uma ciência. Acreditamos, que a metapsíquica, nesta conjuntura, não era um recurso para escapar da repressão das autoridades sanitárias ou policiais, como acontecera no Rio de Janeiro, mais sim uma forma de se reafirmar num contexto cultural marcado pela difusão de teorias sociais evolucionistas no Rio Grande do Sul, no qual o Espiritismo procurava se inserir, como mais uma destas teorias científicas.

Entretanto, a relação estabelecida por muitos articulistas do *Jornal Espírita* entre a metapsíquica e o espiritismo experimental, tidos como sinônimos, não foi um ponto pacífico, muito menos unânime, entre os colaboradores. Um exemplo desta posição encontramos em Teodoro Doleys, para o qual “a constituição de círculos de investigação que os nossos parapsicólogos e metapsíquicos reúnem para as suas **capciosas e frias** [grifo nosso] pesquisas, é raramente favorável à atividade de bons espíritos.”<sup>324</sup>

No artigo transcrito a seguir, intitulado de *J'acuse*, o polêmico articulista Teodoro Doleys, voltou sua crítica à metapsíquica.

Os maiores inimigos do neo-espiritualismo ou do Espiritismo experimental e filosófico e com isto cheguei à principal tese deste meu despretenso

<sup>322</sup> Não foi possível pelos trabalhos consultados para esta dissertação verificar se houve ou não, ou em que intensidade, repressão as práticas espíritas, em Porto Alegre, em função do *Código Penal de 1890*. Acreditamos que pela liberdade religiosa estabelecida pela constituição de 1891 e pelos grupos intelectuais envolvidos com o Espiritismo, os espíritas gozassem de maior liberdade. Pelo menos é o que sugere em linhas gerais a dissertação de Angélica Boff. Ver **BOFF**, Angélica Bersch. *Espiritismo, alienismo e medicina: ciência ou fé. Os saberes publicados na imprensa gaúcha da década de 1920*. Dissertação de Mestrado em História, UFRGS, Porto Alegre, 2001.

<sup>323</sup> **DAMAZIO** Op. Cit. p. 135 e 136

<sup>324</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 16.07.1933, Ano: XV, nº 14 p.02

trabalho – não são, entretanto, nem os profitentes dos credos antigos, nem os materialistas do monismo oficial. Os seus maiores adversários e, portanto, inimigos do genuíno progresso das almas e conseqüentemente, da humanidade, são os metapsicólogos da corrente puramente animista que aceitam a fenomenologia espiritual em toda a sua extensão, mas, coagidos pelos seus invencíveis preconceitos materialistas, inventam dezenas de hipóteses, mais ou menos engenhosas, mais ou menos extravagantes, a fim de dar-lhe explicações que eles chamam “naturais”. São estes amigos ursos do Neo-espiritualismo que pretendem combater ao seu lado, são estes inventores dos fantásticos sistemas, cujo único cunho, pretensamente científico, consiste na negação da imortalidade da alma e na fabricação de “belos “termos científicos”, como “criptonesia”, “criptestesia pragmática”, “pragmagnomia”, “hiloclastia”, e muitas outras desta espécie. São estes metapsiquistas de mentalidades puramente materialista que pretendem impor-se, deste modo, ao movimento, demovendo-o da corrente sadia e vivificante do espiritismo racional para as águas estagnadas e podres do materialismo. O seu expoente máximo atual é o grande fisiólogo Francês Prof. Charles Richet.(...)

Eu acuso os metapsiquistas de mentalidade materialista como os maiores inimigos das idéias neo-espiritualista. Combatendo a idéia da sobrevivência, eles tratam de minar, pelas suas extravagantes hipóteses, a base do verdadeiro progresso da humanidade.<sup>325</sup>

Até então a metapsíquica tinha sido apresentada, não somente por Paulo Hecker, como por outros articulistas do jornal, como espiritismo experimental. Teodoro Doleys, ao contrário, a considerava o maior inimigo do neo-espiritualismo e do espiritismo experimental, e os metapsiquistas como *amigos ursos* do movimento neo-espiritualista. Os mesmos conceitos que antes apareciam, praticamente, entrelaçados com os fenômenos mediúnicos, no artigo de Lorenzo Picó, como a *criptestesia pragmática*, neste artigo sofreram uma desqualificação, e foram apresentados com ironia como *belos termos científicos* de um sistema *pretensamente científico*, atacando, inclusive, a cientificidade da metapsíquica.

A que atribuir esta postura de Doleys? Por certo não basta simplesmente considerá-lo um articulista polêmico, que escrevendo na defesa do espiritismo, ataca mesmo a Kardec, que chegou a chamar de mistificado, como vimos anteriormente, e que agora volta sua crítica à metapsíquica. Talvez o mais provável seja justificar a atitude do articulista, tomando-o como contrário à aproximação com uma área que tem por objeto de estudo os mesmos fenômenos, e de onde foi excluída a hipótese da imortalidade. Pensamos que assumindo uma posição diametralmente oposta a de Paulo Hecker, o que Teodoro Doleys procurou fazer foi - por mais paradoxal que possa parecer - reforçar a cientificidade do Espiritismo, sem utilizar a referência a metapsíquica, mas reivindicando para o Espiritismo a primazia sobre os estudos

<sup>325</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 01.09.1932, Ano: XIV nº 17 p. 02

destes fenômenos; e que a metapsíquica não fez mais do que apresentá-los sob nomes diferentes, com o prejuízo de sob inspiração materialista, afastar a sua causa espiritual.

Nos editoriais de Paulo Hecker, a questão da exclusão da imortalidade não foi abordada, e nem foi esboçada uma crítica à metapsíquica nos seus editoriais, nem mesmo ao fato de Charles Richet considerar a teoria espírita de Allan Kardec demasiado simples e considerá-lo como de credulidade exagerada, apesar da sua fé na experimentação.<sup>326</sup> Muito provavelmente o mais que interessava para Paulo Hecker era selecionar e dar ênfase ao método estabelecido pela metapsíquica, posto que dentre as suas intenções, é claramente visível a de apresentar o Espiritismo como uma ciência, excluindo os pontos polêmicos em relação à metapsíquica.

A intenção de apresentar o espiritismo como uma ciência era cara, também, a Teodoro Doleys, como vimos anteriormente nos artigos deste colaborador do jornal, talvez ainda mais intensa, por sua aversão à inclusão de posturas religiosas entre os espíritas.<sup>327</sup> O que talvez Doleys começasse a experimentar – e que explicaria a sua rejeição a metapsíquica - era o uso que dela, posterior denominada de parapsicologia, fariam os católicos, ao longo do século XX, justamente por não admitir o fenômeno mediúnico posto pelo Espiritismo.

A metapsíquica que no período da República Velha tinha sido um meio através do qual os espíritas procuravam se defender dos ataques de exercício ilegal da medicina ou de charlatanice; posteriormente, no Governo de Getúlio Vargas (1930-1945) a mesma metapsíquica, popularizada pela designação de parapsicologia, foi utilizada para desmascarar as “mentiras espíritas”.<sup>328</sup> A estratégia católica buscava na cientificidade da metapsíquica ou parapsicologia uma forma de combater os espíritas. O mesmo apelo à cientificidade, mas agora utilizado pela Igreja, numa disputa religiosa por meio de elementos do discurso científico.<sup>329</sup> Este quadro que começa a se esboçar na década de 1930, e que ganha profundidade durante todo o século XX, ajuda, também, a explicar as críticas de Teodoro Doleys à metapsíquica de Richet, e, posteriormente, a parapsicologia de Rhine.

Fátima Machado é bastante clara ao descrever este período, de uso da metapsíquica ou parapsicologia para desqualificar o fenômeno espírita. Segundo a autora,

<sup>326</sup> RICHET, Charles. *Tratado de Metapsíquica*. (Tradução Maria José Marcondes Pestana e João Teixeira de Paula). Vol. I, São Paulo: LAKE, s/data. p. 53 e 54

<sup>327</sup> Neste capítulo III veremos, ainda, que Teodoro Doleys entende o Espiritismo muito mais como uma doutrina de conotação moral-científica, do que propriamente uma religião. Uma postura que verificamos parecia comum aos imigrantes espíritas que escreviam para o *Jornal Espírita*.

<sup>328</sup> MACHADO, Fátima Regina. *Parapsicologia no Brasil: entre a cruz e a mesa branca*. p. 2 Disponível em: [http://www.ceticismoaberto.com/paranormal/parapsicologia\\_brasil.htm](http://www.ceticismoaberto.com/paranormal/parapsicologia_brasil.htm).

<sup>329</sup> LEWGOY, Bernardo. Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista. Antigas e novas configurações. *Civitas*, Porto Alegre, v. 6, n.2, jul.-dez. 2006, p. 160

Esse novo interesse deveu-se ao fato de a Igreja Católica fazer, naquele momento, uma pesada campanha contra o Espiritismo por meio de publicações e de discursos nos quais utilizava conhecimentos oriundos da pesquisa parapsicológica para desmascarar o que chamava de ‘mentiras espíritas’.<sup>330</sup>

No entanto, o que prevaleceu no *Jornal Espírita* foi o entusiasmo pelas experiências realizadas pela metapsíquica, expressos no editorial ou artigo de fundo, que via de regra representa a opinião da direção e mesmo do próprio jornal.

São magníficos os resultados progressivos que a experimentação **metapsíquica** [grifo nosso] tem produzidos. A análise meticulosa dos fatos, devidamente classificados, e postos em coordenação científica, vem realizando desvendações de milagres pelas multidões amorfas. Releva mencionar em destaque, a fotografia transcendental. Sem duvida, é elemento incontestável da convicção, pois ninguém, a luz do sol, seria capaz de supor que uma **película fotográfica fosse questionável**, [grifo nosso] nem mesmo a pueril inconsciência dos que atribuem a tranqüibérnias e astúcias, a fenomenologia espírita.(...) E de alta significação, também, a moldagem de pés e mãos feita pelos espíritos em parafina aquecida a mais de quatrocentos graus. Nessa temperatura, a simples aproximação dos membros humanos, queimá-los-ia gravemente, mesmo sem contato direto, só por efeito da irradiação calorífica (...) A voz direta, a levitação, o transporte de objetos e, acima de tudo, as comunicações inteligentes, psicografadas por médiuns iletrados, que chegam a escrever em idiomas que não conhecem; a psicometria, os ruídos e pancadas, e outros tantos fenômenos espíritos, passíveis de serem experimentados, e que já foram observados por pensadores de saber mundialmente proclamado.(...) As materializações de espíritos, não apenas para os médiuns videntes as vejam, mas poderem ser tangidas, verificadas e atentamente examinadas por todos, são a rainha das provas, cuja incontestabilidade decore de si mesmas, porque integram **fatos** [grifo nosso].(...) A ciência, gradativamente vai palmilhando a senda que a intuição revelou. A utopia se faz real, os milagres explicam-se, e a quimera converte-se em verdade. **O espiritismo** [grifo nosso] progride, porque caminha ao lado da ciência, fundamentando-se no que é e no que de fato existe, perquirindo, observando e experimentando para afinal concluir com acerto.

Nele Paulo Hecker não deixa dúvidas sobre seu entusiasmo pela metapsíquica. Ela tinha produzido magníficos resultados e explicado uma série acontecimentos - com rigor metodológico e científico - que outrora eram entendidos como milagres, mas que agora eram fatos cientificamente compreensíveis. Ela produziu em abundância fotografias transcendentais, moldes de pés e mãos em parafina, experiências de voz direta, levitação, transporte de objetos, materializações, a semelhança daquelas referidas por Allan Kardec quando tratou dos vários tipos de mediunidade. Como se a metapsíquica complementasse o

---

<sup>330</sup> MACHADO, Op. Cit. p.2

trabalho de Kardec na parte científica, repetindo e experimentando inúmeras vezes aquilo que Kardec, em meados do século XIX, já havia identificado e classificado. Uma base sólida e científica para o estudo dos fenômenos espíritas.

Em resumo, a metapsíquica, a despeito das críticas que sofreu, mesmo entre os articulistas do jornal, como Teodoro Doleys, foi utilizada pelo *Jornal Espírita* como uma forma de comprovar a cientificidade do Espiritismo, numa espécie de reatualização da sua base científica. As longas referências à metapsíquica, entendida, muitas vezes, como sinônimo de espiritismo experimental, servem também para demonstrar a atualidade deste tipo de argumento, em Porto Alegre, na década de 1930. Revela, também, que esta era uma forma de explicar o que era o Espiritismo, demonstrar que ele era solidamente uma ciência, para um público espírita e leigo, numa fase de difusão e divulgação da doutrina espírita na Capital.

### 3.2 O ESPIRITISMO COMO UMA CIÊNCIA SINGULAR

A subcategoria que definimos de **O Espiritismo como ciência singular** corresponde a 47,4% dos artigos e editoriais analisados, a maior porcentagem dentro da categoria **O Espiritismo identificado com a ciência**. Nela os articulistas procuraram definir as especificidades da ciência espírita, no contexto mais amplo das diversas ciências. Podemos perceber que o esforço nestes textos foi de apresentá-la não só como conhecimento científico, à semelhança dos métodos empregados pela ciência, mas em defini-la levando em consideração as condições para a realização das pesquisas espíritas, a formação necessária aos experimentadores, a condição moral daquele que vai se dedicar às investigações, e fundamentalmente enfatizar a proposta da doutrina espírita de conjugar ciência e fé. Persiste, entretanto, a concepção, de que apesar destas especificidades, principalmente a que recomenda a boa conduta moral do experimentador para obtenção destes fenômenos, de que o espiritismo equivaleria à física, sendo ele, portanto, uma “física espiritual”.

No trecho do artigo de Carlos Fuhro encontramos a referência a uma das questões recorrentes entre os articulistas do *Jornal Espírita* que tratam daquilo que denominamos de singularidade da doutrina espírita, ou seja, as diferenças metodológicas entre a ciência tradicional e a ciência espírita. Segundo o articulista,

As pesquisas no domínio do Espírito não podem,(..) obedecer aos métodos habituais da ciência vulgar. Porém, da mesma sorte de observação e de análise a mais ainda, de vontade, de poder e de consciência, cujo corolário e

a sinceridade, o estudo dos fenômenos psíquicos, metapsíquicos e **espirituais necessitam de um observador disposto e capaz de adaptar-se as condições ‘sine qua non’** [grifo nosso] exigidas pelas pesquisas no domínio da espiritualidade. A primeira das condições exigidas é a renúncia a **presunção** [grifo nosso]: - ‘O homem que ignora sabendo que ignora está na senda da luz, porque procurará e acabará descobrindo; mas o homem que ignora e julga tudo saber, corre riscos de permanecer em trevas durante a vida inteira, pois, convencido de possuir a luz, nada fará para descobri-la.’<sup>331</sup>

Neste artigo o autor não enumerou quais eram todas as condições requeridas pela ciência espírita para realização do estudo dos fenômenos psíquicos, limitou-se a afirmar que a primeira e mais importante era a *renúncia à presunção*. Numa crítica direta à postura dos cientistas, e de modo geral, à comunidade científica, que *a priori*, conforme o articulista, desqualificava o objeto de investigação, os fenômenos espíritas, antes de investigá-los. A sua argumentação procurou estabelecer uma distinção entre os métodos tradicionais da ciência e aqueles utilizados para estudar os fenômenos psíquicos, apontando para as especificidades destas pesquisas. Mas quais seriam estes métodos? Tendo em vista que o Espiritismo era constantemente apresentado como uma ciência, a semelhança de ciências, como a física. E quais seriam as condições *sine qua non* requeridas para o pesquisador que investisse no estudo destes fenômenos espíritas?

Os editoriais do *Jornal Espírita* dão-nos uma noção mais detalhada do método a ser empregado e as diferenças entre os da ciência e aqueles empregados nas pesquisas espíritas. No fragmento do editorial, transcrito a seguir, a questão foi colocada nestes termos:

Doutores, os métodos para observação e os meios de discernir o espírito e respectivos predicados, não podem, de maneira alguma, ser os que se empregam para estudar o organismo e partes componentes.

Da concepção à morte, as pesquisas giram em torno de fórmulas materializadas. Antes da concepção e depois da morte diversos terão que ser os caminhos e outros os órgãos de percepção.

**Naquela fase, predominarão os sentidos materiais ao serviço da razão e dos conhecimentos adquiridos; nesta, os órgãos espirituais, por meio das imaginação, inspiração e intuição.**<sup>332</sup> [grifo nosso]

Neste editorial, Paulo Hecker apresentou os meios pelos quais o cientista que se dedica ao estudo dos fenômenos psíquicos, tinha de utilizar nas suas pesquisas: imaginação, inspiração e intuição. Mais do que os sentidos físicos, os sentidos espirituais seriam a chave

<sup>331</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 16.07.1936, Ano: XVIII, nº 14, p. 02

<sup>332</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 01.02.1936, Ano: XVIII, nº 03, p. 01

para a observação dos fenômenos espíritas. Podemos perceber claramente a intenção do editorialista em apontar para elementos que marcariam a singularidade da ciência espírita. Não uma ruptura com o conhecimento científico, que a todo o momento os articulistas e os editoriais procuravam negar - posto que o forte elemento de representação para os espíritas era a vinculação com a ciência -, mas a incorporação ao método científico de elementos inovadores, próprios de uma nova fase da ciência e da singularidade do espiritismo.

Noutro editorial, Paulo Hecker voltou à questão, agora em meio a considerações sobre as acusações de médicos cariocas contra o Espiritismo, cujas repercussões se fizeram sentir no *Jornal Espírita*.

Médicos cariocas diligenciaram para evitar a propagação da Doutrina Espírita por meio do rádio, sob os mais inverdadeiros e frívolos motivos. Mau grado as responsabilidades públicas e individuais decorrentes do fato relevante de serem doutores em medicina, vieram diante de todos asseverar que as práticas espíritas prejudica a integridade psíquica humana. Afirmaram-no, mas esqueceram que a quem alega incumbe o ônus da prova. Num desvio de senso, blasonando de cientistas, querem que se lhes prove que o Espiritismo é verdade e, numa exploração de coragem inconsciente, clamam pela comprovação material das curas conseguidas por processos espíritos. Para que meçam bem a alçada inteira do próprio desmando, imaginem esses esculápios, se os espíritas lhes exigissem provas de que os métodos terapêuticos empregados no exercício da medicina são realmente curativos. Certo, abroquelar-se-iam nos diplomas oficiais, emprestando-lhes a salvadora função de panacéias(...). Os fenômenos psicológicos devem ser observados quando se dão, na passagem, por isto que não é possível **reproduzi-los ao talento dos experimentadores que os examinam e os pretendam discernir. (...) Não cabem processos matemáticos, certos e inconstatáveis em tais estudos, que o homem pode amoldar e experimentar livremente como melhor entender. Se é assim quanto a psique do homem, com dobrada razão o é relativamente ao fenômeno espírico, porque este depende da soma das pré-disposições e vontades dos dois espíritos o do médium, encarnado nesse plano, e o do espírito propriamente dito que, despojado das vestes carnis, vive no Além.**[grifos nossos] Sejam bons – espíritas e médicos -, e dêem-se as mãos aqueles, amparando sua religião na ciência, e estes, iluminando os seus conhecimentos na fé raciocinada, para que juntos aliviem os sofrimentos humanos, sarando-os quanto as curas estiverem contidas na sabedoria perfeita dos insondáveis Desígnios Divinos.<sup>333</sup>

Nele as diferenças metodológicas entre a ciência tradicional e o espiritismo, apareceram como decorrência da reação do editorialista a um episódio ocorrido no Rio de Janeiro, em 1939, onde os médicos acusavam o espiritismo de ser prejudicial à saúde psíquica dos indivíduos, e procuravam impedir a difusão das idéias espíritas pelo rádio. Fato a que

<sup>333</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 16.06.1939, Ano: XXI, nº 11 e 12, p.01.

fizemos menção no capítulo I, no qual procuramos traçar o perfil do *Jornal Espírita* e de seus articulistas. Cabe-nos, no entanto, salientar que a reação de Paulo Hecker, e de muitos articulistas do *Jornal Espírita*, tais como Otaviano B. de Borba, kardecista e Mariano Rango D’Aragona - que residia na Capital Federal e colaborava com o jornal de Paulo Hecker <sup>334</sup>-, constitui um dado bastante revelador da continuidade, em 1939, das investidas dos médicos (psiquiatras) contra o espiritismo, utilizando via de regra, os argumentos, de danos ao psiquismo, conforme demonstrou Emerson Giumbelli.<sup>335</sup> E, ainda, que esta polêmica teve forte repercussão em Porto Alegre, onde os articulistas e o editorialista, longe do palco dos acontecimentos, demonstraram familiaridade com este tipo de argumento.

Podemos perceber, também, que no editorial, ao defender o espiritismo da acusação de danos ao psiquismo, Paulo Hecker ironizou o saber científico que os médicos se outorgavam e aproveitou a oportunidade para apontar para os requisitos envolvidos nas experimentações com os fenômenos espíritas. Não era possível, segundo o autor, reproduzi-las à semelhança da ciência que os médicos intitulavam-se representantes, como se faz, por exemplo, em química ou física. Dado que o fenômeno psíquico era por sua natureza fugidia, e que, fundamentalmente, dependia das pré-disposições e vontades dos médiuns e dos espíritos, constituindo-se mais numa ciência da observação, apontando para os elementos que caracterizavam a singularidade das experimentações espíritas. Entretanto, o texto termina com um tom de recomendação, e apelando para a ciência como um denominador comum entre médicos e espíritas, como que buscando a dissipar conflitos. Uma postura coerente com a argumentação do próprio Paulo Hecker e dos demais articulistas do *Jornal Espírita*, que buscavam a todo o momento reforçar a filiação científica do espiritismo. Podemos inferir que a questão dos médicos cariocas que repercutiu nas páginas do *Jornal Espírita*, permitiu a Paulo Hecker reforçar as representações do espiritismo como uma ciência com métodos e condições próprias, mas uma ciência como as outras ciências. Neste sentido, se tomarmos a imprensa como um meio através do qual podemos analisar as representações sobre o real, e que é através das representações que damos sentidos ao mundo,<sup>336</sup> a abordagem que Paulo Hecker buscou enfatizar nos editoriais a percepção de que o Espiritismo se constituía de fato numa ciência com métodos próprios, no amplo leque das ciências; e que buscando legitimá-la,

---

<sup>334</sup> As suas elogiosas homenagens de Mariano Rango D’Aragona a atuação do Gal. Araripe de Farias - que saíra em defesa dos espíritas contra os médicos cariocas - deu mostras da participação ativa dos militares no movimento espírita, como sugerimos em outro momento desta dissertação.

<sup>335</sup> GIUMBELLI, Emerson. O Cuidado dos Mortos. Uma História da Condenação e legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997. p. 90 – 98.

<sup>336</sup> PESAVENTO, Sandra. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 17 e 40.

ênfatiou sua singularidade, ao lidar com novos objetos, mas que estes, no entanto, não comprometiam sua cientificidade.

Um destes elementos, que compunham as pré-condições para realização das experiências, residia numa questão não menos polêmica – principalmente em se tratando de um conhecimento que se quer científico -, a da moralidade do experimentador. Paulo Hecker não a desenvolveu, mas ela apareceu em outros articulistas, que ênfaticavam também, um tema caro ao proprietário do jornal, o da formação dos experimentadores.

Um destes articulistas, chamado Paulo, se expressou do seguinte modo, ao referir-se a prática do Espiritismo.

Vamos, hoje, além, e declaramos de modo formal, pensando bem a nossa responsabilidade perante os dois mundos, que é preferível absterem-se de sessões a realizarem-nas fora das **regras científicas** aconselhadas pelos mestres, e sem um **ambiente moral próprio**. [grifos nossos]<sup>337</sup>

Em artigo anterior, este mesmo articulista, tratando, também, da prática espírita, referiu-se à formação daqueles que irão se dedicar as experimentações que envolvem o fenômeno espírita.

Fenômeno algum, **mesmo no terreno da física**, pode ser conseguido, sem que **se preencham as condições científicas** para o seu implemento. **Assim também, sob o ponto de vista do espiritismo, para que o fenômeno de reproduza**, [grifos nossos] é mister que as regras estabelecidas pela doutrina, sejam postas em execução.

(...) É o que fazemos hoje, opinamos que a direção de trabalhos transcendentais, onde se lida com a complexa máquina medianímica que é obra divina e não do homem, não possa ser confiada aos não iniciados que, além disso, ignoram as leis básicas do **espiritismo científico**.<sup>338</sup>

No primeiro trecho podemos identificar um tema bastante delicado para a defesa das experimentações realizadas pelos espíritas. Trata-se da questão do ambiente moral próprio para realização dos estudos sobre os fenômenos espíritas, ou mais especificamente, a atitude moral dos participantes ou pesquisadores. Uma condição que *a priori* estava fora das cogitações de natureza puramente científicas. No entanto, surgia como fundamental, sem a qual os fenômenos físicos – principalmente os de materialização – classificados por Allan Kardec, como de origem mediúnica, poderiam não se viabilizar. Um requisito – a moralidade do observador -, se não era regra absoluta, constituía um fator bastante importante, como afirmou Conan Doyle, ao tecer considerações sobre os resultados obtidos com as experiências de materialização.

<sup>337</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 16.05.1933, Ano: XV, nº 10, p. 10

<sup>338</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 01.10.1931, Ano: XIII, nº 17, p. 02

Arthur Conan Doyle referiu que havia uma regra de ouro para o sucesso destas experiências, era preciso uma atmosfera de amor e simpatia, para que se realizasse o fenômeno espírita das materializações, e transcreveu um artigo de fundo do *The Spiritualist* para sustentar a sua afirmação:

A influência do estado espiritual dos observadores encontra uma expressão ótica nas sessões de materialização. A gente mundana e suspeitosa consegue as manifestações mais fracas; então os Espíritos por vezes têm apenas uma expressão, como de costume, quando a força é fraca.(...)

A gente espírita, em cuja presença os médiuns se sentem muito felizes, vêm muito mais e melhor manifestações...Conquanto os fenômenos espíritas sejam regidos por leis fixas, aquelas leis funcionam de certa maneira na prática que, inquestionavelmente, o Espiritismo assume mais caráter de uma relação especial para gente escolhida.<sup>339</sup>

Observamos que questão da moralidade do observador era considerada, segundo o articulista, um componente importante para realização e sucesso das experiências com os fenômenos espíritas, à semelhança do texto de Paulo Hecker, onde o diretor do *Jornal Espírita* enfatizava a necessidade da pré-disposição do experimentador como condição fundamental para a realização das pesquisas em torno dos fenômenos espíritas. Uma exigência que acreditamos marca um traço distintivo e singular do Espiritismo, e também nada pacífico, para aqueles que procuram reafirmar o *status* científico do seu conhecimento em meio ao conjunto das demais ciências, principalmente, a partir das constantes referências à física. Dado que era uma condição que tinha sido motivo para inúmeras ironias nos meios científicos,<sup>340</sup> e que, no entanto, era retomada pelo articulista do *Jornal Espírita*, na década de 1930, como fundamental para a realização dos fenômenos psíquicos.

Contudo, o articulista, seguindo os mesmos argumentos de muitos dos colaboradores do *Jornal Espírita*, tomou a física – uma ciência cujos métodos não se coadunam com exigências de ordem moral - como parâmetro de comparação para as pesquisas espíritas; enfatizando, inclusive, a necessidade da formação sólida daqueles que irão dedicar-se as estas experiências, que incluiria o conhecimento das leis básicas do espiritismo científico, a semelhança do experimentador que nas pesquisas sobre física tem de conhecer as leis que regem os fenômenos. Argumento que foi acompanhado pelo editor e proprietário do *Jornal Espírita* quando tratou da mesma questão em editorial. Segundo Paulo Hecker,

<sup>339</sup> DOYLE, Arthur Conan. *História do Espiritismo*. Trad. Júlio Abreu Filho. São Paulo: Editora Pensamento, s/d. p. 340-341.

<sup>340</sup> Op. Cit. p. 341.

A Terceira Revelação [Espiritismo] tem uma face científica, que é de grande monta, e que exige se quem pretenda fazer-se adepto consciente seu, um grande esforço de estudo, aprendizado e prática para ser ensinada. Não se fica jurista, matemático, terapeuta, gramático ou geólogo, através de uma resolução, por mais honesta e sincera que seja. É preço indispensavelmente que se estude, e em alta dose, a fim de poder vir a preencher as condições para chegar a ser um propagador desta ou daquela ciência, ou elemento combativo de doutrinas religiosas ou filosóficas.<sup>341</sup>

As diferenças metodológicas que marcam a singularidade do Espiritismo em relação à ciência tradicional, mas que, no entanto, não deixaram de apresentá-lo como um conhecimento científico, reforçando seus laços através de comparações com a física e as ciências exatas, encontraram uma descrição detalhada no artigo intitulado *O descobrimento científico do mundo espiritual*, em Lorenzo Picó, de 1935.

Nas breves excursões mentais por caminhos ou vias que pareciam conduzir ao descobrimento científico do mundo espiritual, chegamos à convicção da impossibilidade de consegui-lo valendo-nos somente de nossas faculdades normais e supranormais, se é que, como é lógico, pensa-se em satisfazer o rigor científico, que exige a evidencia. (...) Sem embargo, de nenhum modo pode isto significar que nossas faculdades não devam ou não possam intervir nesta magna tarefa de descobrir as realidades ultra-sensíveis situadas além dos limites naturais que as condicionam. Pelo contrario, é preciso neste aspecto estranho de tais atividades, neste linde fronteiro de nossas percepções, que a razão e a lógica devam dar o seu maior rendimento, porque nenhum outro campo das atividades mentais são tão necessários a **sutileza analítica, a penetração reflexiva e a retidão de critério, do que no distinguir, descobrir e valorizar as realidades imponderáveis do mundo ultra-sensível.** Porque nesse mundo dinâmico, onde tudo está em constante movimento, mas que não obstante isto, nada pode alterar seus princípios eternos, é mais que provável que o investigador não encontre em nenhum dos conceitos que expressam as manifestações da vida em nosso mundo, o que se coadune com aquelas realidades. **E seria inútil pretender-se que respondam de acordo com os seus cálculos e previsões.** Essa nossa suspeita fica confirmada pelo fato geral que caracteriza as manifestações do mundo ultra-sensível em nosso meio: - **Toda exteriorização daquele mundo entre nós singulariza-se por seu caráter espontâneo.** (...) **Isto indica claramente que é o investigador quem se deve submeter às exigências rigorosas desse mundo e não este, as nossas normas e procedimentos por muito necessários que nos pareçam, pois é coisa provada que nossas medidas não se ajustam ao ritmo cambiante e atropelado daquela vida.** Vários experimentadores de renome e entre eles o próprio Richet, terminaram por declarar que o **excessivo rigor no controle, e a pretensão de que os fenômenos mediúnicos respondam de algum modo ao que previamente se possa supor, acabam sempre por anular as capacidades que tornam possível os fenômenos desta natureza.** [grifos nossos](...)

Essas circunstâncias de tão grande transcendência para o conhecimento, fazem do médium o fator primordial em tais pesquisas, já que a existência de

<sup>341</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 16.03.1935, Ano: XVII, nº 05 e 06, p. 01

todo o fenômeno é devida a ele. Pois bem; estabelecido que só por meio da **Revelação pode o homem chegar a saber o que está além de suas possibilidades sensoriais** [grifo nosso] e, portanto, de sua razão, não resta ao cientista investigador do mundo espiritual outro recurso viável senão valer-se do médium.(...)

Com tudo isto, fica esclarecido que se o cientista pretender descobrir o mundo espiritual, será mister que não seja só um homem de ciência, mas, e sobretudo, uma criatura simples, inteligente e profundamente humanitária.<sup>342</sup>

Deste longo artigo do qual extraímos apenas os trechos mais significativos, podemos perceber pontos já trabalhados por outros articulistas, e em especial, por Paulo Hecker, como a impossibilidade da reprodução dos fenômenos segundo a vontade do pesquisador e a inadequação das experimentações espíritas aos modelos matemáticos. Lorenzo Picó, no entanto, introduziu um novo elemento, que segundo o articulista, era devido à natureza dos fenômenos espíritas e da própria vida no mundo espiritual – *cambiante e atropelada* -, o da revelação como forma de conhecer a realidade espiritual. As dificuldades impostas pelos nossos sentidos físicos na apreensão destes fenômenos somente podem ser superadas se nos sujeitarmos à espontaneidade de sua manifestação, não cabendo ao observador submetê-los as suas regras, mas sim adequar-se as regras que regem a vida espiritual e sua exteriorização. Por esta razão a revelação era meio através do qual ele – o mundo espiritual – podia dar-se a conhecer. E o agente da revelação, o médium, ocuparia neste processo um papel fundamental, dado que sem ele o fenômeno não se produziria. Lourenço Picó, entretanto, não dirigiu estas recomendações aos adeptos de modo geral, - onde o conceito de revelação, não seria de todo estranho -, mas aos homens de ciência, numa clara afirmação da cientificidade do Espiritismo, dado que o texto procurava explicar as regras para a obtenção dos fenômenos espíritas àqueles que cientificamente iriam investigá-los. A revelação como meio de conhecer a realidade espiritual introduzia um componente religioso nas investigações de natureza científica, mas que, no entanto, não fez o articulista situar-se fora do campo científico, ao contrário, procurou construir um roteiro de pesquisa, que segundo ele, era eminentemente científico. cremos que as especificidades das pesquisas com os fenômenos espíritas enumeradas pelo articulista neste período, serviram as suas intenções de conformá-los dentro de parâmetros de cientificidade e de valorização do conhecimento científico. Posteriormente esta busca da validação científica das pesquisas espíritas, daria lugar ao que Bernardo Lewgoy, denomina de demarcacionismo, ou seja, a desvalorização religiosa da dimensão material, que redundou numa partilha dos domínios material/científico e religioso/espiritual, onde a explicação científica aparece como

---

<sup>342</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 16.02.1938, Ano: XX, nº 03 e 04, p. 02

revelação, e não como experimento e prova.<sup>343</sup> No entanto, no período em questão – década de 1930 - percebemos uma busca constante pela chancela do conhecimento científico ao Espiritismo, por meio da incorporação da metapsíquica, como reafirmação da cientificidade do Espiritismo e das orientações sobre a metodologia envolvida nas pesquisas espíritas, e mesmo através da crítica aos preconceitos acadêmicos, expressos naquilo que denominamos de ataque aos cientistas.

Podemos perceber, ainda, que a questão das diferenças metodológicas impostas para apreensão dos fenômenos psíquicos era um tema recorrente nos artigos de Lourenço Picó. No trecho transcrito abaixo, ele as atribui a natureza do mundo psíquico, que constituído de fluidos, - a semelhança do fluído elétrico – não pode ser percebido somente pelo uso dos sentidos.

Para a física moderna, e especialmente para a metapsíquica, a existência do mundo ultra-sensível é uma realidade rigorosa como a que os nossos olhos vêem. Este mundo principia onde os nossos sentidos perdem a eficácia perceptiva, e onde a Tónica vibrante, deles ao chegar ao fim da própria ondeada trajetória dá sua última latência vital.

O mesmo acontece aos habitantes desse mundo no qual, a diafaneidade de seus constitutivos, impede-os de transpor o limbo espectral que nos separa.(...)

É preciso, pois, procurar a causa em outro campo que não seja a puramente material. Se a estrutura desse mundo apresenta as características inversas ao nosso, não o deve ser pela constituição Elemental, mas porque não se trata de um meio vital estático e sim, imponderável e diáfano.

Pois bem, é sabido que os elementos desta ordem são precisamente a causa imediata dos **fenômenos elétricos, magnéticos, caloríficos, luminosos, etc.,...** todos eles invisíveis, escapam totalmente à longitude da onda dos nossos sentidos; escapam, dizemos, mas não no ponto de vista da distancia, como o demonstram os fenômenos elétricos cujo fluído não corre pelo condutor mas que se propaga, como todo elemento de natureza fluídica.

**Convém anotar aqui que estas características da matéria imponderável tem uma semelhança notória com a chamada força psíquica,**[grifos nossos] a qual nos fatos supranormais de objetivação, da origem a uma série de fenômenos luminosos, de movimento de objetos sem contato, telepáticos, telepsíquicos, etc., com o dinamismo psíquico propulsor de todos os fenômenos de ordem interior, em suma: como o elemento vitalizante da vida subjetiva.<sup>344</sup>

Neste artigo intitulado *Sobre a natureza e condições do mundo ultra-sensível*, Lourenço Picó comparou os fenômenos elétricos, magnéticos, caloríficos e luminosos e a força psíquica, responsável pela realização dos fenômenos espíritas. Nele defendeu a idéia de

<sup>343</sup> LEWGOY, Bernardo. Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista. Antigas e novas configurações. *Civitas*, Porto Alegre, v. 6, n.2, jul.-dez. 2006, p.162.

<sup>344</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 16.06.1939, Ano: XXI, nº 11 e 12, p. 03.

que o agente destes fenômenos físicos – de composição fluídica- era invisível aos nossos sentidos, assim como os agentes dos fenômenos espirituais. Esta explicação não era estranha a Allan Kardec, que ao se referir ao mundo espiritual afirmava que sua natureza era de constituição fluídica, e que ela escapava aos nossos sentidos materiais.

Os elementos fluídicos do mundo espiritual escapam aos nossos instrumentos de análise e à percepção dos nossos sentidos, feitos para perceberem a matéria tangível e não a matéria etérea. Alguns há, pertencentes a um meio diversos a tal ponto do nosso, que deles só podemos fazer idéia mediante comparações tão imperfeitas como aquelas mediante as quais um cego de nascença procura fazer idéia da teoria das cores.<sup>345</sup>

Argumento que foi retomado por Allan Kardec, inúmeras vezes, como por exemplo, ao definir a constituição fluídica do perispírito:

O perispírito é o laço que une o espírito a matéria do corpo, sendo tirado do meio ambiente, do fluido cósmico universal; contém ao mesmo tempo, eletricidade, fluido magnético e, até certo ponto, a matéria inerte.<sup>346</sup>

Entretanto, a concepção de que os fluidos, entre eles a eletricidade e o magnetismo poderiam explicar uma série de fenômenos - como os fenômenos espíritas e a natureza do mundo espiritual de Allan Kardec -, tiveram suas origens na atmosfera científica do século XVIII. Neste século, que segundo Robert Darton, a ciência revelava que os homens viviam cercados de forças invisíveis e maravilhosas, tal como, a eletricidade, que excitava a imaginação, e era responsável, mesmo sendo um agente invisível, por uma série de efeitos visíveis<sup>347</sup>. Período no qual Franz Anton Mesmer (1734-1815), descobridor daquilo que chamou de magnetismo animal, procurava explicar em termos científicos aos parisienses a ação do fluido magnético no restabelecimento da saúde dos indivíduos.<sup>348</sup> Um fluido que escapava a apreensão dos sentidos, mas cuja ação vitalizante era considerada inquestionável por seus seguidores, e que era explicado por eles como produto das recentes descobertas científicas.<sup>349</sup>

---

<sup>345</sup> **KARDEC**, Allan. *A Gênese. Os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. (Tradução de Guillon Ribeiro.) Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1985. p. 275.

<sup>346</sup> **KARDEC**, Allan. *O Livro dos Espíritos*. (Tradução de Salvador Gentile). São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1985. p. 140

<sup>347</sup> **DARTON**, Robert. *O lado oculto da revolução: Mesmer e o final do Iluminismo na França*. (Tradução Denise Bottmann). São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 23.

<sup>348</sup> **FIGUEIREDO**, Paulo Henrique de. *Mesmer, a ciência negada e os textos escondidos*. (Tradução do francês dos textos de Mesmer de Álvaro Glerean). Bragança Paulista, SP: Lachâtre, 2005. p. 77 -80

<sup>349</sup> **DARTON**, Op. Cit. p. 42.

Ao analisarmos este artigo de Lourenço Picó, podemos perceber traços de continuidade de um discurso que remonta ao século XVIII, passando por Allan Kardec, que buscava explicar as dificuldades na apreensão dos fenômenos espíritas, a partir da concepção de um fluido que escapa aos nossos sentidos, invisível como agente, mas visível nos seus efeitos, como no transporte de objetos sem contato, telepatia; que a semelhança dos fenômenos físicos, estes fenômenos espirituais, não eram perceptíveis aos sentidos, mas comprovavam a realidade do mundo espiritual, dentro de parâmetros de um discurso que se quer científico.

Um último elemento evocado pelos articulistas do *Jornal Espírita* para marcar a singularidade da doutrina espírita, remete-nos a concepção de que o Espiritismo, a despeito de seu método científico e de sua filiação ao conjunto das demais ciências, como a física, propunha a conjugação da fé e da ciência.

Neste artigo de Carlos Fuhro podemos perceber que a ênfase do colaborador do jornal estava focada em apresentar o Espiritismo como religião e ciência,

O ESPIRITISMO é simultaneamente CIÊNCIA e RELIGIÃO, isto é, CIÊNCIA RELIGIOSA ou RELIGIÃO CIENTÍFICA, alicerçada em fenômenos NATURAIS, acessíveis á observação e ao raciocínio, fenômenos naturais, repito, por cujo meio, como ocorre com todos os demais fenômenos cósmicos, DEUS se revela à humanidade, fornecendo a esta, a chave do enigma do Universo e da Vida, que é o ESPÍRITO [maiúsculas no origina].<sup>350</sup>

Nele as palavras espiritismo, ciência e religião - grafadas pelo articulista em maiúsculo -, compõem a tríade, que foi repedida, várias vezes, em outros editoriais e artigos, para enfatizar a natureza singular da doutrina espírita, definida pelo articulista como simultaneamente ciência e religião. Não era, sem dúvida, uma definição destoante da própria conceituação dada por Allan Kardec, que a entendia como ciência e doutrina filosófica, cabendo “a filosofia todas as conseqüências morais derivadas das relações com os espíritos.”<sup>351</sup> No entanto, o Espiritismo, tal como apresentado pelo articulista, suprimia o destaque a filosofia, e acentuava a face científica e religiosa( ou moral). Isto se justifica, provavelmente, pela conformação histórica do espiritismo no Brasil, onde os grupos se aglutinavam em torno das abordagens científicas e religiosas, em detrimento dos grupos mais voltados à face filosófica da doutrina, chamados de espiritistas puros, que não eram nem

<sup>350</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 16.06.1939, Ano: XXI, nº 11 e 12, p.05.

<sup>351</sup> KARDEC, Allan. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1998.

científicos e nem místicos.<sup>352</sup> Outra explicação, bastante viável, para ênfase na ciência e na religião como definidoras da doutrina espírita reside no anseio antigo entre as camadas mais intelectualizadas da população brasileira, de através do pensamento científico, estudar e investigar os fenômenos mediúnicos, rejeitando os dogmas católicos, incompatíveis com as aspirações intelectuais de parte da população urbana,<sup>353</sup> da qual faziam parte os colaboradores do *Jornal Espírita*.

Ao tomarmos o *Jornal Espírita* - periódico para o qual contribuía parte significativa dos intelectuais espíritas gaúchos, como Carlos Fuhro -, podemos notar a ênfase histórica neste tipo de concepção que apresentava o espiritismo como capaz de realizar a conjugação da ciência e da fé. Expressões como *ciência religiosa* ou *religião científica* aparecem associadas à idéia de fenômenos naturais, fenômenos que acessíveis à observação, formariam a base do Espiritismo, não deixando dúvidas ao leitor que se tratava de um conhecimento de origem científica. Através da imprensa – especificamente através do *Jornal Espírita* - o articulista procura interferir na leitura que público deveria fazer do espiritismo, ou seja, buscava apresentá-lo como simultaneamente ciência e religião.

Não foram poucos os articulistas do jornal que enfatizavam e acentuavam o viés científico do espiritismo, ao destacar seu caráter duplo, de ciência e religião. A exemplo do artigo de Carlos Fuhro, Carlos Imbassahy, apresentou o Espiritismo como um corpo doutrinário, de fundo religioso, cujo conhecimento era adquirido pelos processos da ciência. Fazendo cair o destaque no aspecto científico da doutrina, mesmo quando apontava para as conotações de ordem moral e religiosa do Espiritismo.

Firmando-a, unicamente, em seu aspecto religioso, ainda que esse aspecto seja o cristão, que é o mais simpático de quantos aspectos religiosos conhecemos, arriscamo-nos a formar uma religião a mais entre as muitas religiões que já existem; e, dadas as nossas tendências, fácil é enveredarmos pelos erros de todos os tempos e de todas as raças. Eliminada a experiência, posta a margem a lição dos fatos, abandonados os princípios estabelecidos pelos reveladores, para que tenhamos como indubitável a revelação, escorregaremos, a breve trecho, para a infalibilidade dos textos escriturísticos, percalços sempre difíceis de remover, e que o entendimento humano encontra por diante, impedindo-lhe a marcha, manietando-lhe os surtos, obstando-lhe o progresso.

Bem sabemos a razão de nossas inclinações para o misticismo exagerado. Vivemos de um passado de fanatismo. Ativemo-nos, pelos séculos em fora, às ordenações eclesiásticas. Escravizamo-nos aos cânones, aos pontos de fé,

<sup>352</sup> ARRIBAS, Célia da Graça. Espíritas e católicos: os “adversários cúmplices” na formação do campo religioso brasileiro. *Debates do NER*, Porto Alegre, Ano: 10, nº 15, jun. 2009, p. 26.

<sup>353</sup> CAMARGO, Cândido Procópio F. de Camargo. *Católicos, protestantes, espíritas*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1973. p. 163.

as prescrições, aos versículos...Vivemos num ambiente de sacristia, e o habito do dogmatismo arrasta-nos, por declives atávicos, por pendores ancestrais, a dogmatização.

No dia em que o desprezo científico [no original] se erigir, como norma, entre os que estão a testa da doutrina, ela perderá a sua base, a base capaz e única de trazer a convicção a todos.(...)

Assim, só os fatos, pela sua segurança e pela sua uniformidade, podem ser os meios mais seguros de convicção. (...).<sup>354</sup>

Neste artigo, podemos perceber que o temor de Carlos Imbassahy, de que se infiltrassem rituais e práticas exteriores na doutrina espírita, fez com que o articulista descolasse o destaque para a face científica do Espiritismo. Para fazer oposição àquilo que ele chamava de *pendores ancestrais a dogmatização religiosa, ao misticismo, e aos pontos de fé*, era preciso fazer recair sobre os fatos a base do Espiritismo. A argumentação deste colaborador do jornal - considerado um dos mais destacados defensores da propaganda científica Espiritismo - enfatizava esta tendência mais ampla, percebida em todos os articulistas do *Jornal Espírita*, de apresentar o Espiritismo, como um conhecimento singular, capaz de estabelecer esta ponte entre o espiritualismo e o materialismo, que pretendia dar bases científicas para o estudo da metafísica, recuperando a fé humana esvaziada pelo puro materialismo.<sup>355</sup>

Em síntese, nestes artigos e editoriais analisados, que formam a subcategoria que denominamos de singularidade da doutrina espírita, procuramos recuperar os elementos que constituíam um forte elemento de representação do Espiritismo. Uma ciência que segundo os articulistas, se enquadrava no rol das demais ciências, mas que tinha um método próprio, exigências de formação compatíveis com homens de ciência, e onde a moralidade assumia um papel importante para o sucesso das experimentações. Uma ciência que buscava referência na física, mesmo que introduzisse elementos como revelação e conciliação com a fé, nas suas definições e propostas. “Posto que entendia que o mundo físico e espiritual são partes distintas de uma mesma coisa; e que a vida, que é única, tem duas fases a física ou a física ou espiritual”<sup>356</sup>. Ambas sujeitas a análises e experimentações.

### 3.3 O ESPIRITISMO COMO HERDEIRO DA TRADIÇÃO CIENTÍFICA

<sup>354</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 01.10.1935, Ano: XVII, nº 19, p. 01.

<sup>355</sup> **INCONTRI**, Dora. Personagens e lideranças espíritas do Brasil-Império ao Brasil-República. A recuperação de um diálogo histórico. 2008. p. 05. Disponível em: <http://pedagogiaespírita.org.br/texto/13htm>.

<sup>356</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 16.06.1931, Ano: XIII, nº 10, p. 01.

Nesta última seção da dissertação, correspondente a 32% do total de textos da categoria **O Espiritismo identificado com a ciência**, reunimos os artigos e editoriais que tratam do **Espiritismo a partir da sua inserção na história da ciência**. Os textos selecionados refletem, via de regra, a tentativa dos articulistas de construir uma abordagem que privilegiasse sua vinculação a renomados cientistas e a momentos de mudanças paradigmáticas na ciência. E deste modo que Newton será comparado a Kardec, pois tanto um quanto o outro revolucionaram a ciência. Nesta comparação o Espiritismo há seu tempo fez o que a mecânica de Isaac Newton fez na física, revelou leis antes ignoradas, mas agora aplicadas ao mundo espiritual ou metafísico. Nesta espécie de linha de tempo da história da ciência, Allan Kardec – e o Espiritismo - se enquadraria numa genealogia que remonta ao século XVI, e que inclui nomes como de Copérnico, Galileu e Kepler. Todos teriam enfrentado como o codificador da doutrina dos espíritos, resistências e incompreensões em nome da ciência e dos avanços científicos. Mas haviam vencido as limitações do seu tempo, e firmado as bases do conhecimento científico. Nesta perspectiva o Espiritismo era um conhecimento moderno, herdeiro de uma tradição científica, que firmava novas bases para a pesquisa científica, mas agora para além dos limites da física e dos sentidos. Em nome desta matriz comum, entre o Espiritismo e a ciência, e que os espíritas reafirmam sua cientificidade. Um conhecimento científico, que para os articulistas, estava repleto de nomes de prestígio, e que afirmavam a realidade dos fenômenos espíritas, colocando os espíritas na vanguarda do terreno científico.

Para começar nossa análise escolhemos um artigo de Lorenzo Picó, bastante significativo, para pensarmos a questão de como os espíritas se inseriam no contexto mais amplo de produção de conhecimento científico. Nele os espíritas eram apresentados como os modernos entre os modernos, em meio a uma referência crítica a própria ciência.

Para nós, **modernos entre os modernos**, essa audácia filosófica dos que reconhecem “a priori” a necessidade do espírito humano chegar a verdade prescindindo do absoluto, mesmo com a “**ciência moderna**”, é algo que não tem mais valor que o de um conjunto de palavras sem sentido. A ciência moderna, a ciência de todos os tempos não será ciência se não tiver por finalidade descobrir as realidades do universo; e se a razão se empenha em não reconhecer, simplesmente porque não a pode explicar nem definir, porque ela só compreende com suficiência o que o homem percebe pelas vias sensoriais, o mundo para o qual tem sido criada e onde se exerce.<sup>357</sup>

---

<sup>357</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 16.05.1936, Ano: XVIII, nº 10, p. 04

Neste texto o articulista procurou apresentar a doutrina espírita como capaz de conjugar a ciência e a fé, superando as limitações da ciência moderna, que excluía *a priori* a idéia de qualquer especulação metafísica. Um argumento recorrente nos artigos e editoriais do *Jornal Espírita*, que pudemos verificar na seção anterior, na qual tratamos da singularidade da doutrina espírita. Neste artigo, no entanto, foi introduzido um novo elemento para explicar o representavam as pesquisas científicas em torno dos fenômenos espíritas, no contexto maior das ciências. A ciência como um todo, e a ciência moderna, em particular, encontrava diante das experiências com os fenômenos espíritas, uma ampliação do seu campo de investigações, cujos resultados provavam a realidade espiritual e propiciavam à ciência a reintegração da idéia de um ser absoluto – Deus- aos seus domínios, há muito relegado pelo materialismo.

Neste artigo de Lorenzo Picó percebemos, ainda, que o conceito de modernidade, surge como um fator identitário, dado que a modernidade era apresentada como uma auto-definição pelo próprio articulista, ao apresentar os espíritas e a ele mesmo, como os modernos entre os modernos, uma identidade “construída em torno de elementos de positividade, que agreguem as pessoas em torno de atributos e características valorizados, que rendam reconhecimento social a seus detentores.”<sup>358</sup> Estas referências a modernidade como definidora, segundo o articulista, da ciência espírita e dos próprios espíritas, nos permitem explorar, também, o contexto histórico no qual viveram e escreveram os colaboradores do *Jornal Espírita*, marcado pela busca e implementação de padrões de modernização e de modernidade, sendo o conceito de modernidade entendido como um certo clima que resulta das transformações econômicas, políticas e sociais e a sua elaboração simbólica.<sup>359</sup> E o de modernização como propriamente os processos relativos a formação de capital, mobilização de recursos, ao desenvolvimento das forças produtivas, além do desenvolvimento das formas de vida urbana, educação formal e secularização de valores e normas.<sup>360</sup>

Ao tomarmos o termo moderno, a auto-definição proposta pelo articulista do jornal para os espíritas, podemos explorar esta conjuntura histórica no qual os espíritas estavam inseridos e as tentativas de associarem a idéia de modernidade em vários de seus discursos. No Rio de Janeiro, por exemplo, a tese do médico Brasília Marcondes Machado, intitulada *Contribuição ao estudo da Psiquiatria (Espiritismo e Metapsiquismo)*, apresentada à Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, em 1922, a idéia central era de provar pelos

<sup>358</sup> PESAVENTO, Sandra. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 91

<sup>359</sup> BULHÕES, Maria Amélia. Saudáveis oportunismos ou reflexões sobre a modernidade e pós-modernidade na América Latina. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, vol. XXVI, nº 2, p. 152, dezembro 2000.

<sup>360</sup> Op. Cit. p. 152

mesmos postulados da medicina materialista os fundamentos do espiritismo, como a sobrevivência da alma e a comunicação entre vivos e mortos, ao mesmo tempo, que pelo embasamento racional e pela experiência procurava aprofundar a representação do espiritismo como uma doutrina aparentada com a modernidade.<sup>361</sup>

Bernardo Lewgoy a se referir ao espiritismo ao longo do século XX, e as transformações por ele sofridas, aponta-o como portador de certo modernismo cientificista, meritocrático e nacionalista.<sup>362</sup> Uma análise semelhante encontramos Emerson Giumbelli que identifica no final do século 19 e primeiras décadas do século XX, devido às perseguições infringidas aos espíritas pelas autoridades sanitárias e policiais pelo Código de 1890, uma crescente distinção, entre os grupos ligados ao espiritismo e aqueles associados à umbanda, candomblé e as práticas mágicas, então consideradas de “baixo espiritismo”. O discurso dos intelectuais e dirigentes espíritas neste momento de repressão procurou reforçar a concepção de que o que faziam era o bem, a caridade e que tinham bases também científicas. Discurso reforçado pela própria Federação Espírita Brasileira (FEB), quando procurou, pela imprensa, fazer uma distinção entre o falso e o verdadeiro Espiritismo.<sup>363</sup> Acreditamos que esta postura dos grupos espírita, do Rio de Janeiro, não visava somente à sua defesa, mas aliava-se ao combate aquilo que os espíritas consideravam superstição e credence popular, no claro objetivo, de se apresentar como conhecimento científico e moderno. E que, também, este discurso não estava somente restrito ao Rio de Janeiro e a São Paulo, mas era compartilhado por espíritas de outras regiões do país, como em Porto Alegre, onde Lorenzo Picó auto-intitulava os espíritas, como os modernos entre os modernos, e onde a Federação Espírita do Rio Grande do Sul (Fergs) procurava ainda, na década de 1950, em campanha, distinguir os espíritas daqueles que praticavam a cartomancia, sortilégios, adivinhações e mistificavam.<sup>364</sup>

Lourenço Picó escrevia para o *Jornal Espírita* num período - a década de 1930 -, no qual Porto Alegre sofria os reflexos de intervenções de projetos que valorizavam o ideal de modernidade, em consonância, ainda, com um discurso que privilegiava na administração pública as concepções de progresso social e científico, próprias do positivismo.<sup>365</sup> A título de

<sup>361</sup> **ISAIA**, Artur César. *Espiritismo, modernidade e discurso médico-psiquiátrico: a tese de Brasília Marcondes Machado na Faculdade de medicina do Rio de Janeiro*. Comunicação apresentada na reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH), 2006, p. 02. Disponível em: <http://sbph.org/reuniao/26/grupos/Historia-Religiosas-Praticas-Religiosas/>

<sup>362</sup> **LEWGOY**, Bernardo. *O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira*. Bauru, SP: EDUSC, 2004. p. 101

<sup>363</sup> **GIUMBELLI**, Emerson. *O Cuidado dos Mortos*. Uma História da Condenação e legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997. p. 221 e 230.

<sup>364</sup> Revista *A Reencarnação*, Porto Alegre, dezembro de 1971, Ano: XXXVIII, p. 32

<sup>365</sup> **RODRÍGUEZ**, Ricardo Vélez. *Castilhismo: uma filosofia da República - atualidade da doutrina de Julio de Castilhos, no centenário da sua morte*. Coleção Sujeito & perspectiva Vol. 1 p. 32

exemplo podemos considerar o discurso em torno da noção de modernidade que se traduz nas modificações do espaço urbano. O intendente eleito José Montaury de Aguiar Leitão, empossado por Borges de Medeiros, que administrou a cidade de 1897 a 1924, colocou em prática um plano de mudanças do espaço urbano, inspirado pelo debate científico europeu, relativo à higiene e o saneamento. Mesmo que muitas das mudanças não tenham se concretizado, elas refletiam o desejo de matriz republicana e positivista de modernidade e da organização disciplinada do espaço urbano.<sup>366</sup>

No entanto, não foram somente as transformações urbanas, em Porto Alegre, que denotam esta influência do discurso em torno da modernidade. Acreditamos que o discurso sobre a questão da modernidade, transcendeu mesmo as intervenções espaciais, e esteve presente, também, na imprensa espírita que circula, em Porto Alegre, especificamente, em jornais como o de Paulo Hecker, pela sua ênfase no papel da ciência, como definidora do Espiritismo. Esta inferência é corroborada pelo fato de o *Jornal Espírita*, ter sido um meio de divulgação do espiritismo como conhecimento científico, procurando legitimá-lo a partir, principalmente, de categorias como a cientificidade. Acreditamos que a partir do destaque atribuído à cientificidade, os articulistas do *Jornal Espírita* procuram legitimar-se, ao mesmo tempo, em que se constituíam num interlocutor respeitável dentro de um panorama histórico que se quer racional e moderno.

Uma racionalidade e cientificidade cuja referência era a Europa, que inspiravam tanto na organização do espaço urbano, a exemplo das mudanças do espaço urbano de José Montaury, quanto os discursos dos articulistas do *Jornal Espírita*, imbuídos das teorias sociais do século XIX, cujos reflexos se fizeram sentir, como vimos nas referências ao materialismo e ao espiritualismo, e na defesa do Espiritismo como uma doutrina – evolucionista -, capaz de conjugar a ciência e a fé.

No caso específico do Espiritismo ele havia surgido na França da segunda metade do século 19, em meio à segunda fase da revolução industrial, um panorama marcado pelo crescimento urbano, desenvolvimento tecnológico e circulação de doutrinas científicas e sociais, como o socialismo e o anarquismo.<sup>367</sup> Onde a ciência era um símbolo iluminista de maçons, socialistas e espíritas.<sup>368</sup> Uma conjuntura social e econômica responsável, muito

<sup>366</sup> PESAVENTO, op.cit., 1999, p.263, 265 e 270

<sup>367</sup> GIL, Marcelo Freitas. *Trabalhadores, maçonaria e espiritismo em Pelotas: 1877 -1937*, IV Jornada do GT Mundos do Trabalho, outubro de 2007, p. 314 Disponível: [http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/IVJornadaGTMundosdoTrabalho/completos/Marcelo\\_Freitas\\_Gil.pdf](http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/IVJornadaGTMundosdoTrabalho/completos/Marcelo_Freitas_Gil.pdf)

<sup>368</sup> LEWGOY, Bernardo. Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista. Antigas e novas configurações. *Civitas*, Porto Alegre, v. 6, n.2, jul.-dez. 2006, p.157.

provavelmente, pelo acento dado a Allan Kardec ao Espiritismo como um conhecimento científico, como uma ciência que tinha como objeto o mundo metafísico.

No Brasil, do século 19, a introdução do Espiritismo ocorreu num momento em que o país vivia um período de transição para uma sociedade industrial, com profundas transformações de natureza econômica, com a mudança do regime de trabalho, política, com o estabelecimento do regime republicano, e ideológica, com a incorporação das várias teorias sociais, como o liberalismo e positivismo.<sup>369</sup> Mudanças sociais e políticas que se refletiram no movimento espírita brasileiro, que como vimos, assumira no final do século 19, posturas em defesa do republicanismo, da abolição da escravatura e do liberalismo. Mas fundamentalmente o Espiritismo, neste período, estava inserido em um clima intelectual marcado pelo cientificismo, pelas suas promessas e triunfos,<sup>370</sup> por doutrinas e teorias sociais importadas, diante das quais propunha consorciar a ciência e a religião, atendendo as expectativas de grupos de elite e das classes médias, que conseguiam com o Espiritismo, aproximar as explicações das ciências positivas das crenças religiosas. Segundo Silvia Damazio,

Na prática, isto significava a integração de um aspecto fundamental do pensamento moderno a um aspecto fundamental do pensamento tradicional. Acredito que esta integração tenha sido um dos fatores determinantes para a aceitação do Espiritismo por grupos de elite e das camadas médias emergentes, num primeiro momento. Ao adotarem o discurso espírita, esses grupos legitimavam a sua crença em um plano extrafísico e nos seus fenômenos.<sup>371</sup>

Ao tomarmos o *Jornal Espírita*, na década de 1930 - um momento que consideramos, ainda, de difusão das idéias espíritas, principalmente a nível local -, verificamos que este processo que não ficou restrito ao século 19. A categórica auto-definição proposta por Lorenzo Picó, dos espíritas como os modernos entre os modernos, sugere que estes grupos de elite intelectual e de classes médias urbanas, da qual fazem parte os colaboradores do jornal de Paulo Hecker, continuam empolgados e envolvidos em apresentar o Espiritismo como um conhecimento solidamente ancorado na experimentação e no método científico. O que justificava a insistente recuperação de fatos e momentos da história da ciência, posto que era um processo do qual eles eram herdeiros e que se iniciara no século XVI, com Galileu, passando por Isaac Newton até os cientistas europeus da segunda metade do século 19, como

---

<sup>369</sup> DAMAZIO, Sylvia F. *Da Elite ao Povo. Advento e expansão do Espiritismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1994. p. 151.

<sup>370</sup> LEWGOY, .. Op. Cit. p.159.

<sup>371</sup> DAMAZIO, Op. Cit. p. 151.

Willian Crookes, Alfred Russel Wallace – co-inventor da teoria da evolução – e Cesare Lombroso, dentre inúmeros outros.

O artigo transcrito abaixo de Teodoro Doleys não deixa dúvidas sobre esta quase genealogia do Espiritismo, na qual eram incorporados nomes, como o de Copérnico.

Esta [história] começou com a revelação no campo científico do século XVI, cujos médiuns foram as almas predestinadas de Copérnico, Galileu, Giordano Bruno, Kleper e Newton. E a sua realização final vemos no movimento neo-espiritualista,[espírita]iniciado em meados do século passado e de cuja marcha, essência e escopo vai tratar a série de artigos que me propus apresentar aos meus leitores.<sup>372</sup>

O ponto culminante, segundo o articulista, o ápice deste processo que se iniciara no século XVI, com “médiuns” Galileu, passando por Newton, no século XVII, era atingido com o início do neo-espiritualismo e do espiritismo. Allan Kardec nesta interpretação da trajetória do conhecimento científico ocupava um espaço semelhante aquele reservado a Isaac Newton, tanto um quanto outro provocou uma revolução no pensamento científico.

**Newton descobriu a Lei de atração universal, e Kardec codificou a consoladora e deslumbrante Doutrina Espírita**, são exemplos marcantes de duas potencias racionalistas habituadas a observar, deduzir e concluir tirando de pequenos fenômenos, ilações e conseqüências extraordinárias. **Que viu Newton? A queda de uma maçã. Que viu Kardec? Uma pequena mesa movimentada por inteligências do espaço.**[grifos nossos] No entanto, da observação de ambos resultou uma verdadeira revolução no mundo da física e no mundo filosófico, moral e religioso. A luz projetada por esses dois gênios espantou as trevas da ignorância libertando o homem das erros e das superstições, descortinando-lhe vastos e imensos horizontes até então jamais sonhados.<sup>373</sup>

Neste artigo de Vinicius (pseudônimo de Pedro de Camargo), cujo fragmento transcrevemos acima, notamos um tipo de argumento exemplar quanto à filiação científica do Espiritismo. Nele Allan Kardec não somente era inserido numa linha de tempo que remetia a Newton - fazendo do Espiritismo herdeiro de uma tradição científica-, mas era apresentado pelo articulista do *Jornal Espírita* como um novo “Newton”, não um descobridor das leis do mundo físico, mas de leis que regiam o mundo dos espíritos, e que por esta razão teria provocado uma revolução filosófica, moral e religiosa. O articulista realiza mesmo uma reinterpretação da história do conhecimento científico, e identificava o mesmo gênio de Newton em Kardec, o mesmo perfil de cientista revolucionário, que a partir de um

<sup>372</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 16.01.1933, Ano: XV, nº 02, p. 02.

<sup>373</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 16.10.1938, Ano: XX, nº 20, p. 01.

acontecimento fortuito – o movimento das mesas girantes – descobre novas leis, como na célebre e popular história da queda da maçã que teria levado o cientista britânico a investigar as leis que regem a gravitação universal.

Este marco na história da ciência, que era o Espiritismo, segundo outro articulista do jornal, S. M. Lemos, veio num momento em que a ciência assentava solidamente suas bases; surgia na segunda metade do século XIX, em pleno século das luzes.

O espiritismo tem, pois, uma missão elevada a cumprir: a unidade da fé!  
 Esse fenômeno só se podia realizar com uma doutrina que tivesse por base a ciência e por ação o sentimento.  
 Essa doutrina só podia ingressar no nosso mundo, quando o homem possuísse a inteligência esclarecida pela razão e o coração preparado pelo amor.  
 Aqui está porque ela só apareceu no século XIX, cognominado o século das luzes.  
 E ela incontestavelmente é a mais clara luz desse século, porque é a que esclarece as almas e as conduz a verdade que vem do céu.<sup>374</sup>

Neste artigo a narrativa, construída dentro uma perspectiva marcada pela idéia de progresso, assinalava que a marcha acumulativa do conhecimento criara o momento oportuno para o surgimento do Espiritismo. Para confirmar este fato os articulistas reforçavam que os fenômenos espíritas eram estudados por grandes nomes das ciências - principalmente da física e da química -, do século XIX, e que muitos deles após as experimentações, acabavam por concluir pela autenticidade dos fenômenos, e não raro, tornavam-se adeptos do espiritismo.

Este tipo de afirmação era utilizado por inúmeros articulistas, como Alcinda Taborda, que identificava nos testemunhos de William Crookes, Alfred Russel Wallace, Charles Richet e Cesare Lombroso, a base da cientificidade do Espiritismo, todos eles homens da ciência.<sup>375</sup>

Estes testemunhos eram constantemente evocados como um argumento de autoridade científica para validar os fenômenos espíritas. Neste fragmento do artigo de João Maia, transcrito abaixo, além de Cesare Lombroso, conhecido pelos seus estudos de antropologia criminal, William Crookes, e Charles Richet, todos freqüentemente listados como cientistas ligados aos estudos de fenômenos espíritas pelos colaboradores do *Jornal Espírita*, o articulista inclui o nome Charcot, para atestar a autenticidade dos fenômenos de origem espiritual.

<sup>374</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 01.01.1935, Ano: XVII, nº 01, p. 01.

<sup>375</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 01.07.1932, Ano: XIV, nº 12 e 13, p. 03.

Dizer mal do espiritismo, sem maior exame, sistematicamente, é dar prova irregular de necessidade desconcertante.

Como fazê-lo, efetivamente, quando mentalidades do descortino de um Richet, de um Willian Crookes, de um **Charcot**, de um **Lombroso** se apressam em constatar, mediante rigorosa investigação, a existência dos fenômenos de origem espiritualista?<sup>376</sup>

Neste artigo a associação de Jean Martin Charcot (1825-1893) ao estudo destes fenômenos, revela que nesta busca por legitimação científica e por apresentar o Espiritismo ao público como fundamentado na ciência, o articulista se apropriava inclusive de nomes que eram utilizados pelos médicos cariocas, no final do século XIX, como envolvidos com pesquisas eminentemente fisiológicas. Para estes Charcot, o famoso médico e neurologista francês, notabilizado pelos seus estudos sobre a histeria, era evocado como exemplo de uma corrente associada à psicologia fisiológica francesa, que entendia a psicologia como ligada a fisiologia, e não a estudos sobre a alma ou o espírito, mas sim, ligada as pesquisas do sistema nervoso.<sup>377</sup>

O caso de Charcot demonstra que a lista de testemunhos podia ser expandida amplamente, incorporando, inclusive, nomes de cientistas eram utilizados como exemplo de pólos opostos. Acreditamos que intenção de apresentar o Espiritismo como um conhecimento de matriz científica e de vanguarda, e de reforçar sua filiação com uma ancestralidade igualmente científica, justifica os inúmeros nomes citados pelos articulistas, numa cadeia que remonta ao século XVI, passando por nomes da ciência da Europa do século XIX.

No caso dos cientistas italianos apresentados por Mariano Rango D’Aragona, esta situação era ainda mais evidente, dado que a idéia de religião era substituída pela concepção de que o Espiritismo era de natureza moral-científica. Deste artigo, do qual transcrevo abaixo um pequeno trecho, podemos ter a dimensão deste tipo de postura que defende o espiritismo como um conhecimento de vanguarda científica.

Independente da escola kardecista, que teve seu berço na França e a maior expansão no Brasil, o Espiritismo italiano é de cunho “**moral-científico**” [no original]. Um verdadeiro e brilhante estado maior de generais fora do comum, guiou tal movimento **revolucionário**[grifo meu] das criaturas peninsulares, e cito os principais nomes: Damiani, Chiaia, Lombroso, Inoda, Vasallo, Visani, Scozzi, Cavalli, Marzorati, etc., que a nova Itália recordará mais tarde como os ante-sinais da única e racional fé Internacional.(...)<sup>378</sup>

<sup>376</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 01.01.1932, Ano: XIV, nº 01, 01

<sup>377</sup> **GIUMBELLI**, Emerson. *O Cuidado dos Mortos. Uma História da Condenação e legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997. p. 150 -151.

<sup>378</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 01.10.1932, Ano: XIV, nº 19, p.03.

Neste fragmento novamente percebemos a intenção do articulista em apresentar o Espiritismo como um movimento revolucionário. Uma concepção que era mesmo recorrente entre os articulistas do *Jornal Espírita*; como vimos, quando tratamos da enfática afirmação do articulista Vinicius ao comparar Kardec a Newton, ambos revolucionários. A afirmação de Mariano D’Aragona reforçava a idéia de que se tratava de uma revolução científica, mas introduzia um novo elemento, ao identificar no movimento italiano o expoente desta matriz científica do Espiritismo, menos vulnerável do que o brasileiro às idéias religiosas, dada a sua conformação moral-científica. Acreditamos que esta diferenciação entre o espiritismo ligado aquilo que ele chama de escola kardecista – cujo berço era a França e que se expandiu para o Brasil - e o italiano, serviu para enfatizar o espiritismo como uma ciência, ao mesmo tempo em que, demonstrava a continuidade de um discurso do século 19, nos quais os grupos mais intelectualizados buscavam enfatizar a face científica do Espiritismo, em detrimento da sua feição religiosa.<sup>379</sup>

É também recorrente, neste artigo, a incorporação de uma grande lista de cientistas que validavam, depois de rigorosa experimentação, os fenômenos espíritas. Nomes como o já anteriormente citado Cesare Lombroso, professor da Faculdade de Medicina de Turim, que junto a Hércules Chiaia, médico em Nápoles, compôs no século XIX, “A comissão de sábios que se reuniram em Milão, em 1882, para o estudo dos fenômenos espíritas”, publicadas nos *Fatos Espíritas*, editado pela FEB.<sup>380</sup> Nomes de que segundo Mariano D’Aragona atestavam a vanguarda do Espiritismo, especialmente o italiano por sua inclinação científica.

Em resumo, eram inúmeros os artigos do *Jornal Espírita* que faziam referência aos cientistas europeus, como recurso para validar suas pretensões acadêmicas, e todos tinham em comum o mesmo tom, o de que “o espiritualismo experimental empolgava os melhores cientistas do mundo, e que a sua aceitação e divulgação marchava com pés de gigante.”<sup>381</sup> Num momento em que a Europa ainda era um forte modelo de civilização, na mentalidade científicista,<sup>382</sup> estes testemunhos eram evocados como algo ligado ao que havia de moderno nas pesquisas científicas. Um movimento que mobilizava nomes importantes da ciência, e que

<sup>379</sup> É possível que espíritas como Teodoro Doleys e Mariano D’Aragona, pela sua condição de imigrantes, ligados a produção científica de seus países, assumam uma postura mais fortemente científica. Uma hipótese que abre espaço para investigações futuras sobre os diferentes “espiritismos”.

<sup>380</sup> “Fatos Espíritas observados por William Crookes e outros sábios com uma carta dirigida ao tradutor, em fevereiro de 1897, pelo eminente criminalista Cesar Lombroso” Tradução de Oscar D’Argonnel. Rio de Janeiro: FEB, 1971. p. 118

<sup>381</sup> *Jornal Espírita*, Porto Alegre, 01.06.1933, Ano: XV, nº 11, p. 01

<sup>382</sup> SOARES, Rogers Teixeira. *Ciência e Progresso na Cosmologia Espírita*, 2007. Disponível em: <http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/CPCE.pdf>. p. 09.

havia provocado uma revolução nas pesquisas científicas. Apesar das críticas, o espiritismo era apresentado como conhecimento moderno e revolucionário, herdeiro de toda uma tradição científica, que vinha desde o século XVI, e compatível com o momento histórico – década de 1930 -, no qual Getúlio Vargas surgia, conforme Mariano Rango D’Aragona, como promotor da transformação econômica e industrial do país, e era apresentado por como o homem “moderno” e “revolucionário”.

Vem, Getúlio Vargas, Presidente dos Estados Unidos do Brasil, de uma incubação política de sete anos, que não deixava realmente ver o ‘outro homem’, o moderníssimo. (...)

Sete anos atrás este homem apareceu como um revolucionário, contra os governos de parcialidades que se transmitiam o poder de casta em casta, insensíveis ao progresso moral, econômico e industrial da nação.<sup>383</sup>

---

<sup>383</sup> *Jornal Espírita* Ano: XX nº02 Porto Alegre 16. 01.1938. p. 03

## CONCLUSÃO

A pesquisa histórica sobre o movimento espírita gaúcho, especialmente a atividade dos espíritas, em Porto Alegre, no final do século 19 e nas primeiras décadas do século 20, é, ainda, em grande medida um campo inexplorado. Nesta dissertação o que procuramos foi recuperar parte desta trajetória, tomando como fonte/objeto de investigação o *Jornal Espírita* de Paulo Hecker, na década de 1930, especificamente os artigos e editorias que tratavam da questão ciência e espiritismo. Através deste recorte temporal e temático buscamos preencher parte desta lacuna, dada a importância do *Jornal Espírita* de Paulo Hecker, para a história do Espiritismo em Porto Alegre, na década de 1930, período no qual reuniu um grupo expressivo de intelectuais espíritas e firmou-se como um reconhecido meio de difusão de seus princípios. Ao mesmo tempo que por meio do jornal, pudemos analisar as representações em torno da ciência, um assunto ligado à história do Espiritismo no Brasil, marcada, muitas vezes, pela polarização em torno de grupos espíritas classificados de científicos e místicos, mas pouco estudado a nível local.

Ao realizarmos a caracterização do *Jornal Espírita* verificamos que se tratava de um periódico de expressão entre os espíritas de Porto Alegre, com circulação contínua desde 1918 até 1943, e que, na década de 1930, não se furtou de tratar diversos temas relacionados ao Espiritismo, como a recorrente questão da cientificidade da doutrina. Acreditamos que este periódico constituiu-se num meio importante de difusão da natureza científica da doutrina espírita, recuperando na defesa de sua cientificidade, discursos que remetem o século XIX, até tentativas de identificação com a conjuntura histórica da década de 1930, através das concepções de modernidade e de revolução.

Ao considerarmos o *Jornal Espírita* de Paulo Kecker como fonte e objeto da nossa investigação, conseguimos realizar a identificação minuciosa de seus articulistas e um aprofundamento de análise. Esta abordagem foi capaz de revelar que o jornal reunia, a exemplo de seu diretor-proprietário, advogado e farmacêutico, um expressivo número de profissionais, ligados às classes médias urbanas, tais como engenheiros, advogados, farmacêuticos, militares, professores, funcionários públicos, médicos, contabilistas e

jornalistas; uma elite intelectual, envolvida na difusão das idéias espíritas, em torno, inúmeras vezes, da identificação do Espiritismo com a ciência.

A despeito da sua face religiosa e filosófica, a doutrina espírita era apresentada pelos articulistas, para os adeptos e os leigos, como uma ciência, á semelhança de ciências como a física ou a química. Num momento que consideramos de difusão do Espiritismo, com palestras nos teatros da capital, acreditamos que esta afirmação revela não somente a influência das teorias sociais do século XIX – positivismo, evolucionismo,..- de forte viés racionalista, na argumentação dos diversos articulistas, mas objetivava reforçar a identificação do Espiritismo como um saber científico, num contexto intelectual local ainda marcado por estas mesmas correntes teóricas. Uma identificação que foi destacada mesmo quando os articulistas teceram críticas ao materialismo e ao positivismo, dado que não propuseram uma ruptura do Espiritismo com a ciência, mas uma ampliação do seu campo de análise, um “positivismo espiritual”.

Pudemos perceber, também, que a definição do Espiritismo como uma ciência, reforçada nos artigos e editoriais do *Jornal Espírita*, guardava relação direta com a conceituação dada por Allan Kardec para o Espiritismo, que o entendia como um conhecimento científico. Esta constatação foi amplamente sustentada a partir da contabilização dos textos do jornal que tratavam da questão da ciência e do Espiritismo, que via de regra associava a doutrina espírita a idéia de uma ciência, principalmente, se considerarmos a categoria que dominamos “O Espiritismo identificado com a ciência” que totalizam 69,6 % dos artigos e editoriais analisados. O mesmo se deu quando analisamos os textos incluídos na categoria “O Espiritismo como crítica à ciência”, que reuniu as objeções dos articulistas aos cientistas e à ciência oficial, que apesar do ataque desferido às instituições e aos representantes do saber acadêmico, buscava constantemente afirmar seu *status* científico.

A partir da utilização análise de conteúdo (AC) pudemos fazer uma identificação das formas de entrada no tema, o que nos permitiu um aprofundamento do estudo. O corte vertical que realizamos, posteriormente, foi capaz de revelar como os articulistas viam a relação do Espiritismo com ciência, os outros grupos pretensamente científicos, e aqueles ligados à ciência oficial, bem como os argumentos através dos quais os espíritas procuravam reafirmar a representação do Espiritismo como uma ciência.

Após a divisão das cinco formas de abordagem da questão ciência e espiritismo – “O Espiritismo e materialismo”, “O Espiritismo e o ataque aos cientistas”, “O Espiritismo, metapsíquica e a parapsicologia”, “O Espiritismo como uma ciência singular” e “O

Espiritismo como herdeiro da tradição científica” – pudemos perceber que os articulistas, na intenção de apresentar o Espiritismo como um conhecimento supostamente científico, foram capazes tanto de incorporar novos elementos para reafirmar a cientificidade de seu conhecimento, como a metapsíquica de Charles Richet, quanto evocar exemplos de experiências consideradas científicas, como as de William Crookes, da segunda metade do século XIX, além de procurar construir uma narrativa que fazia do Espiritismo herdeiro de uma tradição científica, que remetia ao século XVI, e de Allan Kardec um novo Isaac Newton.

As subcategorias criadas como resultado da leitura intensiva dos artigos e editoriais do *Jornal Espírita* não só tornou possível apreender os diversos argumentos utilizados pelos articulistas para (re)afirmar a natureza científica do Espiritismo, num primeiro momento difíceis de distinguir, devido às interligações que há entre eles, mas que nos permitiu, também, ultrapassar uma perspectiva que simplesmente classificava parte dos espíritas como científicos, mas não investigava mais intensamente seus argumentos e a imprensa engajada como forma de difusão desta perspectiva.

Assim, pudemos perceber que a ciência espírita, segundo os articulistas do jornal, era apresentada como contrária ao materialismo, ao radicalismo em torno da ciência proposto pelo positivismo, mas não aos métodos das ciências, que na perspectiva defendida pelos colaboradores do jornal, deveriam ser aplicados aos fenômenos espíritas. Um argumento em consonância com os postulados de Allan Kardec, e que apesar da crítica ao ceticismo positivista, encontrava um ambiente propício no contexto ideológico do Estado, com forte inspiração racionalista, onde espíritas como Paulo Hecker, tinham tido vinculações com o positivismo.

Ao analisarmos os diversos argumentos reunidos na categoria “O espiritismo como crítica a ciência” constatamos, ainda, a recorrente objeção à postura da ciência oficial, e a alguns de seus representantes, que segundo os articulistas, estavam ligados àquilo que eles classificaram de “dogmatismo científico”, recuperando nesta crítica as históricas experiências de Crookes e de outros cientistas, consideradas pelos colaboradores do jornal, como definitivas.

Quanto aos artigos e editoriais que compõem a categoria “O Espiritismo identificado com a ciência”, podemos do mesmo modo, observar a diversidade de argumentos para (re)afirmar a cientificidade da doutrina espírita. No caso da metapsíquica, constatamos a continuidade de um tipo de argumento utilizado, no final do século 19, para defesa dos espíritas contra a ação policial no Rio de Janeiro, e que, a nível local, foi apresentada pelo

editorialista, também, como uma forma de reatualizar a cientificidade do espiritismo. O editor-proprietário do jornal chegou mesmo a estabelecer uma associação direta entre as experiências realizadas pela metapsíquica e aquelas realizadas pelo espiritismo experimental, tomando-os como sinônimos, desconsiderando, muitas vezes, as diferenças apontadas pelo próprio Richet e outros articulistas. Esta flagrante intenção do editorialista de se aproximar da metapsíquica em busca de uma suposta legitimação científica se repetiu quando os articulistas trataram das especificidades da ciência espírita, que apesar das diferenças metodológicas, apontadas, era enquadrada como uma ciência semelhante à física. E principalmente, na tentativa de estabelecer uma genealogia que remonta ao século XVI, e que tem no Espiritismo, no século XIX, o ápice deste processo. Um momento histórico tido pelos articulistas como revolucionário, e que fez com que os articulistas, na década de 1930, se identificassem com a conjuntura histórica brasileira e não poupassem elogios a Getúlio Vargas, considerado moderno e revolucionário, assim como os espíritas.

Por fim, a análise dos artigos e editoriais do *Jornal Espírita* realizada nesta dissertação foi capaz de revelar a repercussão, a nível local, de temas nacionais ligados a história do Espiritismo, ainda pouco explorados, como, por exemplo, a questão da metapsíquica e da modernidade e de identificar as leituras que fizeram do espiritismo os intelectuais espíritas porto-alegrense ligados ao jornal de Paulo Hecker, na década de 1930, principalmente, como forma de reforçar sua cientificidade. Apesar de suas limitações, no tocante a uma melhor exploração do contexto, acreditamos que esta análise abre caminhos para investigações acerca da história do Espiritismo no Estado, tendo como fonte/objeto de estudo a imprensa espírita.

## Referências Bibliográficas

### 1. Jornais e Revistas

*Jornal Espírita* – Anos: 1931, 32, 33, 35, 36, 38, 39 e 40

*Revista A Reencarnação* – Ano: 1971, 1999, 2004

*Revista A Evolucion* – Ano: 1979

*Jornal Mundo Espírita* – Ano: 1988

*Revista Internacional do Espiritismo* – Ano: 1930

### 2. Anais e históricos

Anais da SEAK [Sociedade Espírita Allan Kardec]: cinquentenário de sua fundação 1894-1944. Liv. Continente, Voluntários da pátria, 51. Porto Alegre.

Síntese histórica da SEAK: de 13 de julho de 1894 a 06 de abril de 1976. R. Gal. Andrade Neves, 60. Porto Alegre.

### 3. Livros e Teses

**ALVES**, Francisco das Neves. *Imprensa & História no Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Fundação Universidade de Rio Grande, 2001.

**ANDRADE**, Mario Celso de. *O Gabinê fluidificado e a fotografia dos espíritos no Brasil. A representação do invisível no território da arte em diálogo com a figuração de fantasmas, aparições luminosas e fenômenos paranormais*. Tese de doutorado no Departamento de Artes Plásticas da USP. São Paulo, 2008.

**ALMEIDA**, Angélica Aparecida Silva de. *Uma fábrica de loucos: Psiquiatria x Espiritismo no Brasil (1900-1950)*. Tese de doutorado do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Campinas, SP, 2007.

**ARRIBAS**, Célia da Graça. Espíritas e católicos: os “adversários cúmplices” na formação do campo religioso brasileiro. *Debates do NER*, Porto Alegre, Ano: 10, nº 15, p. 13-38, jun. 2009.

**BARDIN**, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Porto Alegre : Edições 70, 1977.

**BORGES**, Maria Eliza Linhares. *História & Fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

**BOURDIEU**, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato. *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

**BULHÕES**, Maria Amélia. Saudáveis oportunismos ou reflexões sobre a modernidade e pós-modernidade na América Latina. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, vol. XXVI, nº 2, p. 151-168, dezembro 2000.

**BURKE**, Peter. *O que é História Cultural?* (Tradução: Sergio Goes de Paula). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

**BOFF**, Angélica Bersch. *Espiritismo, alienismo e medicina: ciência ou fé. Os saberes publicados na imprensa gaúcha da década de 1920*. Dissertação de Mestrado em História, UFRGS, Porto Alegre, 2001.

**CAMARGO**, Cândido Procópio F. de Camargo. *Católicos, protestantes, espíritas*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1973.

**CHARTIER**, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. (Tradução de Maria Manuela Galhardo). Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1990.

**CONSTANTINO**, Núncia Santoro de. Pesquisa Histórica e Análise de Conteúdo. Pertinências e Possibilidades. *Estudos Ibero-Americanos*, V. XXVIII, nº 1, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

**COSTA**, Flamarion Laba da. *Onde o diabo agia na sociedade brasileira segundo a Igreja Católica na primeira metade do século XX*. Guairacá, Guarapuava, PR, nº 18, p.41-59, 2002.

**CLEMENTE**, Elvo (org.). *Breve Histórico da Imprensa Sul-Rio-Grandense*. Porto Alegre: Corag, 1986.

**D'ARAGONA**, Mariano Rango. *Simulador do Cristo? O Triunfo de Allan Kardec e o fim de J. B. Roustaing*. Rio de Janeiro: Gráfica Metrópole, 1942.

**DAMAZIO**, Sylvia F. *Da Elite ao Povo. Advento e expansão do Espiritismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1994.

**DARTON**, Robert. *O lado oculto da revolução: Mesmer e o final do Iluminismo na França*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

**DELANNE**, Gabriel. *O Espiritismo perante a ciência*. (Tradução Carlos Imbassahy). Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1939.

**DELANE**, Gabriel. *A Reencarnação*. (Tradução Carlos Imbassahy). Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1992.

**DIAS**, José Roberto de Lima. *A Evolução: Instrumento cultural da imprensa espírita no final do século XIX em Rio Grande*. Monografia de Especialização, FURG, 2003.

**DOYLE**, Arthur Conan. *História do Espiritismo*. Trad. Júlio Abreu Filho. São Paulo: Editora Pensamento, s/d.

**ELIADE**, Mircea. *O sagrado e o profano*. (Tradução Rogério Fernandes). São Paulo: Martins Fontes, 1992.

**ELMIR**, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. *Cadernos do PPGH em História* (UFRGS), Porto Alegre, vol. 13, p 19-29, 1995.

**ESPIG**, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, PUCRS, vol. XXIV, nº 2, dez. 1998.

**FABRIS**, Annateresa. A Invenção fotográfica: repercussões sociais. In: FABRIS, Annateresa.(org.) e outros. *Fotografia. Usos e funções no século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1998.

*Fatos Espíritas observados por William Crookes e outros sábios com uma carta dirigida ao tradutor, em fevereiro de 1897, pelo eminente criminalista Cesar Lombroso.* (Tradução de Oscar D'Argonnel). Rio de Janeiro: FEB, 1971.

**FERNANDES**, Mario Luiz. *República de penas e espadas: o discurso da imprensa Republicana Catarinense*. Tese de Doutorado. Faculdade de Comunicação Social, Porto Alegre: PUC-RS, 2007.

**FERREIRA**, Juliana Mesquita Hidalgo & **MARTINS**, Roberto de Andrade. As investigações de William Crookes sobre fenômenos espiritualistas com médiuns e suas pesquisas sobre o efeito radiométrico na década de 1870. p. 169-199. In: ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria & BELTRAN, Maria Helena Roxo (orgs). *O laboratório, a oficina e o ateliê: a arte de fazer o artificial*. São Paulo: EDUC, 2002.

**FIGUEIREDO**, Paulo Henrique de. *Mesmer, a ciência negada e os textos escondidos*. (Tradução do francês dos textos de Mesmer de Álvaro Glerean). Bragança Paulista, SP: Lachâtre, 2005.

**FRANCISCO**, Henrique Sugahara. Horrrosos, atrasados, incivilizados e degenerados: os feiticeiros e curandeiros negros no periódico paulistano (1900-1930). *Revista Eletrônica do Estado*, 2008.

Disponível em:

<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao25/materia01/texto01.pdf>

**GERTZ**, René E. *Memórias de um Imigrante Anarquista*. Porto Alegre: Ed. La Salle, 1989.

**GIL**, Marcelo Freitas. *Trabalhadores, maçonaria e espiritismo em pelotas: 1877 -1937*, IV Jornada do GT Mundos do Trabalho, outubro de 2007, p. 314 Disponível em: [http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/IVJornadaGTMundosdoTrabalho/completos/Marcelo\\_Freitas\\_Gil.pdf](http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/IVJornadaGTMundosdoTrabalho/completos/Marcelo_Freitas_Gil.pdf)

**GOMES**, Ângela de Castro. & **FERREIRA**, Marieta de Moraes. Primeira Republica: um balanço historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 4, 1989, p. 244-280.

**GIUMBELLI**, Emerson. *O Cuidado dos Mortos. Uma História da Condenação e legitimação do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

\_\_\_\_\_. Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. *Rev. Antropologia*, vol. 40 nº 2, p.31-82, 1997.

**HECKER**, Paulo. *Espiritismo. Tese a ser apresentada ao 1º Congresso Espírita Panamericano de Buenos Aires*. Porto Alegre: Livraria Continente, 1944.

**IMBASSAHY**, Carlos. *O Espiritismo à luz dos fatos*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1989.

**INCONTRI**, Dora. *Personagens e lideranças espíritas do Brasil-Império ao Brasil-República*. A recuperação de um diálogo histórico, 2008. Disponível em: <http://pedagogiaespírita.org.br/texto/13htm>

**ISAIA**, Artur César. *A questão social nas obras da codificação espírita*. In: Anais da XXIII da SBPH. Curitiba, 2003.

\_\_\_\_\_. *Práticas mediúnicas e preconceito racial nos registros de João do rio e Coelho Neto*. IN: Anais da XXIV Reunião da SBPH. Curitiba, 2004.

\_\_\_\_\_. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

\_\_\_\_\_. *Espiritismo, modernidade e discurso médico-psiquiátrico: a tese de Brasília Marcondes Machado na Faculdade de medicina do Rio de Janeiro*. Comunicação apresentada na reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH), 2006. Disponível em: <http://sbph.org/reuniao/26/grupos/Historia-Religoes-Praticas-Religiosas/>

**JOBIM**, Danton. *Espírito do Jornalismo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.

**KARDEC**, Allan. *O Livro dos Espíritos*. (Tradução de Salvador Gentile). São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1985.

\_\_\_\_\_. *A Gênese. Os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. (Tradução de Guillon Ribeiro.) Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1985.

\_\_\_\_\_. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1998.

\_\_\_\_\_. *Obras Póstumas*. (Tradução de Guillon Ribeiro). Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1990.

\_\_\_\_\_. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. (Tradução de Salvador Gentile). São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1996.

\_\_\_\_\_. *O Livro dos Médiuns*. (Tradução de Guillon Ribeiro). Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1987.

**KOSSOY**, Boris. *Realidades e ficções na trama Fotográfica*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

**LEWGOY**, Bernardo. *O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

\_\_\_\_\_. Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista. Antigas e novas configurações. *Civitas*, Porto Alegre, v. 6, n.2, jul.-dez. 2006, p.151-167.

**LUCA**, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: Pinsky, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

**MACHADO**, Fátima Regina. *Parapsicologia no Brasil: entre a cruz e a mesa branca*. Disponível em: [http://www.ceticismoaberto.com/paranormal/parapsicologia\\_brasil.htm](http://www.ceticismoaberto.com/paranormal/parapsicologia_brasil.htm).

**MACHADO**, Ubiratan. *Os intelectuais e o Espiritismo*. Niterói: Publicações Lachâtre, 1997.

**MAGALHÃES**, Samuel Nunes. *Charles Richet. O Apóstolo da Ciência e do Espiritismo*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2007.

**MARIANI**, Bethania Sampaio Corrêa. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico – A Revolução de 30. In: **INDURSKY**, Freda e **FERREIRA**, Maria Cristina Leandro (org.). *Os Múltiplos Territórios da Análise do Discurso*. Coleção Ensaios vol. 12. Porto Alegre: Ed. Sagra Luzzatto, 1999.

**MEDINA**, Ceres de Carvalho. Reflexões sobre o Pensamento de Allan Kardec. *Revista Nures* (PUCSP), n.3 maio/set. 2006.

**MELO**, José Marques. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1985.

**MIGUEL**, Sinuê Neckel. *Espiritismo Unificado: Movimento espírita brasileiro e suas relações com o Estado (1937-1951)*. Monografia de conclusão do Curso de História/ UFRGS. Porto Alegre, 2007.

**MORAES**, Roque. Análise de Conteúdo. *Revista Educação*, nº 37. Porto Alegre: 1999.

**ORO**, Ari Pedro. Considerações sobre a liberdade religiosa no Brasil. *Revista Ciência e Letras*, Porto Alegre, nº 37, p. 433-447, jan./jun. 2005.

**PESAVENTO**, Sandra. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

**PORTO**, Sérgio Dayrell (org). *O Jornal. Da forma ao sentido*. (Tradução Sergio Grossi Porto). Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2002.

**RABAÇA**, Carlos Alberto. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

**RAMOS**, Maurivam Guntzel. *Análise de Conteúdo e Análise de Discurso: Comparando Concepções e Procedimentos*. Mimeo, s/d.

**RANIERI**, R. A. *Materializações luminosas*. São Paulo: LAKE, s/data.

**RICHET**, Charles. *Tratado de Metapsíquica*. (Tradução Maria José Marcondes Pestana e João Teixeira de Paula). Vol. I e II. São Paulo: LAKE, s/data.

**RODRÍGUEZ**, Ricardo Vélez. Castilhismo: uma filosofia da República - atualidade da doutrina de Julio de Castilhos, no centenário da sua morte. In: **AXT**, Günter. *Júlio de Castilhos e o paradoxo republicano*. Porto alegre: Nova Prova, 2005. Coleção Sujeito & Perspectiva, Vol. 1.

**RÜDIGUER**, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993.

**SARGENT**, Epes. *Bases científicas do Espiritismo*. (Tradução da 6ª edição inglesa por F. R. Ewerton Quadros). Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1989.

**SCHMIDT**, Benito Bisso. O Deus do progresso: a difusão do cientificismo no movimento operário gaúcho da I República. *Rev. Bras. Hist.*, vol. 21, nº 41, p.113-126, 2001.

**SCOTON**, Roberta Muller Scafuto. A “loucura espírita” em Juiz de Fora – MG. *Anais Eletrônicos do XIV Encontro Regional de História ANPUH-MG*. Juiz de Fora, 2004.

**SILVA**, Fábio Luiz da. Espiritismo à brasileira. *Revista Espaço Acadêmico*. Ano: II nº17, outubro de 2002.

**SILVA**, Eliane Moura. *Reflexões teóricas e históricas sobre o Espiritualismo entre 1850-1930*. São Paulo, 1997. Disponível em: [www.unicamp.br/elmoura](http://www.unicamp.br/elmoura)

\_\_\_\_\_. *O Espiritualismo no século XIX: Reflexões teóricas e históricas sobre correntes culturais e religiosidade*. Unicamp, textos didáticos, nº 27, maio de 1997.

**SILVA**, Eliane Moura. *Vida e morte: o homem no labirinto da eternidade*. Tese de Doutorado em História, UNICAMP, Campinas, 1993.

**SOARES**, Rogers Teixeira. *Ciência e Progresso na Cosmologia Espírita*, 2007. Disponível em: <http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/CPCE.pdf>.

**STRELOW**, Aline do Amaral Garcia. *Pato Macho. Uma experiência alternativa*. Dissertação de Mestrado defendida na PUC-RS. Porto Alegre, 2003.

**TRAQUINA**, Nelson (org.). *Questões, teóricas e “estórias”*. Lisboa: Veja, 1999.

\_\_\_\_\_, Nelson. *O Estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Unisinos, 2005.

**WANTUIL**, Zeus. *Grandes Espíritas do Brasil*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1943.

**WEBER**, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense – 1889/1928*. Santa Maria: Ed. Da UFSM; Bauru: EDUSC – Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

## **ANEXOS**

## ANEXO A

### Espiritismo

#### ***Trajatória histórica no Brasil***

**1853:** As primeiras notícias sobre as mesas girantes foram veiculadas na imprensa do Brasil. O *Jornal do Comércio*, no Rio de Janeiro, publicou artigo do Dr. José da Gama e Castro.

**1854:** No jornal *O Cearense* se empregou pela 1º vez a palavra **médium** na imprensa brasileira.

**1860:** Casimir Lieutaud (destacado membro da colônia francesa no Brasil, homem de cultura, contista e diretor do Colégio Francês) publicou o 1º livro espírita no Brasil – *Les Temps sont Arrivés*.

**Observação:** O Espiritismo na Corte é praticamente neste momento monopólio da colônia francesa. Foram Casimir Lieutaud, Adolphe Hubert (editor do *Courrier du Brésil*), Morin e a médium psicógrafa madame Perret Collard os responsáveis pela introdução da doutrina espírita no Brasil. O espiritismo também vinha enlaçado às mais modernas doutrinas liberais. Em particular ao socialismo, as teorias de Charles Fourier e Pierre Leroux.

**1862:** Alexandre Canu (materialista francês, convertido ao espiritismo) traduziu a primeira obra de Allan Kardec para o português – *O Espiritismo*. A tiragem atingiu principalmente Portugal. Canu traduziu também *Le Spiritisme à Sa Simple Expression*.

**1863:** Manuel Araújo Porto Alegre, Barão de Santo Ângelo, recebeu de Allan Kardec um número da *Revue Spirite* enviado de Paris. O Barão era adepto da doutrina dos espíritos, mas com discrição.

**Observação:** Porto Alegre confidenciou mais tarde que a própria princesa Isabel lhe pedira para saber quem era seu protetor.

**17.09.1865:** Fundado em Salvador, Bahia, o **1º Grupo Espírita do Brasil: O Grupo Familiar do Espiritismo** pelo Dr. Luís Olímpio Telles de Meneses. Telles de Meneses era jornalista e professor.

**1866:** Luís Olímpio Teles de Meneses publica em Salvador a sua tradução da *Filosofia Espiritualista: o espiritismo. Introdução ao estudo da doutrina espírita*, que continha trechos selecionados do Livro dos Espíritos (esta edição atingiu 1.000 exemplares). Ao mesmo tempo em São Paulo, pela Tipografia Literária era publicado: *O espiritismo reduzido a sua mais simples expressão*, sem indicação de autor.

**1866:** J.B. Roustaing publica *Os quatro evangelhos*. Obra de exegese bíblica, recebida com cautela por Allan Kardec.

**1867:** O Dr. Luís Olímpio escreveu a primeira formulação brasileira sobre o espiritismo: *O espiritismo: carta ao excelentíssimo e reverendíssimo senhor arcebispo da Bahia, d. Manuel Joaquim da Silveira*.

**1869:** Entrou em circulação em Salvador o 1º jornal espírita brasileiro – *O Echo D’Além-Túmulo*. Sob a responsabilidade de Luís Olímpio Telles de Meneses.

**1870:** Roustaing envia *Os quatro evangelhos* ao Dr. Luís Olímpio Telles de Meneses, que registrou no Echo D’Além-Túmulo.

**1870:** O Manifesto Republicano deste ano trazia nomes de espíritas como Bittencourt Sampaio, Otaviano Hudson e de Antônio Silva Neto. Além de simpatizantes como Quintino Bocaiúva e Saldanha Marinho.

**Observação:** Os espíritas do período eram, de um modo geral, republicanos, abolicionistas e liberais. Um exemplo deste tipo de vinculação, está no fato de que em 1884 a Federação Espírita Brasileira (criada neste ano) fez uma subscrição popular para alforriar escravos.

**24.08.1871:** O espiritismo fez sua primeira tentativa de ser reconhecido oficialmente. O Dr. Luís Olímpio Telles de Meneses solicitava a aprovação para os estatutos e a autorização para funcionamento da *Sociedade Espírita Brasileira*. A aprovação foi taxativamente negada. **Este fato marca o deslocamento das lutas dos espíritas da Bahia para o Rio de Janeiro.**

**1873:** Criação no Rio de Janeiro da **Sociedade de Estudos Espíritas- Grupo Confúcio**. Presidida por Silva Neto. Nela receitava-se homeopatia e davam-se passes. Este grupo foi responsável pela tradução das obras básicas do espiritismo. Estas traduções foram editadas sob o patrocínio do editor Garnier, na época o maior do Brasil.

**1874:** Saiu a tradução de *A Fórmula do Espiritismo*, do Alverico Peron. Autor espanhol que na época influenciou os espíritas brasileiros, principalmente, devido a repressão pelo clero.

**1874:** Repercussão entre os espíritas brasileiros do celebre “Processo dos espíritas”. Processo movido contra Pierre-Gaetan Leymarie (substituto de Kardec como editor da *Revue Spirite*) e o fotógrafo Buguet. Ambos foram condenados a um ano de prisão por fraudarem as fotografias obtidas de espíritos com clientes da *Revue Spirite*. Buguet posteriormente admite que fraudou as fotografias e inocenta Leymarie.

**1875:** O editor Garnier lançou por iniciativa do Grupo Confúcio: *Como e porque me tornei espírita* de J. B. Borneau, e três das obras básicas do espiritismo: *O Livro dos Espíritos*, *O*

*Céu e o Inferno e O livro dos Médiuns* com tradução do Dr. Joaquim Carlos Travassos. Carlos Travassos era secretário do Grupo Confúcio.

**1875:** Antônio Silva neto, Presidente da Sociedade de Estudos Espíritas, Grupo Confúcio, lançou a *Revista Espírita*, que durou apenas seis números.

**1876:** O Grupo Confúcio foi dissolvido.

**1876:** Criação no Rio de Janeiro, pelos antigos membros do Grupo Confúcio, **da Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade**, dirigida por Bittencourt Sampaio. Mais tarde transformada em **Sociedade Acadêmica de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade**, sob o comando do Prof. Angeli Torterolli.

**1876:** Foi traduzido *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, pela editora de Garnier, tendo como tradutor o Dr. Joaquim Carlos Travassos.

**1877:** Criação no Rio de Janeiro da Congregação Espírita Anjo Ismael.

**1878:** Criação no Rio de Janeiro do Grupo Espírita Caridade. Este e o grupo Congregação Espírita Anjo Ismael(1877), surgiram das divergências existentes entre os membros da Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade.

**1880:** Criação no Rio de Janeiro da **Sociedade Espírita Fraternidade**. Mais tarde este grupo daria origem ao **Grupo dos Humildes** ou grupo de “Sayão”, liderados por Antônio Luiz Sayão, e depois transformado em Grupo Ismael, após a sua incorporação a FEB.

**Observação:** A **Sociedade Espírita Fraternidade** transformou-se algum tempo depois em **Sociedade Espírita Psicológica Fraternidade**. Dedicou-se a face científica do espiritismo, com experimentações de hipnotismo, efeitos físicos e materialização. Dissolveu-se em 1893

**1881:** Criação do Grupo Espírita Humildade e Fraternidade a partir da Sociedade Espírita Fraternidade.

**1883:** Tradução pelo Major Everton Quadros( que iria a ser o 1º Presidente da FEB) de *Os Quatro Evangelhos* de Roustaing.

**1883:** Fundação do jornal *O Reformador* pelo fotógrafo português Augusto Elias da Silva. Semanário destinado a difundir a doutrina espírita. Passaria este jornal, no ano seguinte, a ser o órgão oficial de divulgação da FEB.

**1884: Fundação da Federação Espírita Brasileira(FEB) no Rio de Janeiro.** Cujo primeiro presidente foi o major Francisco Raimundo Everton Quadros. Maranhense, foi diretor do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro e Comandante da Escola Naval. Reformado no posto de marechal em 1895, tornou-se o sexto presidente do Clube Militar.

**Observação:** Existiram outras instituições com os mesmos objetivos e o mesmo caráter da FEB, mas que não a superaram em importância e representatividade.

De 1881 a 1894 a União Espírita do Brasil (desativada no intervalo de 1884 a 1887),

De 1895 a 1898 a União Espírita de Propaganda do Brasil,

De 1926 a 1949 a Liga Espírita do Brasil

**16.08.1886:** O Dr. Adolfo Bezerra de Menezes anunciou publicamente sua adesão ao espiritismo no Salão da Guarda Velha no Rio de Janeiro, diante de um público de 2.000 pessoas.

**1887:** Sob o pseudônimo de Max, o Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, começou a publicar uma longa série de artigos no jornal *O Paiz* (maior jornal da época), cujo editor era Quintino Bocaiúva. A sua participação na coluna intitulada “Espiritismo” continuou até 1894.

**1889:** Criação do **Centro Espírita do Brasil** com o apoio do Dr. Bezerra de Menezes. O centro funcionava no prédio da FEB, mas com direção autônoma. O este Centro Espírita do Brasil foi a reorganização do **Centro de União Espírita do Brasil** fundado por Angeli Torterolli, em 1881, na Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade. Em uma terceira fase passou a denominar-se **Centro da União de Propaganda do Brasil**.

**1889:** Assume a Presidência da FEB o Dr. Bezerra de Menezes

**1895:** Reassume a Presidência da FEB o Dr. Bezerra de Menezes.

## ANEXO B



**Ilustração 4** - Paulo Hecker, em 1957. Conferência pública comemorativa do Centenário da Codificação do Espiritismo.

**FONTE:** Álbum histórico da Federação Espírita do Rio Grande do Sul (FERGS).



**Ilustração 5** - Paulo Hecker em 1951. Sessão de encerramento do 2º Congresso Espírita do Rio Grande do Sul.

**FONTE:** Álbum do 2º Congresso Espírita do Rio Grande do Sul, pertencente ao acervo da FERGS.

